



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

RITA DE CÁSSIA EVANGELISTA DOS SANTOS

**A REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA EM JORGE AMADO: MEMÓRIA,
IMAGINAÇÃO E IDENTIDADE PELO PRISMA DA GEOLITERATURA**

GOIÂNIA – GO

2017

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

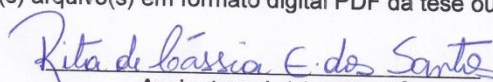
Nome completo do autor: Rita de Cássia Evangelista dos Santos

Título do trabalho: A região cacauieira da Bahia em Jorge Amado: memória, imaginação e identidade pelo prisma da geoliteratura.

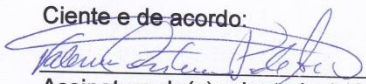
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ **SIM** ☐ **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 30 / 10 / 2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

RITA DE CÁSSIA EVANGELISTA DOS SANTOS

**A REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA EM JORGE AMADO: MEMÓRIA,
IMAGINAÇÃO E IDENTIDADE PELO PRISMA DA GEOLITERATURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Professora Dr. Valéria
Cristina Pereira da Silva

Goiânia - GO

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa
de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Rita de Cássia Evangelista dos

A região cacauera da Bahia em Jorge Amado: memória, imaginação e
identidade pelo prisma da geoliteratura [manuscrito] / Rita de
Cássia Evangelista dos Santos. - 2017.

160 f.: il.

Orientador: Profa. Valéria Cristina Pereira da Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de
Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Goiânia, 2017.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Cacau. 2. Região cacauera. 3. Narrativa amadiana. 4. Identidade
grapiúna. I. Silva, Valéria Cristina Pereira da, orient. II. Título.

CDU 911



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Rita de Cássia Evangelista dos Santos

Aos dezesseis dias do mês de setembro do ano de dois mil e dezessete (2017), a partir das 09h, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de Rita de Cássia Evangelista dos Santos, intitulada: "A região cacauzeira da Bahia em Jorge Amado: memória, imaginação e identidade pelo prisma da geoliteratura". A banca examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 084/2017 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: **Prof.ª Dr.ª Valéria Cristina Pereira da Silva** (Presidente), **Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro** (membro titular interno) e **Prof.ª Dr.ª Angelita Pereira de Lima** (membro titular externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. Às 12:00h horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo a candidata obtida os seguintes resultados:

Prof.ª Dr.ª Valéria Cristina Pereira da Silva (Presidente) – Ass.

Aprovada (☒) Reprovada ()

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro – Ass.

Aprovada (☒) Reprovada ()

Prof.ª Dr.ª Angelita Pereira de Lima – Ass.

Aprovada (☒) Reprovada ()

Resultado final: Aprovada (☒) Reprovada ()

Houve alteração no Título? Sim () Não (☒)

Em caso afirmativo, especifique o novo título: _____

Outras observações: _____

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria.....

Luana de Castro Amorim
Assistente em Administração
Instituto de Estudos Socio Ambientais
Matrícula: 2357313

Rita de Cássia Evangelista dos Santos

**A REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA EM JORGE AMADO: MEMÓRIA,
IMAGINAÇÃO E IDENTIDADE PELO PRISMA DA GEOLITERATURA**

BANCA EXAMINADORA

Valéria Cristina Pereira da Silva (IESA/UFG)

Orientadora

Eguimar Felício Chaveiro (IESA/UFG)

Angelita Pereira de Lima (FIC/UFG)

Dedico esta Dissertação ao meu amado Deus que me permitiu construí-la entre aulas (assistidas e ministradas), reuniões de trabalho, viagens cansativas e muitas saudades de familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

E eis que chega o momento mais lindo, o momento de agradecer!

Por isso, agradeço imensamente ao meu amado Deus que em tudo me sustenta, me fortalece e me anima a continuar na caminhada da vida. Agradeço a Ele por me proporcionar mais esta graça e pela proteção durante todo o processo. Árduo processo...

Agradeço aos meus pais que mesmo na nossa condição humilde souberam me ensinar as mais valiosas lições da vida e a buscar os sonhos.

Agradeço imensamente à minha orientadora Dr^a Valéria Cristina Pereira da Silva por aceitar orientar este trabalho quase a distância. O que seria de mim se não fossem as suas ideias? Obrigada pela seriedade na condução da orientação. Serei eternamente grata.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação pela atenção dispensada a mim durante todo o período de mestrado. Muito obrigada por serem tão solícitos nas minhas demandas dada a minha distância física.

Agradeço ao professor Eguimar Felício Chaveiro e a professora Angelita Pereira de Lima pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

Um sincero muito obrigada à família Pacheco principalmente aos meus primos Luís, Sônia e Eliana que me acolheram em sua casa em todas as vezes que necessitei de abrigo em Goiânia. Deus os cubra de graças e bênçãos.

Muito obrigada aos (às) meus (as) colegas/amigos (as) do IFBA campus Barreiras pelo apoio e palavras de incentivo. Obrigada a todos (as) aqueles (as) que me ajudaram diretamente principalmente na fase das disciplinas, trocando seus horários comigo e em muitos casos, ficando com as minhas turmas enquanto eu viajava semanalmente para cumprir os créditos. Não citarei nomes sob pena de esquecer algum, afinal foram tantos.

Agradeço à minha amiga Rubia Elza, amizade construída no decorrer do mestrado, pelo apoio, companheirismo, dicas e palavras de incentivo.

RESUMO

Neste trabalho abordamos a região cacaueira da Bahia a partir do olhar de Jorge Amado. Procuramos no diálogo entre geografia e literatura ampliar as discussões sobre a região cacaueira com base na obra amadiana sob a perspectiva da geografia humanista. A narrativa amadiana sobre o cacau é rica em detalhes sobre a formação dessa porção do espaço baiano sob o signo do cacau e sobre a forte relação estabelecida entre o povo e este cultivo. Dessa forma, partimos da hipótese de que a narrativa amadiana pode ser lida geograficamente como espaço vivido, capaz de oferecer à região cacaueira da Bahia uma identidade, a identidade grapiúna e essa narrativa é também geradora e alimentadora de um imaginário social, difundindo esta região enquanto uma região cultural. Além disso, abordamos também o deslocamento dessa região através da narrativa amadiana ampliando esse imaginário. A análise foi constituída a partir das obras *O menino grapiúna* (1982), *Terras do Sem Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944). Essas obras juntas, compõem uma interessante narrativa a respeito da referida região com base na memória e vivência do autor. A partir da análise dessa narrativa foi possível identificar uma formação regional com base na violência e no desmando. Ao mesmo tempo, identifiquei uma forte relação do povo com a terra e com o cacau. Jorge Amado, através da sua narrativa, deixa aflorar, mesmo nas tensões do cotidiano, uma tofília a partir dos personagens que, de alguma forma, é também a sua própria tofília e a minha. Utilizamos como percurso metodológico a interpretação do texto literário, deixando-o falar à sua própria maneira, correlacionando-o com o discurso científico.

Palavras-chave: Cacau; região cacaueira; narrativa amadiana, identidade grapiúna.

ABSTRACT

In this work we approach the cocoa region of Bahia from Jorge Amado's gaze. We seek in the dialogue between geography and literature to amplify discussions on the cocoa region based on the Amadian work from the perspective of humanistic geography. The Amadian narrative on cocoa is rich in details about the formation of this portion of the Bahian space under the sign of cocoa and on the strong relationship established between the people and this crop. In this way, we start from the hypothesis that the Amadian narrative can be read geographically as a lived space, capable of offering the cocoa region of Bahia an identity, the grapiúna identity and this narrative is also generating and feeding a social imaginary, spreading this region while a cultural region. It is also discussed the displacement of this region through the Amadian narrative amplifying this imaginary. The analysis was constituted from the works *O menino grapiúna* (1982), *Terras do Sem Fim* (1943) and *São Jorge dos Ilhéus* (1944). These works together, compose an interesting narrative about the referred region based on the author's memory and experience. Based on the analysis of this narrative, it was possible to identify a regional formation based on violence and dismantling. At the same time, it was identified a strong relationship between the people with the land and the cocoa. Jorge Amado, through his narrative, lets rise, even in the tensions of daily life, a topophilia from the characters that, in some way, is also his own topophilia and mine. We use as a methodological course the interpretation of the literary text, letting it speak in its own way, correlating it with the scientific discourse.

Keywords: Cocoa; Cocoa region; Amadian narrative, grapiúna identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Dissertações e Teses que abordam trabalhos de Jorge Amado.....	26
Quadro 2-	Artigos que relacionam Geografia e literatura amadiana.....	30
Quadro 3-	“Morte e vida” da Região no pensamento geográfico.....	55

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Linha do tempo da narrativa e publicação dos romances estudados.....	35
Figura 2-	Linha do tempo da “vida” e obra de Jorge Amado.....	40
Figura 3-	Fotografia do Hospital regional Costa do Cacau.....	59
Figura 4-	Fotografia de uma roça de cacau.....	61
Figura 5-	Monumento da Saga Grapiúna em Itabuna.....	67
Figura 6-	Arte em Grafite retratando o cotidiano das roças de cacau.....	67
Figura 7-	Linha do tempo histórico do cacau no sul da Bahia.....	69
Figura 8-	Fotografia do Hotel Cacau D’ouro em Ilhéus.....	71
Figura 9-	Fotografia de uma lixeira em formato do fruto do cacau em Ilhéus.....	72
Figura 10-	Fotografia de loja de artesanato em Ilhéus.....	72
Figura 11-	Fotografia de loja de chocolates finos fabricados na cidade de Ilhéus.....	73
Figura 12-	Fotografia da Casa de Cultura Jorge Amado na rua Jorge Amado em Ilhéus.....	73
Figura 13-	Deslocamento dos sujeitos pelos caminhos do cacau e outros caminhos.....	115

SUMÁRIO

PERCURSOS INICIAIS.....	12
CAPÍTULO I - GEOGRAFIA, LITERATURA E CACAU: (RE) CRIAÇÃO DA PAISAGEM DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA A PARTIR DA MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO.....	20
1.1 Geografia e Literatura: caminhando entre ciência e arte.....	20
1.2 O estilo literário, a obra e a “vida” do menino/homem grapiúna e cidadão do mundo, Jorge Amado.....	31
1.3 Memória, imaginação e experiência na construção das narrativas das TERRAS DO SEM FIM.....	44
1.4 A região: idas e vindas de um conceito.....	54
1.5 O cacau é o centro de tudo: o fruto de ouro na narrativa de Jorge Amado e na paisagem do sul da Bahia.....	60
CAPÍTULO II: A TERRA ADUBADA COM SANGUE PRODUZ FRUTOS DE OURO: A CONQUISTA ÉPICA DAS TERRAS DO SEM FIM E A EXPLORAÇÃO DO CACAU EM SÃO JORGE DOS ILHÉUS.....	75
2.1 O apito do navio é o convite a viajar pelas TERRAS DO SEM FIM: a constituição dos caminhos do cacau.....	75
2.2 A luta pelas terras do Sequeiro Grande como emblema da construção do espaço da região cacaueira da Bahia.....	88
2.3 A terra adubada com sangue muda de dono em <i>São Jorge dos Ilhéus</i>	97
2.4 Os sujeitos das TERRAS DO SEM FIM: o coronel, o jagunço, o trabalhador das roças de cacau.....	106
CAPÍTULO III: A IDENTIDADE E O LUGAR NA OBRA DE JORGE AMADO: A GEOGRAFIA LITERÁRIA DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA.....	119

3.1 A geografia humanista e a retomada do conceito de lugar.....	119
3.2 O Lugar da produção de sentidos e da identidade na obra amadiana.....	125
3.2.1 Lugar, memória e identidade.....	135
3.3 A região cultural e a identidade das TERRAS DO SEM FIM de Jorge amado.....	139
3.3.1 A respeito do visgo do cacau: ideias de pertencimento e reconhecimento da identidade grapiúna.....	144
PAUSA NO CAMINHAR.....	149
REFERÊNCIAS.....	152

PERCURSOS INICIAIS

De início, é preciso deixar claro que estou cultural e emocionalmente envolvida com a pesquisa em questão, o que não deixa de ser um grande desafio, porém, torna-se um desafio apaixonante, com alta carga de subjetividade. Esse envolvimento advém do fato de que, assim como Jorge Amado, eu também sou filha dessas terras do cacau, dessas TERRAS DO SEM FIM, e por esta razão, a pesquisa que trabalha com a memória de Amado, também trabalha com a minha própria memória e com o meu lugar, com a construção do espaço da região em que nasci e vivi boa parte da vida. A pesquisa, portanto, diz também sobre a minha *Topofilia*.

O meu contato com o cacau iniciou-se com a minha própria vida, nasci em uma fazenda de cacau, a qual o nome se perdera da memória ao passar do tempo, pois foram várias, já que meus pais eram trabalhadores das roças e não proprietários de fazenda. Desde cedo aprendi que a nossa vida estava ligada diretamente ao cacau e a tudo de bom e de ruim que ele comportava.

Viver na região cacaueira é habitar o espaço e o lugar que foram palco dessa saga desmedida de homens que arriscaram tudo em busca da terra para plantar cacau nos começos do século XX da qual nos fala Jorge Amado. É sentir ainda hoje as pulsações dos diferentes momentos vividos pela região, através dos monumentos, das pinturas, dos poemas, romances. Esse pulsar de outros tempos está presente também na Mata Atlântica, no amarelo-ouro das roças de cacau que florescem de maio a dezembro, esse amarelo que só os grapiúnas veem e compreendem como afirma Amado no romance *São Jorge dos Ilhéus*. Pulsações presentes nos cânticos dos trabalhadores plantando e colhendo cacau; no cheiro do cacau seco, pronto para virar chocolate; nos grandes casarões erguidos pelos coronéis mais ricos dos tempos áureos do cacau ou mesmo nas casas-grandes das fazendas, muitas delas hoje abandonadas devido à crise que a lavoura enfrenta atualmente, mas permanecem lá, como uma inscrição na paisagem dos tempos dos frutos de ouro.

Meu contato com os romances amadianos demorou bem mais tempo para acontecer, mas, aconteceu em um momento muito importante da minha vida que foi na

preparação para prestar vestibular e entrar na Universidade. O livro escolhido pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) “Tocaia Grande: a face obscura” me causou grandes sensações. Nunca havia lido algo a respeito da formação daquela porção do espaço em que eu vivia e naquele momento estava fazendo justamente pela via da literatura, do romance, que tanto me agrada. Foi, sem dúvida, uma experiência marcante. Ainda hoje a imagem da violência daquela grande tocaia que resultara na formação da cidade fictícia de Irisópolis bem como a imagem do capitão Natário da Fonseca como uma figura imponente vive em meu imaginário, o porquê eu não sei. Mas Jorge Amado e seus romances ainda permaneceram por um bom tempo na minha gaveta da ficção até que eu terminasse a graduação em Geografia.

A partir da leitura do romance *Terras do Sem Fim* foi que realmente percebi o quanto a literatura de Jorge Amado tinha a contribuir com a Geografia da região cacauzeira da Bahia. Uma criação ficcional que flui de dentro para fora. A ficção criada a partir de um olhar de quem viveu a/na região. Uma ficção construída a partir de lembranças, experiências. Representações de tipos e papéis sociais que fizeram parte da vivência do romancista. Nascido em 1912 em uma fazenda de cacau no município de Itabuna, em meio às intrigas características do processo de conquista da terra naquela fronteira agrícola, ele pôde vivenciar as tensões estabelecidas naquele espaço, e assim representá-las de forma intensa e apaixonante, tornando sua obra uma percepção das condições socioespaciais vivenciadas.

Na leitura mais apurada da obra amadiana sobre a região cacauzeira percebia nos romances muito de mim e da minha história de vivência na referida região e a importância do cacau para a minha vida também. Esses romances são lugares de memória.

Quando minha família se viu obrigada a deixar o campo e migrar para a cidade com a crise da lavoura cacauzeira no início da década de 1980, eu ainda não podia refletir a respeito dessa influência negativa do cacau sobre nossas vidas dada a reduzida idade, mas, em todo caso, nessa ação estava o cacau. Mas mesmo na cidade o contato com a “árvore dos frutos de ouro” era permanente visto que na maioria das casas existia pelo menos um cacauzeiro no quintal. O cacauzeiro era e ainda hoje é um símbolo regional.

Minha família se dedicou aos trabalhos citadinos e meu pai guardou todo o dinheiro que pôde e comprou uma roça de cacau e mesmo em idade avançada vive lá até hoje. Passei anos sem compreender essa ação dele até que iniciados os estudos do Mestrado, fazendo e refazendo leituras dos romances que são os “objetos” dessa pesquisa, percebi que ele tem o que Jorge Amado chamou de “visgo do cacau preso aos pés”. Amado introduziu essa imagem nos romances que estamos trabalhando para representar de forma metafórica a força de atração do cacau sobre as pessoas da região. Na narrativa que estamos trabalhando essa imagem é recorrente e profunda. O cacau prende as pessoas ali, seja pelo amor, pela vingança, pelo dinheiro ou pela morte. E assim, vejo meu pai através da reflexão do coronel Sinhô Badaró, um dos personagens centrais do romance *Terras do Sem Fim*:

Dizem que é aquele visgo do cacau mole que prende os homens ali. Sinhô Badaró não sabe de ninguém que tenha voltado. Conhece muitos que se lamentam [...], se lamentam dia e noite, nas casas, nos botequins, nos escritórios, no cabaré, que dizem que essa terra é desgraçada, é mesmo uma terra infeliz, é o fim do mundo, sem diversões e sem alegria, onde se mata gente por um nada, onde hoje se é rico e amanhã se é mais pobre que Jó. Sinhô Badaró conhece muitos, já ouviu essas conversas dezenas de vezes, já viu homens venderem suas roças, juntarem o dinheiro e jurarem na beira da estrada que nunca mais voltariam. Partiam para Ilhéus para esperarem o primeiro navio que saísse para a Bahia [Salvador]. Na Bahia tinham de um tudo, cidade grande, comércio de luxo, casa de conforto, teatro e bonde de burro. [...] Mas antes do navio sair o homem voltava, o visgo do cacau está pregado na sola dos seus pés, e ele vinha e enterrava de novo o seu dinheiro num pedaço de terra para plantar cacaueiro... Alguns chegavam a ir, cortavam as ondas do mar, e aonde chegavam não falavam noutra terra que nessas terras de Ilhéus. E, era certo, tão certo quanto ele se chamar Sinhô Badaró, que, passados seis meses ou um ano, o homem voltava, sem dinheiro, para recomeçar a plantar cacau. Diziam que era o visgo do cacau mole que agarra nos pés de um e nunca mais larga. Diziam as canções cantadas nas noites nas fazendas... (AMADO, 2001, p. 227).

Percebo também que, ao realizar esta pesquisa, possuo o visgo do cacau preso à alma. É o que me impulsiona a realizá-la mesmo residindo fora da região cacaueira,

embora esse não seja o único motivo. Penso que ainda são escassos os trabalhos no âmbito da Geografia que abarcaram a obra de Jorge Amado, e principalmente aquelas que fazem parte da chamada literatura do cacau, sendo os trabalhos concentrados nas obras em que ele representou a capital do estado, Salvador. Dessa forma, sinto-me honrada em pôr em relevo parte dessa obra em que Amado se dedicou ao seu e ao meu lugar de origem, retratando em riqueza de detalhes a formação da região cacaueira da Bahia bem como da importância do cacau no imaginário social da região, e a forma como o povo se relaciona com o lugar.

É extremamente gratificante penetrar a história da região iluminada pelos raios do romance desse ficcionista renomado internacionalmente.

Pensou-se inicialmente em trabalhar com três romances, a saber: *Cacau* (1933); *Terras do Sem Fim*¹ (1943); *São Jorge dos Ilhéus* (1944); e ainda com a autobiografia de infância do romancista, *O menino Grapiúna* (1982). No percurso da dissertação, o romance *Cacau* ficou para trás, pois, após fazer mais algumas leituras dos romances percebemos que o tema trabalhado nele (a vida dos trabalhadores nas roças de cacau) também era amplamente tratado nos dois outros e para não nos repetirmos, decidimos retirá-lo do corpo do objeto de pesquisa, embora, acreditamos que nada impede de o utilizarmos enquanto apoio à escrita.

O recorte temporal foi delimitado a partir das pistas que Amado vai deixando nos romances e em sua autobiografia. Por exemplo, em *Terras do Sem fim* é narrada a sangrenta disputa pelas matas do Sequeiro Grande. Ele se baseia, segundo Heine (2004) na disputa pelas matas do Sequeiro de Espinho, atual município de Itajuípe, que teria acontecido segundo a mesma autora em 1919. Ao final do romance, Jorge Amado vai elencar ainda dois acontecimentos que seriam denotativos do progresso da região cacaueira e que nos ajudam no recorte temporal: a chegada do primeiro bispo a Ilhéus

¹ Em nossas leituras a respeito da vida e obra de Jorge Amado, não encontramos nenhuma explicação do autor para o título deste livro. A partir das diversas leituras deste romance, essa ideia de “Terras do Sem Fim” nos parece salientar uma ideia de “terra do nunca”, uma terra primitiva e bárbara. Então, percebemos que o termo terras do sem fim pode ter diferentes interpretações pois ao ler o romance *Mar Morto* do mesmo autor, essa ideia também está presente, mas como uma terra de topografia mítica, uma terra bonita para onde Iemanjá levaria os marinheiros mortos no mar. Neste trabalho, muitas vezes utilizaremos o termo “Terras do Sem Fim” para designar a região cacaueira da Bahia e todas as vezes que o fizermos iremos destacar o termo em “caixa alta” para diferenciar do título do romance que estará em fonte normal e em itálico.

(1915) e a emancipação do município de Itabuna (1910). *São Jorge dos Ilhéus* é, segundo o próprio Jorge Amado, continuação de *Terras do Sem Fim*. Assim, um texto se entrelaça no outro e muitos personagens de *Terras do Sem Fim* vão habitar as páginas de *São Jorge dos Ilhéus* trinta anos mais tarde, junto com seus filhos e os novos tipos humanos trazidos pelo progresso. É dessa forma que estabelecemos o recorte temporal do estudo como sendo a primeira metade do século XX buscando compreender as transformações socioespaciais advindas do plantio e comercialização do cacau no sul da Bahia, a forte relação do povo com a terra e com o cacau, bem como as relações de pertencimento sujeito-lugar, retratadas por Jorge Amado.

Faz-se necessário salientar que a obra de ficção amadiana que aborda o cacau é extensa, composta por cinco romances: *Cacau*; *Terras do Sem Fim*; *São Jorge dos Ilhéus*; *Gabriela Cravo e Canela*; *Tocaia Grande: a face obscura*. O critério para a escolha dos romances *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus* deveu-se a maior densidade de elementos elucidativos do processo de formação da região cacauzeira. *Gabriela Cravo e Canela* talvez seja o romance mais famoso de Jorge Amado, porém, por ser um romance de costumes, caracteriza-se por apresentar o modo de vida da cidade de Ilhéus na década de 1920, daí a não inclusão do romance como objeto da pesquisa, podendo porém, contribuir com a escrita assim como *Cacau* e *Tocaia Grande*, este último mantém o foco em uma das práticas dos grandes coronéis durante a conquista da terra no sul da Bahia no início do século XX: a tocaia.

No caminhar da dissertação, mais precisamente durante a qualificação, foi-nos alertado o fato de estarmos trabalhando ao mesmo tempo com dois gêneros textuais diferentes: o romance e a autobiografia². Dessa forma, dada a importância das três obras

² “Uma autobiografia não é um autorretrato, nem um instantâneo, mas sim um construto textual sobre vivências experienciadas até o momento de sua narração. Envolve estratégias autobiográficas desenvolvidas por um narrador, a partir das inter-relações entre memória e autocompreensão, com o foco e finalidade precípua de reconstituir acontecimentos de sua vida” (GUIMARÃES, 2010, p. 172).

Já o romance é uma narrativa ficcional em prosa que problematiza a realidade trazendo para o seu enredo questões intrínsecas à natureza e à existência humanas. Surgido no início do século XVIII, “certamente o romance se diferencia dos outros gêneros e de formas anteriores de ficção pelo grau de atenção que dispensa à individualização das personagens e à detalhada apresentação de seu ambiente. O homem inserido em sua realidade física, social e cultural, eis o objeto que se modelou na ascensão do romance”. Assim, temas como experiência singular, história individual, memória e identidade, são problemas caros ao romance. “Entender como o indivíduo se desenvolve e como as experiências formam sua personalidade tornou-se tema comum ao gênero” (HAIDUKE, 2012, p. 4-5, com base no trabalho de WATT, 1990).

que escolhemos para embasar nossa pesquisa, salientamos aqui que trabalharemos as obras enquanto uma narrativa, ou seja, as três obras narram “fatos” que se encadeiam no tempo e no espaço, ou seja, a narrativa amadiana com a qual estamos trabalhando, conta a história da ocupação das terras do sul da Bahia no início do século XX para o plantio do cacau e consequentemente a relação do povo com este cultivo e as relações identitárias ali desenvolvidas neste período.

Partimos então do pressuposto de que a obra amadiana é portadora de elementos geográficos importantes para compreendermos como a região cacauzeira da Bahia foi se formando sob o signo do cacau. Dessa forma, a hipótese que levantamos nesta dissertação é que a narrativa amadiana pode ser lida geograficamente como espaço vivido, capaz de oferecer à região cacauzeira da Bahia uma identidade, a identidade grapiúna³ e essa narrativa é também geradora e alimentadora de um imaginário social, difundindo esta região enquanto uma região cultural. Além disso, abordaremos o deslocamento dessa região através da narrativa amadiana ampliando esse imaginário.

Delineamos como objetivo geral, compreender o espaço da região cacauzeira da Bahia no início do século XX, tomando como base a literatura amadiana, analisando a sua narrativa nas obras: *Terras do Sem Fim*; *São Jorge dos Ilhéus* e *O menino Grapiúna* relacionando o discurso literário ao científico. Para isso, definimos os seguintes objetivos específicos: Relacionar os elementos convergentes entre a Geografia e a Literatura na perspectiva da Geografia Humanista, sugerindo a Literatura como uma importante fonte de pesquisa para o conhecimento de uma dada realidade; discutir o conceito de memória, tendo em vista que Jorge Amado escreveu seus romances a partir

³ “Grapiúna é uma palavra de origem indígena. Usada pelos índios do Sul da Bahia, no início da conquista da terra, significava pequena ave preta que vive às margens do rio. Mas há quem ache que grapiúna tem sua origem na expressão “igarapé-una”, que quer dizer riacho preto. Este pequeno curso d’água era muito encontrado antigamente nas fazendas de cacau e nas matas do Sul da Bahia. Perdendo a vogal inicial, grapiúna passou a significar os que vieram para o Sul da Bahia no período do desbravamento e povoamento. Grapiúna assim diz respeito a uma civilização forjada por homens simples. Com o machado e o facão na bainha foram derrubando as matas, penetrando a selva hostil, fundando vilas e pequenas cidades. Com o passar dos anos estabeleceram uma civilização com sua forma singular de vida, proveniente da implantação da lavoura do cacau por léguas e léguas de terras férteis”. Cyro de Mattos, escritor e poeta grapiúna (Disponível em: <http://www.academiadeletrasdeitabuna.com.br/2013/03/um-grapiuna-em-frankfurt-cyro-de-mattos.html>).

da memória e do espaço vivido, entendendo também que sua obra se constitui enquanto lugar de memória; compreender o espaço geográfico da região cacauzeira da Bahia com base na narrativa amadiana, tendo em vista que o autor da obra literária escreve a partir de sua vivência no ambiente por ele trabalhado em sua obra; identificar e discutir os elementos presentes na obra de Jorge Amado que contribuíram para a formação de uma identidade regional, a identidade grapiúna, sugerindo também o lugar e a região cultural enquanto geradores de identidade a partir dos laços de pertencimento e a literatura enquanto geradora e mantenedora de identidade.

A pesquisa insere-se na corrente Humanista da geografia que tem utilizado alguns postulados da Fenomenologia. Utilizamos como percurso metodológico a interpretação do texto literário correlacionando-o com o discurso científico. Salientamos que o texto literário é o “chão” da nossa escrita, é o que nos embasa e por esta razão decidimos destacá-lo dentro do texto colocando as citações pertencentes à narrativa em itálico, sem recuo e sem reduzir o tamanho da fonte.

Apresentamos o resultado da pesquisa em três capítulos e em todos eles a narrativa amadiana se faz presente. No primeiro, trabalhamos a relação da literatura e da geografia enfatizando as possibilidades e riquezas do discurso literário. Como a narrativa amadiana se baseia muito na memória, discutimos este conceito com base nos trabalhos do sociólogo Maurice Halbwachs (2006) e do historiador Pierre Nora (1993) fazendo relação com o livro *O menino grapiúna*, no qual Jorge Amado trabalha com fatos importantes da sua infância nas terras do cacau. Situamos também o autor e as obras trabalhadas na história da literatura brasileira. Tratamos de forma breve as idas e vindas do conceito de região na história do pensamento geográfico e finalizamos esse capítulo trabalhando a importância do cacau para a vida da região conforme Jorge Amado e sugerindo o cacau enquanto um símbolo regional ainda hoje muito presente no imaginário social, imaginário este ampliado também pela literatura de Amado.

No segundo capítulo, embarcamos para uma viagem pelas *Terras do Sem Fim* de Jorge Amado. Iniciamos com este romance que nos traz uma ideia de “terra do nunca”, um mundo desconhecido que aos poucos vai sendo desvelado página a página, mostrando a geografia da região cacauzeira da Bahia no início do século XX. As belas paisagens da Mata Atlântica e das roças de cacau surgem em meio a relações

conflituosas por posse de terras. Os sujeitos, presos ao “visgo do cacau” povoam o espaço relacionando-se com ele ora com base na *topofilia*, ora em sentimentos *topofóbicos*. Ainda nesse capítulo, a partir do romance *São Jorge dos Ilhéus*, trabalhamos a passagem das terras dos fazendeiros locais para os representantes do capital externo, tema norteador do romance em questão, enfatizando a forte relação dos agricultores com a terra, sendo ela base econômica e elemento simbólico. Os tipos sociais presentes nos romances também foram trabalhados nesse capítulo: o coronel, os trabalhadores das roças de cacau; o jagunço. No final do capítulo, incluímos um mapa do deslocamento dos sujeitos pelos caminhos do cacau e outros caminhos com o intuito de mostrar a mobilidade espacial de cada tipo social retratado por Jorge Amado.

No último capítulo, enfatizamos a identidade da região cacaueira da Bahia. Esta identidade, segundo a narrativa amadiana, baseia-se fundamentalmente no cacau. O cacau fornece significados profundos para os moradores da região. Destacamos o conceito de lugar relacionando-o com a ideia da casa/lar de Gaston Bachelard (1993). O ser grapiúna é o ser que se relaciona direta ou indiretamente com o cacau. É o homem/mulher que orgulha-se de ser quem é. Se reconhece e é reconhecido enquanto tal. Ser grapiúna na narrativa amadiana é possuir o visgo do cacau preso à alma.

Assim, o que estamos apresentando nesta dissertação é uma leitura da narrativa amadiana sobre a região cacaueira da Bahia a partir de uma visão humanista da geografia. Uma tarefa de certa forma árdua, tendo em vista que Jorge Amado que era comunista, imprime nessas obras analisadas um “tom marxista” que muitas vezes se sobressai no todo. Então, a nossa tarefa foi garimpar o máximo possível os elementos geográficos presentes nas obras, sem desprezar o seu tom crítico, porém sem fazer dele o centro da nossa pesquisa.

Árdua e apaixonante tarefa essa, a de viajar geograficamente pelas TERRAS DO SEM FIM, do mais famoso grapiúna. O contador de histórias, as “histórias de espantar”.

CAPÍTULO I: GEOGRAFIA, LITERATURA E CACAU: (RE) CRIAÇÃO DA PAISAGEM DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA A PARTIR DA MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO

“Nessas terras fui buscar homens de uma rude humanidade, para traçar o nascimento da saga da conquista da terra, a grandeza e a miséria dos coronéis e do latifúndio, o nascimento de uma civilização na boca dos rifles, de uma cultura amassada na violência. Conteí as histórias de espantar”.

Jorge Amado

1.1 Geografia e Literatura: caminhando entre ciência e arte

Há muito que a geografia tem buscado um contato com as artes, em especial com a literatura. Desde os anos 1940 que os geógrafos franceses já demonstravam interesse por esse campo das artes, buscando nos romances aspectos da realidade geográfica de determinados espaços. Porém, Brosseau (2007) esclarece que esse interesse pela literatura se manteve muito marginal sendo que os trabalhos foram bastante escassos até o início dos anos 1970. A esse respeito, Gratão e Marandola Jr. (2010) afirmam que a ciência de fato demorou muito para levar em conta a literatura. Dessa forma, “um entendimento racional e crítico sempre esteve presente no seu campo de ação, mas as obras literárias sempre estiveram na gaveta da ficção, enquanto a ciência ficava na da não ficção. Gavetas que a modernidade manteve cuidadosamente separadas” (GRATÃO; MARANDOLA JR., 2010, p. 7).

A emergência da geografia Humanista na década de 1970 procurou colocar o sujeito no centro dos seus trabalhos e numerosos geógrafos, principalmente no mundo anglo-saxão, evocando de forma mais ou menos direta a fenomenologia, promoveram a utilização da literatura. Assim, a literatura, “podia servir de fonte preciosa, capaz de avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares e fornecer exemplos eloquentes de apreciação pessoal de paisagens” (BROSSEAU, 2007, p. 19-20).

Nesta perspectiva geográfica há a necessidade de se compreender o homem em suas várias dimensões: a social, afetiva, política, econômica, cultural e suas formas de

se relacionar e (re) construir o espaço e sua (s) identidade (s). Dessa forma, a partir da década de 1970, buscando novas formas de apreensão da realidade houve um fortalecimento da relação entre a geografia e a literatura, pois, a literatura “enriquece e completa a realidade procurada pelo geógrafo” (MONTEIRO, 2002, p. 86).

Para (Nuñez, 2010), a obra literária está tão estreitamente ligada ao mundo e às dinâmicas da vida social que, “mesmo constituída por referências do mundo exterior, empresta suas experiências fictícias para explicar o homem, a vida e suas complexidades. Não há aspecto da experiência humana que se exclua à mirada da literatura” (p. 83-84).

Nessa perspectiva, concordamos também com Gratão e Marandola Jr. quando estes afirmam que na atualidade já há uma disposição crescente em revirar as gavetas em que a modernidade manteve os conhecimentos, misturando os saberes que ciência e arte/literatura possuem. “Movidos por essa atitude, encontram-se alguns pesquisadores dispostos a virar os conteúdos destas gavetas numa grande mesa, deixando para trás ou até mesmo eliminando completamente as separações”. O argumento desta corrente de pesquisadores é que a separação estanque do conhecimento “mais atrapalha que ajuda. O nosso entendimento é que, nesse e em outros casos, ciência e arte encontram-se menos distantes do que aparentam” (GRATÃO; MARANDOLA JR., 2010, p. 8).

Nesta mesma linha de pensamento Antonello (2010) argumenta que a geografia deve procurar superar os limites impostos pela divisão do trabalho científico, “buscando trilhar um caminho que leve à pluralidade de focos de análise, a fim de compreender a complexidade da produção e da reprodução do espaço na contemporaneidade” (p. 170). Afinal, como sugerem Pinheiro e Silva (2004), é a sociedade que produz, consome e ressignifica o espaço, sendo a geografia uma das vias possíveis de leituras do espaço, esta leitura pode se fazer através do discurso literário (p. 25).

Como estamos trabalhando com uma ciência e um campo da arte, a literatura, e, por conseguinte com o texto ficcional, necessitamos clarificar o conceito de ficção para ratificar as correlações possíveis entre a geografia e a literatura. Para tanto, recorreremos a Nuñez (2010) que esclarece que o termo ficção deriva do verbo latino *fingere* , e na passagem para as línguas neolatinas conservou apenas uma acepção, a menos

importante, que o conceito continha. O primeiro sentido de *finger* segundo a autora, é dar forma, modelar, modelagem que se obtém com os dedos; o segundo sentido, por analogia, é “formar, instruir”; o terceiro, “educar”. E apenas o último, se o resultado da modelação não dá certo ou se tem mesmo por finalidade enganar, “fingir”. E esta última acepção foi a que prevaleceu, na rede de sentidos da ficção, e daí sua negatividade e a associação com o falso, com a mentira (p. 88-89).

Pensamos que, como a ficção trabalha com a imaginação para criar novos mundos, outras realidades, ela não se dá por satisfeita apenas com a realidade em si, e ao modelá-la, a amplia e transforma. A imaginação é uma força, uma potência criadora como sugere Bachelard (1993).

Nesse sentido, acreditamos que Jorge Amado ao retratar a região cacauzeira da Bahia em seus romances, apesar de se basear na realidade ali vivenciada na sua infância, não procura criar uma fotografia da realidade, mas a partir da imaginação amplia e recria essa realidade, modelando-a cria outras formas de ver a realidade, pois como afirma Bachelard, “sempre imaginar será mais que viver” (BACHELARD, 1993, p. 95).

A partir dos romances amadianos cria-se também uma imagem da região cacauzeira que viaja mundo afora. A “terra do cacau” com seus coronéis, jagunços e a famosa Gabriela tanto reforça a identidade dos habitantes locais como permeia o imaginário de muitas pessoas que sequer conhecem pessoalmente essa região baiana. As formas que aparecem nos romances de Jorge Amado, como o bar Vesúvio, o Bataclan, a Catedral de São Sebastião e tantas outras, foram incorporadas ao patrimônio arquitetônico e cultural de Ilhéus e são, em muitos casos, os alvos dos turistas ávidos por (re) conhecerem a paisagem divulgada por Amado em suas obras. As obras amadianas dão visibilidade ao lugar. Assim, “os cenários das narrativas de Jorge Amado fazem parte do Patrimônio de Ilhéus, assim como os elementos que fizeram parte da vida do autor. Todo esse conteúdo simbólico contribui para a afirmação dos processos de significação e representação dessas identidades imaginadas” (LIMA, 2012, p. 45). Essa paisagem divulgada pelo romancista baiano reforça a memória e identidade da região ligadas ao cultivo do cacau.

Assim, podemos pensar com Tuan (1983) que a literatura cria e dar visibilidade aos lugares, pois “a arte literária chama a atenção para áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas” (p. 180). A narrativa amadiana sobre a região cacauzeira tem poder de dar visibilidade a essa porção do espaço baiano à medida que descreve suas paisagens e as experiências íntimas do povo com o lugar. O lugar tanto passa a viver no imaginário dos leitores como em muitos casos, como parte da experiência a partir do turismo.

Fazendo um paralelo entre o saber científico e a literatura tendo como base a noção de ficção Nuñez (2010) afirma que,

De longa data, a ciência opera como campo da estetização, manejando noções e conceitos que atuam sobre a subjetividade e a recepção sensível dos objetos ditos científicos. As ficções, pela via científica, retornam à realidade, revelando a força de sua presença em todas as formas de saber e agir, articuladas com a vida cultural e a política. [...] Como a literatura nasce com o tema da viagem e o sonho de conhecer novas paisagens, a geografia descobre outros espaços, que ultrapassam a descrição topográfica, geológica ou física, na medida em que nele se inscrevem valores mentais, representações culturais e ideológicas, crenças, afetos e memórias. Assim como a ciência se vale da abstração para capturar fenômenos e inventar protótipos, ela se tem valido da intuição e de meios figurativos (derivados do imaginário) para descrever seus postulados e descobertas (NUÑEZ, 2010, p. 89-91).

Para Hissa (2002), a criação artística possui roteiros e procedimentos referenciados por contextos históricos e culturais. Da mesma forma que na ciência, “as técnicas e os procedimentos adotados para a criação científica são também elaborados de acordo com processos e paradigmas de contexto, organizados e referenciados pela harmonia, pela estética, por balizas culturais” (p. 131). Desta forma, Gratão (2010) afirma que “a criação artística espelha a visão pessoal do artista, da mesma forma que a criação científica reflete a visão pessoal do cientista. O cientista necessita tanto da criatividade quanto o artista” (p. 310).

Segundo Pinheiro e Silva (2004) pensar a literatura de ficção como a criação de um mundo apenas imaginado é um engano, pois, o imaginado ou o imaginário, na verdade é construído a partir de elementos da realidade “ressignificados e transpostos para um contexto imaginário, ou ainda de elementos imaginários sobrepostos no real. Toda boa obra literária ambiciona ser uma transposição poética da realidade”. Assim, a literatura é uma possibilidade de conhecer espaços e lugares, pois é da realidade

concreta que o escritor recobra elementos para a construção do universo ficcional da sua obra, é um processo de (re) criação no qual se evidencia a relação entre o espaço e a literatura (p. 24).

Antonello (2010) ressalta que o texto literário ao se apresentar como uma reelaboração da realidade constitui-se em um potencial para a apreensão da produção do espaço, pois permite a compreensão das relações socioespaciais, tanto no plano do pensamento objetivo/racional, como no plano da subjetividade. O plano da subjetividade é marcado pela “sensibilidade que se faz presente na produção literária, cria as condições germinativas da construção de um conhecimento imbuído da narrativa sensível e da objetividade buscada pela ciência” (p. 171).

Portanto, dessa perspectiva articuladora e integradora de múltiplos enfoques a geografia se beneficia com diferentes meios para amparar suas investigações científicas, pois “para uma geografia cada vez mais antropocêntrica importa menos a distinção entre as diferentes facetas do homo economicus, capitalista-socialista, dominador-dominado, e mais o homem verdadeiro e inteiro, homem humano” (MONTEIRO, 2002, p. 15).

Soares (2010) afirma que em uma época de extrema especialização como a que vivemos articular geografia e literatura para que não fiquem fechadas em si mesmas é “um enredo fascinante e desafiador”.

Fascinante: Geografia e Literatura como cruzamento e confluência de saberes, esquina de riscos e aventuras intelectuais. Fronteiras entrecruzando-se, encontro inesperado do diverso. Fronteiras entrecruzando-se, algo mais complexo que a mera integração, porque estamos tratando de solos epistemológicos onde as divergências falam menos do rigor científico de uma e da fragilidade descritiva da outra, que do atraso humano na sintonia de suas descobertas e visões. Encontro inesperado do diverso, porque dizendo respeito a uma nova compreensão do mundo em seus diferentes campos frente à pluralidade de enfoques dos vários setores da contemporaneidade. Desafiador, visto que qualquer texto se constitui com reprodução não da escrita, mas da leitura, já que o sentido do escrito não está no próprio texto, mas sim no texto que cada leitor vai criar. Desafiador, porque a imaginação do leitor é um palimpsesto em demanda, pulsão colecionadora de sentidos (SOARES, 2010, p. 191).

A natureza do texto literário não comporta uma descrição pura e simples da realidade. O romance aqui é entendido como um discurso da realidade, uma forma de comunicar a realidade, baseado nas vivências, memórias e experiências humanas. Neste

caso, os romances amadianos são uma forma de comunicar o processo de formação da região cacauzeira da Bahia e as formas dos sujeitos se relacionarem com o lugar e a partir dele se posicionarem no mundo.

As representações da região cacauzeira da Bahia nas obras amadianas não são meros reflexos do acontecido, dos fatos históricos. A realidade é ampliada, (re)construída a partir da memória e da imaginação do autor. Sua narrativa captou aspectos do vivido e apesar da obra ficcional não ter compromisso com os fatos, Jorge Amado não prescindiu de alguns deles. Para Chalhoub (2003, p. 92), “a literatura busca a realidade, interpreta e enuncia verdades sobre a sociedade, sem que para isso deva ser a transparência ou espelho da matéria social que representa e sobre a qual interfere”. Ainda a esse respeito, Brosseau (2007, p. 113) nos lembra que “uma obra literária não se expõe ao julgamento do verdadeiro e do falso. Então não é tanto a busca da realidade que deve prevalecer, e sim o seu modo de apresentação”.

Para Claval (1999, p. 55) “o romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos dos personagens e através de suas emoções”. Porém o que se pretende ao analisar geograficamente a obra de Jorge Amado é dialogar com o romance enquanto sujeito e não como um simples objeto do qual se retira suas partes mais relevantes para o estudo e que podem ser historicamente comprovadas, até porque, mesmo os livros de história são uma das formas de dizer a realidade.

O romance possui linguagem e vida próprias e colocá-lo como sujeito, como uma “totalidade”, não significa dizer que ele é impermeável para nós, quer dizer que ele “tem uma maneira própria (e isso pode ser verdadeiro para cada romance particular) de produzir sentido, uma coerência de sentido que resiste aos mais sutis esforços para transformá-lo em objeto” (BROSSEAU, 2007, p. 90).

É preciso salientar também, como afirma Machado (2006), que cada texto estabelece seu próprio pacto com o leitor. Desta forma, “não há que se procurar em um livro aquilo que ele não promete dar, o projeto que ele não traz implícito em sua própria construção e tessitura” pois, “um bom leitor é aquele que sabe perceber e captar no bojo de cada texto as coordenadas desse pacto não explicitado” (p. 26). Além disso, “em todo

livro um mundo é fundado pelo seu autor. Mas cada leitor pode fundar outro mundo nas entrelinhas” (OLIVEIRA JR., 2010, p. 101), a partir da imagem que a palavra deixa na sua imaginação. Essa imagem da imaginação da qual nos fala Bachelard (1993). Assim, os discursos sobre os espaços se multiplicam à medida que novos mundos sejam criados tanto pelos autores quanto pelos seus leitores e intérpretes.

Os trabalhos relacionados à geografia e literatura tem crescido nas últimas décadas. A produção de teses, dissertações e artigos que refletem tanto no plano teórico quanto empírico as diversas possibilidades da análise espacial, as vivências e experiências espaciais a partir da literatura tem crescido bastante no Brasil como afirma Lima (2013).

No caso da literatura amadiana, em consulta ao site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, percebemos que existem poucos trabalhos voltados para a área da geografia, o que nos causou certa surpresa dado o volume da obra deste autor e as diversas possibilidades de olhares que podem ser lançados pela geografia sobre o seu trabalho. Constatamos que a maioria dos trabalhos estão concentrados principalmente nos programas de Letras e Linguística trabalhando diversas temáticas tais como mestiçagem, aspectos culturais e políticos, aspectos religiosos, crítica e interpretação literária, tradução dos romances amadianos, feminismo, prostituição feminina, exclusão social, dentre outros. Agrupamos os trabalhos encontrados no quadro a seguir.

QUADRO 1 – DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM TRABALHOS DE JORGE AMADO FONTE: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DO MCTI – JANEIRO 2017					
Nº	Título	Área de conhecimento	Instituição	Ano	Nível
1	Jorge Amado e o Judeu	Estudos Judaicos	USP	2015	Doutorado
2	Jorge Amado: um cronista da guerra	Linguística, Letras e artes	UFU	2012	Mestrado
3	O mundo dividido de Jorge Amado	Letras e Literatura brasileira	UFSC	2013	Mestrado
4	Tocaia Grande: romance-síntese de Jorge Amado	Teoria e crítica literária	UNICAMP	2014	Mestrado
5	Mestiçagem e teorias raciais em Tenda dos Milagres de Jorge Amado	Letras	UCS	2012	Mestrado
6	Aspectos culturais e políticos da obra "Jubiabá" de Jorge Amado	Letras	UEL	2003	Mestrado

7	A identidade miscigenada em Tenda dos Milagres de Jorge Amado	Letras Linguística	PUC SP	2016	Mestrado
8	Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado	Estudos linguísticos e literários em inglês	USP	2009	Mestrado
9	Traços romanescos e épicos em Jubiabá de Jorge Amado	Estudos Literários	UNESP	2006	Mestrado
10	Homossexualidade: a mestiçagem que Jorge Amado não viu : um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado	Letras	PUC RS	2009	Doutorado
11	As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30	Antropologia	UNICAMP	2004	Mestrado
12	<i>Capitães da areia</i> , um estudo comparado entre os Amados: literatura e cinema em diálogo	Estudos comparados de Literaturas de língua portuguesa	USP	2015	Mestrado
13	O bando como família possível: leitura plural de Capitães da Areia de Jorge Amado	Sociologia	UCSAL	2005	Mestrado
14	Gabriela, Cravo e Canela: subjetividade feminina e resistência na obra de Jorge Amado	Educação	UFC	2015	Doutorado
15	O status da ilustração em Tereza Batista cansada de guerra, de Jorge Amado	Letras	UEL	2007	Mestrado
16	Meu materialismo não me limita: Candomblé e consciência política em Jubiabá de Jorge Amado	História	PUC SP	2011	Mestrado
17	Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico	Filosofia e Ciências Humanas	UFBA	2010	Mestrado
18	"Neste mundo só ele mandava": narrador e narração no "ciclo do cacau" de Jorge Amado	Letras	UFBA	2013	Mestrado
19	As mulheres e o meio ambiente, no romance Terras do Sem Fim, de Jorge Amado	Letras	UFPB	2014	Mestrado
20	A figura do judeu nas obras de Jorge Amado: <i>Suor e Tenda dos milagres</i>	Estudos judaicos	USP	2015	Mestrado
21	O processo de tradução para a língua inglesa dos diálogos em Capitães da areia de Jorge Amado	Letras	UFBA	2013	Mestrado
22	Análise sociológica do romance "Terras do sem fim"	Educação	FGV	1985	Mestrado
23	O hibridismo literário sobre as	Letras	PUC GO	2014	Mestrado

	areias da Bahia: um olhar em Capitães da areia e Mar morto, de Jorge Amado.				
24	A morte e a morte de Quincas Berro D'água e a trajetória iniciática: mito e oralidade em Jorge Amado	Letras	UNB	2014	Mestrado
25	Legibilidade do paratexto e das representações culturais em versões italianas de Capitães da areia de Jorge Amado	Estudos linguísticos	UFMG	2014	Mestrado
26	Jorge Amado e a consciência discursível em A morte e a morte de Quincas Berro D'água	Letras	UNESP	2003	Mestrado
27	Estudo das traduções para o francês de Gabriela, cravo e canela: diálogos entre o método de análise de textos de Camlong e a Crítica da Tradução segundo Torop	Semiótica e Linguística	USP	2013	Doutorado
28	Jorge Amado e o novo romance latino-americano: processos de hibridação cultural em Dona Flor e seus dois maridos e O sumiço da santa	Letras	UFBA	2013	Mestrado
29	O imaginário místico e cultural da cidade da Bahia: uma leitura de Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios, de Jorge Amado	Letras	UEFS	2013	Mestrado
30	Tenda dos milagres em (dois) tempos de autoritarismo: as marcas da intolerância nas narrativas de Jorge Amado e Nelson Pereira dos Santos	Letras	UFPEL	2014	Mestrado
31	Entre falos e falácias: pertencimentos e discursos afro-brasileiros nas narrativas de homens em Tocaia grande - a face obscura, de Jorge Amado	Letras	UEL	2014	Doutorado
32	Revisitações a Gabriela: uma experiência de leitura da recepção crítica do romance.	Letras	UFBA	2005	Mestrado
33	De Gabriela a Tieta: a configuração das heroínas periféricas amadianas nos espaços de modernização rural e urbana	Letras	UFAL	2009	Doutorado
34	Jubiabá: cartilha para feiticeiros e comunistas	História	UFSC	2015	Doutorado
35	A crítica social em Capitães	Letras	PUC SP	2015	Mestrado

	da Areia: um enfoque da gramática sistêmico-funcional				
36	Dona Flor: sabor e arte	Letras	PUC GO	2014	Mestrado
37	Enlaces: memória e subjetividades no acervo Jorge Amado	Literatura	UFSC	2015	Mestrado
38	Dona Flor e seus dois maridos: o livro e a minissérie	Comunicação	METODISTA	2008	Mestrado
39	Nem do cravo, nem da canela: o entre-lugar da mulher mestiça em Gabriela de Jorge Amado	Literatura	UFSC	2014	Mestrado
40	De Jubiabá brasileiro para Jubiabá norte americano	Letras	UEL	2003	Mestrado
41	Seara Vermelha: discurso ideológico/partidário e suas implicações no estético	Letras	UFAL	2006	Doutorado
42	A condição social das lavadeiras em Salvador, (1930-1939): quando a história e a literatura se encontram	História	UFBA	2005	Mestrado
43	Geografia e Literatura: Um Elo entre o Presente e o Passado	Geografia	UFBA	2007	Mestrado
44	O legado do cacau: reinvenção e refuncionalização do patrimônio cultural e arquitetônico do centro histórico da cidade de Ilhéus / BA	Geografia	UNICAMP	2012	Mestrado
45	Investigando o uso de marcadores culturais presentes em quatro obras amadianas, traduzidas para o inglês	Estudos linguísticos	UNESP	2008	Doutorado
46	Gabriela, cravo e canela and its (re)textualization in english: representation through lexical relations	Estudos da tradução	UFSC	2005	Mestrado
47	Capitães da Areia de ontem e hoje: uma releitura à luz dos direitos humanos	Educação	UFPR	2014	Mestrado
48	As imagens do sertão na literatura nacional: o projeto da modernização territorial brasileira a partir dos romances regionalistas da geração de 1930	Geografia	UFU	2012	Mestrado
49	La traduzione italiana di tenda dos milagres: uno sguardo agli aspetti religiosi	Estudos da tradução	UFSC	2012	Mestrado
50	Jorge Amado e o romance histórico do cacau	Letras	UnB	2017	Mestrado
51	Do negro ao mestiço: os contornos da mestiçagem em Tenda dos Milagres de Jorge Amado	História	PUC SP	2017	Mestrado

52	Tenda dos Milagres: romance, roteiro e filme: recriação e presença	Literatura	UnB	2017	Doutorado
----	--	------------	-----	------	-----------

Elaboração e organização: a autora.

Ao digitar “Jorge Amado” no campo de busca do site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações encontramos como resultado 84 estudos na maioria de Mestrado, porém, alguns deles trabalham com Jorge Amado e outro (s) autor (es). Decidimos por listar no quadro acima apenas os trabalhos que se baseiam apenas nas obras amadianas para que a lista não se tornasse demasiado extensa.

É claro que, essa busca não significa dizer que esgotamos a totalidade dos trabalhos que se baseiam em Jorge Amado, com certeza muitos outros existem e que por um motivo ou outro não se encontram no site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

A baixa quantidade de trabalhos de geógrafos utilizando obras do Jorge Amado nos incentiva ainda mais na realização deste estudo, ainda mais que, dos três trabalhos encontrados entre a Geografia e a literatura amadiana apenas um se refere à região cacauêira da Bahia, tema que estamos desenvolvendo.

Achamos pertinente verificar também a produção de artigos científicos entre a geografia e a literatura de Jorge Amado.

QUADRO 2 - ARTIGOS QUE RELACIONAM GEOGRAFIA E LITERATURA AMADIANA. FEVEREIRO DE 2017			
Nº	Título	Ano	Modalidade
1	A obra Mar Morto sob o olhar geográfico	2014	Artigo
2	As paisagens literárias na obra de Jorge Amado: navegando com(o) turcos à descoberta da América	2013	Artigo
3	Análise do conceito de Território na obra Terras do Sem Fim, de Jorge Amado	2014	Artigo
4	O Brasil africano de Jorge Amado: territórios, cartografias e fotografias.	2013	Artigo
5	Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance “Mar Morto”, de Jorge Amado	2015	Artigo
6	Geografia e literatura: um elo entre o passado e o presente no Pelourinho	2010	Capítulo de livro
7	Os sertanejos e o sertão vistos na/da capital da Bahia e as diferentes leituras/vivências da cidade de Salvador em duas obras de Jorge Amado	2010	Capítulo de livro
8	Cidade da Bahia? O olhar da ficção sobre a cidade do Salvador	2010	Capítulo de livro
9	Tenda dos milagres: uma análise geográfica na obra de Jorge Amado	2010	Capítulo de livro
10	A literatura como instrumento de análise para a compreensão do	2004	Capítulo de livro

	espaço urbano de Salvador		
11	Os pastores da noite – um diálogo entre a geografia, a literatura e o cinema na obra de Jorge Amado	2004	Capítulo de livro
12	O homem e o lugar – Pelourinho um olhar no tempo e no espaço social de Quincas Berro D'água	2004	Capítulo de livro
13	A cidadania de Quincas Berro D'água – o olhar de quem chega e sente o gosto de ficar	2004	Capítulo de livro
14	Geografia e Literatura: as territorialidades do cais do porto em Capitães da Areia	2016	Anais
15	A experiência ontológica na geografia de Jorge Amado e o viés epistemológico	2016	Capítulo de livro
16	População e literatura – notas sobre migrações no romance de Jorge Amado, Terras do Sem Fim	2016	Capítulo de livro
17	Uma viagem pelas Terras do Sem Fim em busca da geograficidade da obra de Jorge Amado	2015	Anais

Elaboração e organização: a autora.

Aqui, preferimos pesquisar apenas por artigos que tematizassem geografia e a literatura amadiana para a lista não ficar exaustiva. Inserimos na plataforma “Google” os termos “Artigos sobre geografia e obras de Jorge Amado” e compilamos os artigos que apareceram até a décima página e para complementar os resultados, pesquisamos também em alguns livros que trabalham com a temática da geografia e literatura.

Da mesma forma que no caso das teses e dissertações, pensamos que na modalidade artigo a produção entre a geografia e os romances de Jorge Amado ainda é pequena, lembrando que, com certeza existem outros trabalhos com esta temática e que não conseguimos acesso.

Em todo o caso, estamos felizes em poder contribuir um pouco para esta tarefa de olhar geograficamente para a obra deste romancista baiano que tanto contribuiu para a construção e difusão de imagens a respeito da Bahia.

1.2 O estilo literário, a obra e a “vida” do menino/homem grapiúna e cidadão do mundo, Jorge Amado.

Os romances amadianos que estamos analisando fazem parte do movimento modernista, mais precisamente da segunda fase do Modernismo: 1930-1945. Vejamos as principais características deste movimento literário e dentro dele, a vertente regionalista na qual as obras amadianas aqui estudadas fazem parte.

Dentro da ficção modernista, Coutinho (1986) afirma que se desenvolveram duas correntes: a corrente social e territorial, na qual se enquadra também o

regionalismo; e a corrente psicológica e de costumes, ambas marcadas por um cunho de brasilidade e de intensificação da marca brasileira na literatura.

Na corrente social e territorial, o quadro predomina sobre o homem, seja o ambiente das zonas rurais, com seus problemas geográficos e sociais; seja o urbano e suburbano. Adota de modo geral, a técnica documental e realista. A corrente psicológica desenvolve-se no “sentido da indagação interior, acerca dos problemas da alma, do destino, da consciência, da conduta, em que a personalidade humana é colocada em face de si mesma ou analisada nas suas reações aos outros homens”. São, portanto, “problemas psicológicos, religiosos, morais, metafísicos, ao lado de problemas de convivência, que a preocupam” (COUTINHO, 1986, p. 275-276).

Permanece, portanto no Modernismo a direção regionalista que vem desde o Romantismo com José de Alencar, Gonçalves Dias e Bernardo Guimarães, ressalvadas, é claro, as modificações que sofrera o regionalismo principalmente no Realismo e acrescido de uma visão crítica das relações sociais no Modernismo.

Afrânio Coutinho (1986) define o regionalismo de duas maneiras. Segundo ele,

Num sentido largo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo. Neste sentido, um romance pode ser localizado numa cidade e tratar de problema universal, de sorte que a localização é incidental. Mais estritamente, para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local. Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. – como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Esse último é o sentido do regionalismo autêntico (COUTINHO, 1986, p. 235).

Tomando como base as definições de regionalismo supracitadas, podemos afirmar que os romances tomados como base para este estudo fazem parte do que o crítico denominou de regionalismo autêntico, pois, neles (Terras do Sem Fim e São Jorge dos Ilhéus) Jorge Amado confere tanto os traços do quadro natural e os elementos que afetam a vida humana na região cacauzeira da Bahia quanto as peculiaridades da sociedade grapiúna que caracterizam e diferenciam a região supracitada.

Jorge Amado é considerado um ficcionista regionalista, tendo sua obra enquadrada no chamado ciclo baiano do regionalismo. Para Coutinho (1986), no

romance baiano, o mais importante é a ilustração exterior, a fixação da paisagem social e há um impressionante enraizamento com a terra. Os romancistas não fecham os olhos, não limitam os sentidos e, precisamente porque aceitam sem disfarce o oferecimento da vida e das coisas, não se recolhem em uma atitude intelectual. Dessa forma, “é difícil encontrar um analista de paixões, um lógico, alguém que aprisione a ficção no círculo de um debate íntimo, uma questão metafísica, uma explicação subjetiva” (p. 273). Esse fato decorre, sem a menor dúvida do “transbordamento da própria terra, sua luz, as cores, a poderosa atmosfera plástica. Para o romancista, a noção que o sentimento estético impôs, e ao qual não pôde fugir, foi a do espaço” (p. 273). Esse espaço simultaneamente geográfico e social facilitava a coordenação de um quadro. O regionalismo, em sua penetração literária, surge da necessidade de não ultrapassar uma topografia. Assim, “fecha-se horizontalmente e vai adquirir na pintura o segredo da reprodução, com fidelidade, embora ao artista pertença o direito de impor sua personalidade, quer preferindo um estilo quer selecionando uma forma” (p. 273).

Em Jorge Amado, percebemos rapidamente que um romance com geografia se sobressai. As paisagens surgem à nossa frente de forma tão nítida que podemos “ver” o espaço narrado. Da mesma forma, o autor busca um “realismo” na composição dos sujeitos-personagens, revelando o drama humano em toda a sua intensidade. A narrativa amadiana sobre a região cacaueira ao mesmo tempo que expõe as belezas das terras cacaueiras, expõe o quadro político, socioeconômico e cultural, levando o leitor a uma viagem imaginária, por essa porção do espaço baiano, que se estruturou a partir do cacau.

Os ciclos regionalistas da literatura brasileira, “se alimentaram das peculiaridades regionais do país, muitas vezes em tons de denúncia de situações sociais e humanas dramáticas e deploráveis”, a partir de “descrições marcantes do homem e da paisagem, sugerindo, a partir dos elementos e dos aspectos visíveis da paisagem, a dimensão mais profunda dos ângulos da realidade percebida do lugar” (LIMA, 2000, p. 23). No caso da narrativa amadiana que estamos nos debruçando, podemos afirmar que do regionalismo afloram os dramas do homem brasileiro, ou seja, a exploração do ciclo do cacau dá-se de forma semelhante aos outros ciclos econômicos: latifúndio, exploração dos trabalhadores, expropriação dos pequenos produtores, péssimas

condições de sobrevivência dos menos afortunados. Sobressai-se o drama humano diante das condições socioeconômicas e naturais que são encontradas.

Dessa forma, há que se destacar também a dimensão do espaço vivido representado nas obras de ficção dos autores regionalistas. A esse respeito, Lima (2000) afirma que,

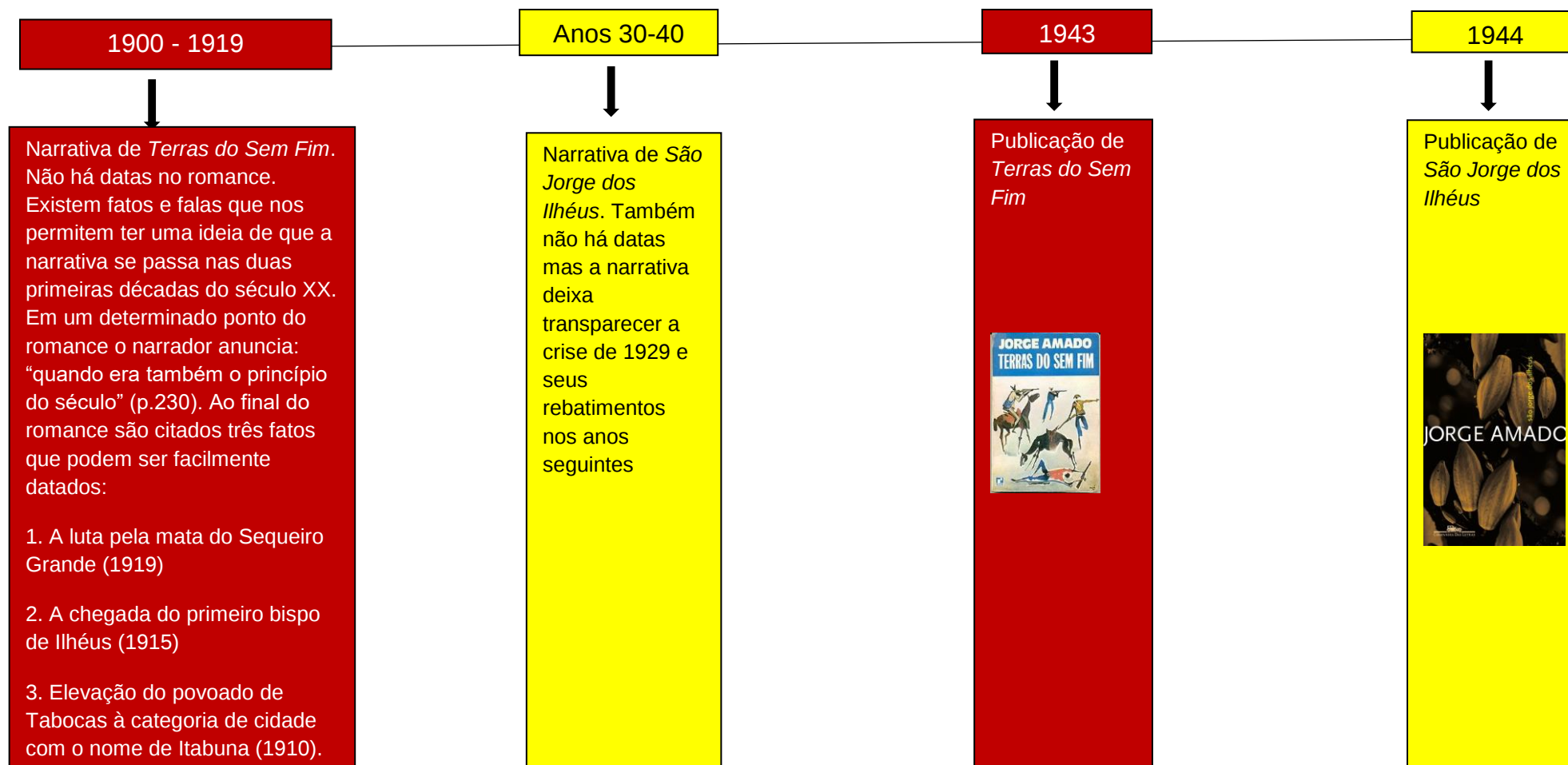
Através das obras de cunho regionalista, podemos analisar o poder de visualização de um quadro ou situação de um dado momento mediante a percepção do escritor, fundamentado talvez em suas memórias, impressões, observações dos lugares em que viveu ou simplesmente, atravessou enquanto viajante, chegando então mais próximo da compreensão do espaço vivido (LIMA, 2000, p.26).

Jorge Amado orgulhava-se de aprender com o povo, sempre atento às histórias que ouvia desde criança, no convívio com os coronéis, “os coronéis do cacau, eu os aprendo, irão ser meus personagens nas histórias de espantar” (AMADO 1992, p. 88). A sua vivência, seu contato com a realidade do sul da Bahia amplia-se na sua imaginação criadora para, a partir das suas “histórias de espantar” nos oferecer elementos importantes para compreender como ocorreu a formação da região cacaueira da Bahia a partir da cacauicultura e como o povo desta região se relaciona com o seu lugar, com seu espaço de vivência.

É também a partir dos seus romances bem como de outros tantos literatos da região que se difundirá a ideia da existência de uma civilização do cacau e de uma identidade grapiúna, pois “essas obras, mais do que retratar ficcionalmente um passado histórico, forneceram a base discursiva para a construção de representações que configuraram uma pretensa unidade cultural da região” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2012, p. 13).

A seguir, elaboramos uma “linha do tempo” com o tempo da narrativa e o ano da publicação dos romances. Aqui, utilizamos as cores vermelho simbolizando a violência pela conquista das terras no sul da Bahia para o plantio do cacau, muito destacado por Jorge Amado principalmente no romance *Terras do Sem Fim*, e o amarelo trazendo essa ideia do cacau-ouro também muito presente nas duas obras.

Figura 1: Linha do tempo da narrativa e publicação dos romances estudados



Coutinho (1986, p. 271) destaca que a maior parte da obra amadiana caracteriza-se como romance-documento retirando da realidade imediata o material para a ficção, porém, acrescenta que “quer mostrando o desbravamento do sul da Bahia na execução de uma saga cacauífera ou quer exibindo aspectos característicos da cidade do Salvador, Jorge Amado não dispensou certo sopro lírico”. Para o crítico, é inevitável em todos os livros de Amado “o testemunho com a imagem da terra. Esse encontro, entre o romancista e a terra, se responsável pelo reconhecimento episódico na linha de certo realismo, é causa imediata da preocupação social de Jorge Amado” (p. 271).

Com relação à preocupação social de Jorge Amado, Machado (2006) afirma que é preciso considerar que os romances da chamada primeira fase, escritos nas décadas de 1930, 1940 e boa parte da década de 1950, fase em que Amado era membro do Partido Comunista⁴, refletem de forma direta o momento histórico no qual foram criados. Nesse período havia uma busca de consciência social e desejo de participação política, quando partidos eram fundados e se fortaleciam num país e num mundo em transformação.

Nesse quadro, os intelectuais com frequência se sentiam moralmente obrigados a preencher fichas de filiação e se incorporar à militância em alguns deles, como forma de passar a limpo os erros históricos do passado que haviam resultado nas mazelas sociais do presente. Tanto no Brasil quanto no exterior, por meio dessa participação político-partidária e da construção da sua própria obra a serviço desses ideais, muitos desses intelectuais acreditavam estar colaborando para que se tornasse possível a utopia que sonhavam para o futuro (MACHADO, 2006, p. 80-81).

Machado (2006) também discorda da tentativa da crítica literária de enquadrar toda a obra amadiana no realismo socialista. Para a autora, mesmo que em determinados momentos o próprio Jorge Amado tenha deixado claro seu compromisso com o socialismo e retirado da sua militância elementos para a criação literária, “a força de Jorge Amado não veio nunca de sua intenção consciente de ser o arauto dos novos tempos ou de seus planos de fazer uma pregação política e convencer as pessoas”. Para ela, sua força criadora,

⁴ A crítica literária bem como os leitores costumam dividir a obra de Jorge Amado em duas fases. A primeira que se inicia em 1931 com a publicação do seu primeiro romance “O país do carnaval” e finaliza em 1958 com a publicação de “Gabriela cravo e canela” que segundo a crítica, inaugura a segunda fase e se caracteriza como um romance de costumes perdendo o tom de denúncia social dos romances anteriores. Porém, é preciso deixar claro que Jorge Amado não concordava com essa divisão. Para o romancista, há uma continuidade na sua obra, uma marca que ele perseguiu desde o início, o que houve, segundo ele, foi um amadurecimento da obra.

Vem de sua verdade íntima, de sua vivência interior de tudo o que percebia na realidade que o cercava, de uma cultura popular forte, da elaboração que sua inteligência e sensibilidade fizeram dessa matéria-prima que a vida lhe deu. Ou apenas pôs a seu alcance e ele teve o talento único de saber agarrar como ninguém. Essa dificuldade de enquadramento nos parâmetros de uma literatura realista se torna ainda mais nítida se considerarmos que, [...] essa narrativa está entretecida de outra proposta latente, não explicitada mas clara – a de uma estética popular. Tal caminho por si só, constitui um caso pouco frequente em nossas letras (MACHADO, 2006, p. 78).

Para Nejar (2007), Jorge Amado foi um grande narrador e criador de tipos, retirando das relações humanas a força de toda a sua obra ficcional. Para o autor, existem três espécies de romancistas: o criador de tipos, o criador de linguagem e o que, ao gerar tipos, gera a linguagem. Assim, para Nejar,

Jorge é um dos mais prodigiosos criadores de tipos da nossa literatura, e o seu estilo serve, propositadamente, a esse desígnio. É poético, lírico, épico, irônico, paródico, com senso de humor, onde, em determinado livro, por vezes, um protagonista ou dois não se distinguem, distingue-se o coletivo: formigas no carreiro da invenção. Essa humanidade é que se impõe ao estilo, não o estilo à humanidade (NEJAR, 2007, p. 297).

Não se encontra, realmente, em Jorge Amado a busca incessante pela perfeição estética do romance. Não há uma busca pela perfeição da sintaxe e uma imersão psicológica mais aprofundada dos personagens, pelo menos é o que percebemos com os romances aqui estudados.

Por muitas vezes, Jorge Amado insistiu em dizer que era apenas um contador de histórias e que não tinha a pretensão de ser mais que isso, como se quisesse reiterar diante das incessantes cobranças que desejava primar pelo desenvolvimento do enredo e não a exploração da linguagem.

Para Nejar, o fato de ser “contador de histórias” não é desdouro, porque isso é ofício natural e instintivo do autêntico narrador. Além disso, continua ele, o que se configura para alguns, em Jorge Amado, como o desleixo de composição ou miséria estilística, é para outros qualidade, pois, o estilo é o tema. Assim, Jorge Amado “cria de dentro para fora, não de fora para dentro. Não embeleza a miséria, a relata. Com o desnudamento feroz. Pondo, ao narrar a escassez, um estilo da escassez” (NEJAR, 2007, p. 296-297).

Amado fez a opção de trabalhar com o povo, seus problemas, suas dores, cores, sua linguagem. Jorge Amado afirmava que o povo era o barro com o qual plasmava

seus personagens e suas histórias. E é sempre “com emoção e respeito que ele se aproxima da fonte dessa criação popular e a traz para dentro de si antes de transformá-la em matéria literária”. Porém, “nunca o faz superficialmente, apenas em busca de cor local, nem com o sentido do pitoresco ou do folclórico, [...]. Sua vivência estava colada nesse universo que trouxe para sua obra” (MACHADO, 2006, p. 46). Como retirava do povo a matéria para os seus romances, gostava de utilizar linguagem simples, muitas vezes coloquial, sem preocupação com a retórica, para que o povo compreendesse seus romances.

O estudo da literatura enquanto contribuinte da construção da memória coletiva ajuda a compreender diferentes temas recorrentes em uma determinada sociedade, no nosso caso, buscamos discutir os elementos representados na obra de Jorge Amado que contribuem para a compreensão da formação da região cacauera da Bahia, bem como a relação do povo com o lugar e as relações identitárias.

As obras literárias que possuem como tema o cacau ocupam um lugar relevante na literatura nacional, e no caso do autor em estudo, um destaque internacional. Sua obra está impregnada de memórias. O menino grapiúna (como ele se autodenominou) sempre curioso, “menino xereta” (AMADO, 1992, p.88), aprende com a sua gente:

Ouçó, vejo, me educo com o compadre Braz Damásio, com Basílio de Oliveira, Sinhô Badaró, Adonias Aguiar, Misael Tavares, Domingos Maron [...]. Eu aprendia os coronéis nas ruas de Ilhéus, os jagunços nas roças de cacau, cursava meus preparatórios antes de vir para as universidades dos becos e ladeiras da Bahia⁵ [Salvador] (AMADO, 1992, p. 88;91).

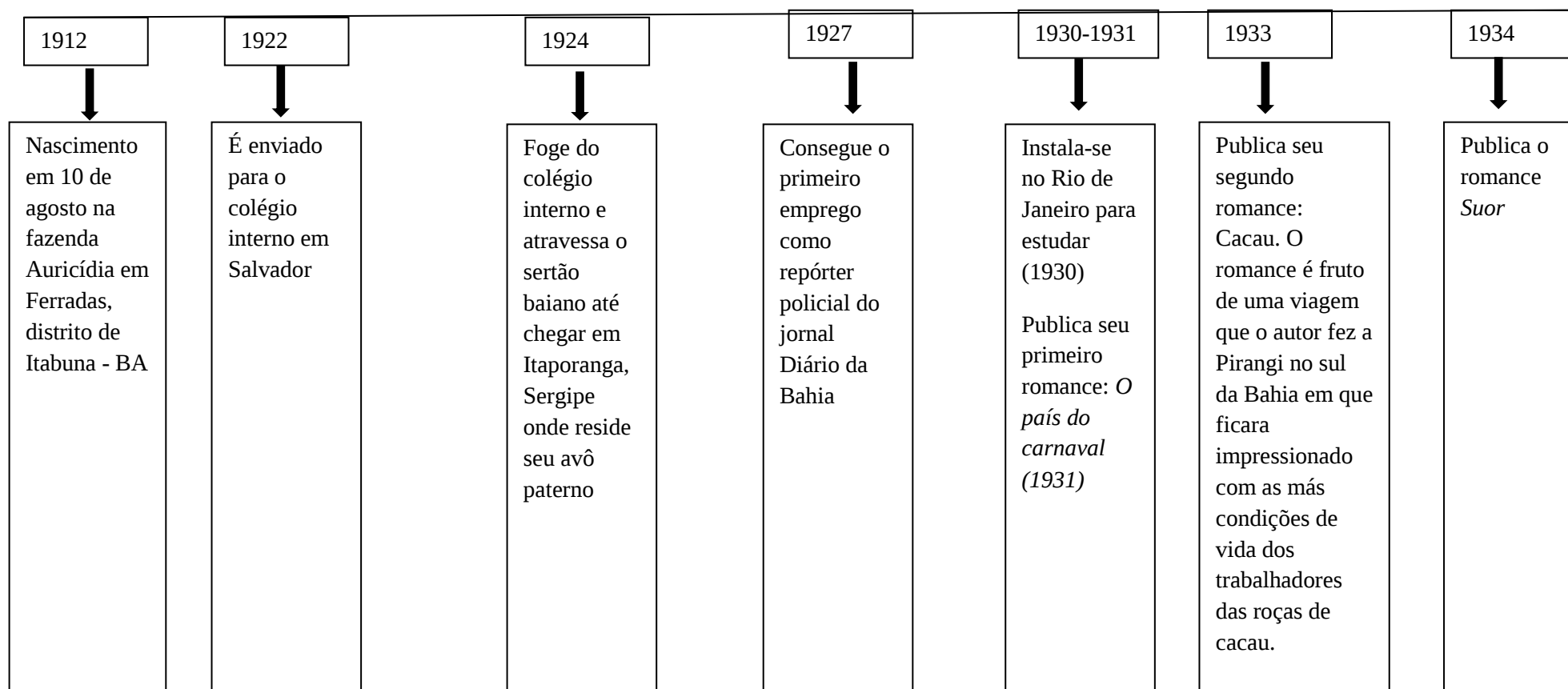
O cacau ocupa lugar de destaque na obra amadiana. É a referência da sua infância nas terras do sul da Bahia. É a partir deste cultivo, por exemplo, que se dá seu

⁵ Em toda a narrativa trabalhada, Jorge Amado refere-se sempre à capital do estado da Bahia, Salvador como “Bahia”. A historiadora Kátia Mattoso explica que a capitania foi batizada de São Salvador da Bahia de Todos os Santos em 1503 e “desde então a Capitania – que se tornou Província [...] e depois estado com a República – sempre se chamou Bahia. Mas até o final do século passado, sua capital teve, simultaneamente, sete denominações, resultantes de combinações das oito palavras contidas em seu nome de batismo: São Salvador, Salvador, Salvador da Bahia, Bahia, Bahia de Todos os Santos e, enfim, São Salvador da Bahia de Todos os Santos. Hoje as administrações simplificadoras decidiram que a cidade se chama Salvador. Mas seus habitantes nunca deixaram de chamá-la Bahia” (MATTOSO, 1992, p. 41). O antropólogo e estudioso da “baianidade” Antônio Risério afirma que quando um baiano diz “Bahia” está muitas vezes pensando apenas na cidade da Bahia. “É um costume de séculos. ‘Assim a trata o povo das suas ruas desde a sua fundação’, enfatiza Jorge Amado” (RISÉRIO, 1988, p. 146).

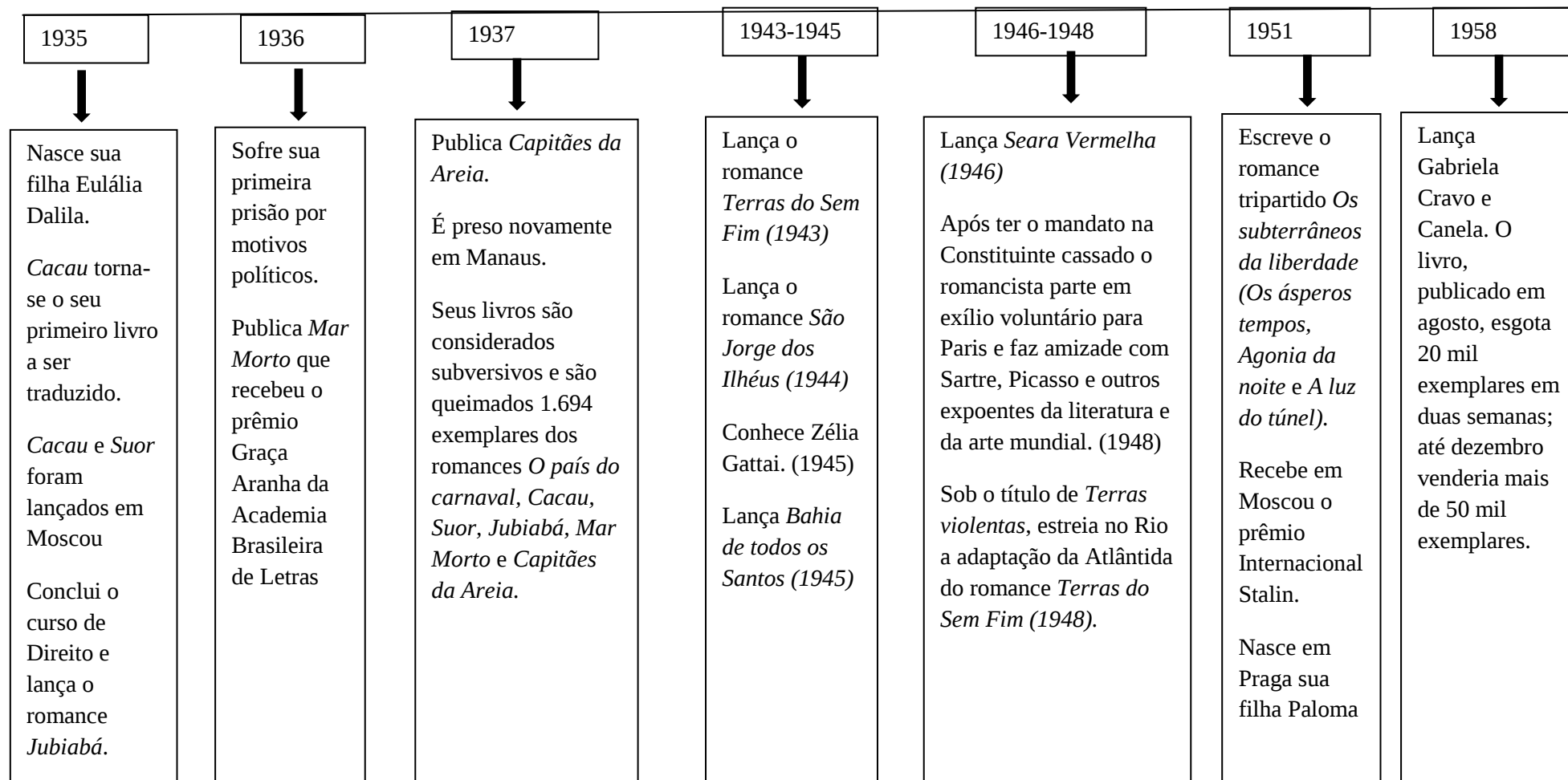
primeiro contato com a morte, tema recorrente em seus romances, “*a morte, companheira de toda a minha infância*” (AMADO, 1982, p. 45).

As lutas pela posse das terras empreendidas pelos desbravadores no sul da Bahia (desbravadores que posteriormente se tornariam os coronéis do cacau), marcadas pela violência das tocaias, os caxixes, a expropriação dos trabalhadores e dos pequenos produtores, marcam a vida do menino grapiúna. Suas “histórias de espantar” correram/correm o mundo. Os fatos e as pessoas mais marcantes vão ficando registrados na memória de Jorge Amado para que no tempo devido o menino que gostava de ouvir histórias se transforme também em um (re) contador de histórias das terras do cacau, da “civilização grapiúna”, reconstruindo a saga do apogeu e declínio dos coronéis pioneiros/desbravadores das terras do sul da Bahia, descrevendo as paisagens dessas terras, denunciando as condições socioeconômicas dos trabalhadores nas roças de cacau, a brutalidade da conquista da terra e elencando e difundindo elementos constitutivos de uma identidade regional, a identidade grapiúna. Desvendar e dialogar com essa geografia presente na obra amadiana é a aventura que pretendemos realizar.

Por fim, sintetizamos na figura a seguir a “vida” agitada desse menino xereta/homem inquieto, Jorge Amado. Tentamos sintetizar ao máximo e o que estamos expondo aqui é apenas um pequeno passeio pela vida do premiado autor.

Figura 2: Linha do tempo da “vida” e obra de Jorge Amado

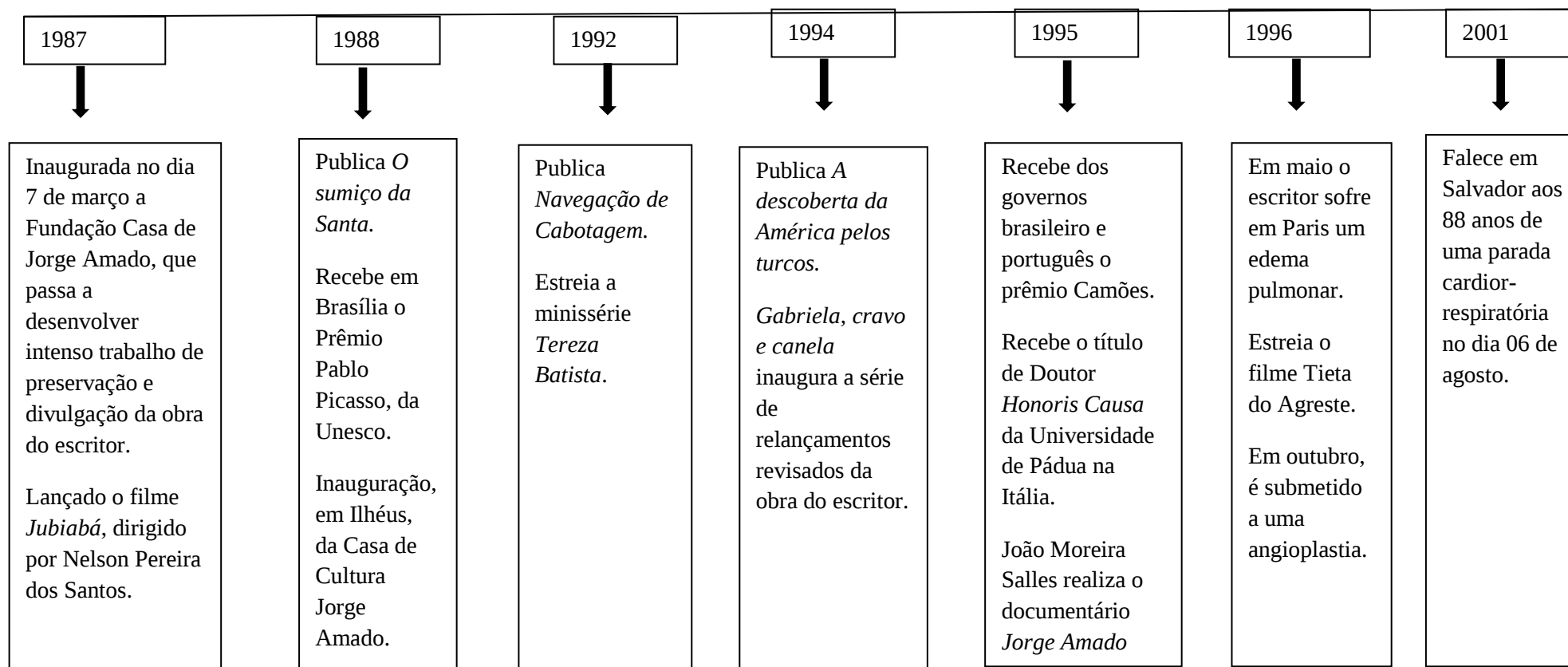
Continuação



Continuação

1961	1964-1966	1969-1972	1975-1976	1977-1982	1984	1985
É eleito por unanimidade para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira 23. <i>Gabriela é</i> adaptado para a TV. A Metro Goldwin Mayer compra os direitos de adaptação para o cinema de <i>Gabriela</i>. Lança <i>Os velhos marinheiros</i>	Lança <i>Os pastores da noite</i> (1964) Lança <i>Dona Flor e seus dois maridos</i> com tiragem de 75 mil exemplares. (1966)	Lança <i>Tenda dos Milagres</i> (1969) Lança <i>Teresa Batista cansada de guerra</i> (1972)	Adaptação do romance <i>Gabriela, cravo e canela</i> para a TV. (1975) Estreia a adaptação de <i>Dona Flor e seus dois maridos</i> para o cinema (1976)	Lançamento de <i>Tieta do Agreste</i>. (1977) Estreia da adaptação de <i>Tenda dos Milagres</i> para o cinema. (1977) A casa onde o escritor viveu em Ferradas é tombada pela prefeitura de Itabuna. (1977) Lança <i>O menino grapiúna</i> em versão comercial. O livro havia sido lançado em 1981 em uma versão não comercial. (1982)	Publica <i>Tocaia grande</i>. Lança a história infantil <i>A bola e o goleiro</i>. Começa a articular a criação da Fundação Casa de Jorge Amado	Toma posse na Academia de Letras da Bahia (cadeira 21). Recebe o título de Grão-Mestre da Ordem do Rio Branco, no grau de Grande Oficial, oferecido pelo governo brasileiro.

Continuação



Fontes: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. Cadernos de Literatura brasileira: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997. Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em: http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75. Acesso em 15 jan. 2017.

Elaboração: a autora.

1.3 Memória, imaginação e experiência na construção das narrativas das TERRAS DO SEM FIM

A Literatura de ficção ambientada na região produtora de cacau no sul da Bahia, a chamada região cacaueira da Bahia, é um importante elemento para a compreensão da construção e estruturação desse espaço tendo no cacau seu símbolo máximo. Muitos foram os que se dedicaram a escrever ficcionalmente sobre o cacau, sobre as terras grapiúnas, sua gente e seus traços culturais: Jorge Amado, Adonias Filho, Euclides Neto, Cyro de Mattos, dentre outros.

A obra de Jorge Amado na qual ele se dedica à literatura do cacau (Cacau; Terras do Sem Fim; São Jorge dos Ilhéus; Gabriela Cravo e Canela; Tocaia Grande: a face obscura) é repleta de elementos que nos permitem compreender como a região cacaueira da Bahia foi se estruturando na primeira metade do século XX a partir do plantio e comercialização do cacau. Penso que sua obra também permite-nos pensar o hoje pois os reflexos da cacaucultura ainda são visíveis na paisagem, assim como permanecem no imaginário da região as imagens suscitadas pela leitura dessa obra.

Jorge Amado nasceu nas terras do cacau, sendo filho de comerciante que deixou o sertão de Sergipe para enveredar-se por essas terras “*semibárbaras de São Jorge dos Ilhéus*” (AMADO 2001, p. 9) para se fazer fazendeiro de cacau. Nascido no sul da Bahia em 1912, o autor vivencia durante alguns anos a violência dos chamados coronéis no desbravamento dessas terras para o plantio e comercialização do cacau, tendo seu próprio pai sofrido um atentado (conhecido na região e difundido por Jorge Amado em seus romances como “tocaia”) quando Jorge ainda era um bebê.

As narrativas amadianas sobre a região cacaueira da Bahia refletem sua vivência e experiência com esse lugar, com essas paisagens de cacau e tudo que elas comportam de material e simbólico. Seu contato com o cacau, com os coronéis, os jagunços, com os trabalhadores das roças, sempre atento às histórias que ouvia, às cenas que presenciava, tudo serviu de mote para compor tramas que refletem a memória coletiva de um povo e ao mesmo tempo ajuda a (re) construir e manter essa memória pela via da literatura.

O sociólogo Maurice Halbwachs (2006) afirma que a memória é produto da coletividade, é construída e alimentada pelos grupos dos quais fazemos ou fizemos parte durante a nossa vida. Para ele,

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos, e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Halbwachs (2006) sugere, por exemplo, que mesmo uma pessoa que chega pela primeira vez a uma determinada cidade e passeando sozinha por ela, se leu descrições, se lhe foi aconselhado a ver tais ou quais aspectos, leu um romance ambientado nessa cidade ou mesmo estudado seu mapa, apenas aparentemente estaria sozinha, pois, “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (p. 31).

Dessa forma, acreditamos ser possível que muitos turistas leitores de Jorge Amado desembarcam em Ilhéus ávidos por passearem nas ruas desta cidade “com o autor”, em busca de referenciais descritos por ele em seus romances, dialogar com o romancista, lembrar das imagens suscitadas pela leitura das obras, assim como Halbwachs passeou e dialogou com Dickens em sua primeira viagem a Londres (p. 31).

Encontramos também em Halbwachs (2006) a afirmação de que há dificuldades de se reter lembranças na primeira infância. Segundo o autor, é difícil encontrarmos lembranças que possam nos levar a um momento em que as nossas sensações eram apenas reflexos de objetos exteriores, ou seja, momento em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos cercavam. Assim, “não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social” (p. 43). Dessa forma, as narrativas do grupo, no caso da infância, principalmente a família, serão fundamentais para a criança criar imagens e tê-las como parte das suas memórias da mesma forma que também ocorre em muitos casos com a memória dos adultos.

Em *O menino grapiúna*, sua autobiografia de infância, a primeira lembrança que Jorge Amado nos apresenta é de um fato extremamente marcante para a sua família, o atentado que seu pai, o coronel João Amado de Faria sofrera quando Jorge tinha apenas dez meses de idade. Impossível para ele reter uma memória verdadeira desse fato dada a sua pouca idade, mas,

De tanto ouvir minha mãe contar, a cena se tornou viva e real como se eu houvesse guardado memória do acontecido: a égua tombando morta, meu pai, lavado em sangue, erguendo-me do chão.

Eu tinha dez meses de idade, engatinhava na varanda da casa ao fim do crepúsculo quando as primeiras sombras da noite desciam sobre os cacauais de recente plantação, sobre a mata virgem, inóspita e antiga.

[...] Meu pai cortava cana para a égua, sua montaria predileta. O jagunço, postado atrás de uma goiabeira, a repetição apoiada na forquilha de um galho (assim o enxergo na nítida rememoração), esperou o bom momento para descarregar a arma. O que teria salvo o condenado? Um movimento brusco dele ou da égua, pois o animal recebeu a bala mortal, enquanto nos ombros e nas costas do coronel João Amado de Faria vieram incrustar-se caroços de chumbo que ele jamais retirou, visíveis sob a pele até o fim da vida. Exibidos com certa relutância e alguma vaidade para ilustrar a repetida narrativa de minha mãe. Ainda conseguiu o ferido levantar o filho e levá-lo até a cozinha onde dona Eulália preparava o jantar. Entregou-lhe o menino coberto com o sangue paterno. Sucedeu no distante ano de 1913. Eu nascera em agosto de 1912 naquela mesma roça de cacau, de nome Auricídia (AMADO 1982, p. 11-13).

As repetidas narrativas da mãe sobre esse fato fazem com que Jorge Amado imagine o próprio acontecimento e as imagens produzidas por ele se mantenham como memória, como vivido.

Bosi (1994) afirma que as lembranças estão subordinadas à subjetividade do “eu” no transcorrer do tempo e que a principal função da memória é conservar o que é de interesse do sujeito ou do grupo ao qual pertence. Daí Jorge Amado poder afirmar: “eu nunca tomo notas. Como escrevo sobre aquilo que vivi, aquilo que conheço uso muito minha memória” (FRANCESCHI, 1997, p. 45). Assim, a memória é socialmente

construída desde a infância e muito do que é incorporado é a soma de depoimentos depois lembrados como vividos.

Retomando o diálogo com Halbwachs (2006), este afirma que a memória individual não está inteiramente isolada e fechada. Ou seja, ao evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta para pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Sendo assim,

O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela está muito estreitamente limitada no espaço e no tempo (Halbwachs, 2006, p. 72).

Halbwachs (2006, p. 73-78) distingue ainda dois tipos de memória: uma pessoal que ele denomina também de autobiográfica, e uma memória social ou memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois a história de nossa vida faz parte da história em geral. A segunda seria bem mais extensa que a primeira embora ela só representaria para nós o passado de forma resumida e esquemática, ao passo que a memória de nossa vida nos apresentaria dele um panorama bem mais denso e contínuo. Embora reconheça a importância da história escrita para o acesso ao passado, o autor esclarece que nossa memória não se apoia na história aprendida e sim na história vivida. Assim,

A vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais pelos quais ela entra em contato com um passado mais ou menos distanciado, que é como o contexto em que são guardadas suas lembranças mais pessoais. É neste passado vivido, bem mais do que no passado apreendido pela história escrita, em que se apoiará mais tarde suas memórias. [...] Neste sentido é que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo que é necessário para constituir um panorama vivo e natural sobre o qual se possa basear um pensamento para conservar e reencontrar a imagem de seu passado (HALBWACHS, 2006, p. 90).

Tanto a memória quanto a história se caracterizam como vias de acesso ao passado, mas, são termos opostos. Para Halbwachs, a memória coletiva não se confunde com a história e a expressão memória histórica não é muito adequada, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto. Para o autor a história é a compilação dos fatos que lograram maior importância na memória dos homens. No entanto, tais

acontecimentos passados, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, são selecionados, comparados e classificados segundo regras e necessidades que não se impunham aos círculos daqueles homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Halbwachs afirma que “em geral, a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social”. Dessa forma, enquanto subsistir uma lembrança, é inútil fixá-la por escrito ou pura e simplesmente fixá-la. Só há a necessidade de se escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa quando elas já estão bastante distantes no passado “para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança” (p. 100-101).

Também para Nora (1993, p. 09), história e memória não são sinônimos e tudo opõe uma à outra. Para o autor a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, “inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”. Por seu turno, a história “é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”. Dessa forma, “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado”. E ainda,

Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva plural e individualizada. A história ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 09).

Para Nora (1993, p. 09), no cerne da história estaria um criticismo destruidor de memória espontânea. Sendo a memória sempre suspeita para a história o papel desta é destruir e repelir aquela, deslegitimando o passado vivido.

Pensamos que, por sermos humanos, somos seres de memória e também de história. Guardamos nossas lembranças, os fatos que mais nos marcam nos diferentes grupos pelos quais passamos e ao mesmo tempo fazemos parte da história.

Em *O menino grapiúna*, Jorge Amado constrói a narrativa de sua memória de infância vivida nas terras do cacau. Memória, claro, inexata e incompleta como salientam Halbwachs (2006) e Nora (1993), pois a atividade mnemônica não pode ser considerada uma equivalente do todo vivido. Neste livro, Jorge Amado apresenta alguns relatos das suas memórias, esboçando uma série de imagens de momentos e pessoas que marcaram essa sua fase da vida. Dessa forma, essas memórias nos oferecem caminhos para melhor percorrer seus romances, interpretar e compreender seu texto ficcional, pois, foi uma opção do autor escrever sobre o seu espaço vivido. Essa autobiografia insere-se na narrativa amadiana sobre o cacau, é um ponto de contato com sua obra ficcional que nos norteia também na busca por essa geografia do texto amadiano.

Escrito ora em primeira ora em terceira pessoa do singular, *O menino grapiúna* é um pequeno passeio pelo passado do autor. Nele são apresentados fatos que lhe são importantes. Fatos e pessoas que marcaram a vida do menino e que em muitos casos depois seriam representados em suas “histórias de espantar”. É o caso da violência sempre presente nos romances analisados nesta pesquisa e conseqüentemente a presença da morte (quase sempre violenta) como imagens marcantes. Em vários momentos são apresentadas lembranças que remetem a esses temas.

Memória verdadeira e completa guardo de outra cena, essa não mais de ouvir dizer e sim de tê-la vivido em meio a noite cálida e assustadora da Tararanga⁶. Menino de quantos anos? Cinco, talvez pouco mais, não sei [...] Muito pequeno ainda, com certeza. Acordado pelos latidos dos cachorros [...] fui espiar. Como fiz para esconder-me na varanda, para não ser visto, não me lembro. Recordo, sim, com absoluta nitidez, a visão exaltante: na obscuridade moviam-se vultos, sombras, ouviam-se vozes, relinchos dos animais. Meu pai montado na sua mula preta, [...] os cabras⁷ em burros,

⁶ Tararanga era o nome da segunda fazenda de cacau do coronel João Amado de Faria, pai de Jorge Amado. Após perder a primeira fazenda, a Auricídia, na grande enchente do rio Cachoeira em 1914 a família Amado vive alguns anos na cidade de Ilhéus e com o dinheiro que conseguiu juntar fabricando e vendendo sapatos, compra uma nova fazenda e retorna para o campo.

⁷ Segundo o Dicionário da escravidão negra do Brasil, o termo “cabra” é designativo do mestiço de negro e mulato. Porém, não há consenso sobre esse termo: “Macedo Soares diz que o cabra é quarteirão de

[...] nas selas, os trabucos. A tropa armada partiu [...]. Minha mãe magra e resignada viu o marido tomar mais uma vez o rumo de Itabuna para garantir, com amigos e cabras, a eleição de um sobrinho. Só então, quando a cavalgada sumiu minha mãe reparou no menino a espiar. Tomou o filho nos braços e o teve contra o seio. [...] Animais e homens desapareceram na noite. Na varanda, com dona Eulália, ficavam o menino e a morte. A morte, companheira de toda a minha infância (AMADO, 1982, p. 41-45).

Mas a morte, companheira de toda a sua infância não aparece em suas memórias apenas como resultado de disputas armadas por terras ou por política. Há também relatos das doenças presentes no sul da Bahia no início do século XX, doenças essas que aparecem frequentemente na narrativa ficcional:

Naquele tempo, a bexiga negra dizimava as populações da zona do cacau. A bexiga, o impaludismo, a febre. Que febre? Não sei, diziam apenas a febre para designar a implacável matadora. Seria o tifo? Mata até macaco, afirmavam para caracterizar a violência e a malignidade daquela febre fatal: a febre, pura e simplesmente.

Na época das chuvas, tornava-se epidêmica, deixava de ser a febre, passava a ser a peste. Vinha do fundo das matas, no rastro dos jaracuçus e das cascavéis. A febre contentava-se em matar uns quantos, a peste enlutava as cidades e os campos, não havia remédio que valesse. Tampouco medicação capaz de enfrentar a bexiga negra.

Contagiosa como nenhuma outra moléstia, as suas vítimas eram isoladas nos lazaretos, longe das povoações. Por milagre, um bexigoso se curava, regressava com as marcas no rosto e nas mãos. Macabra visão de infância a me fazer estremecer até hoje: os bexigosos, metidos em sacos de aniagem, sendo levados para o lazareto, carregados pelos miraculados, ou seja, por aqueles que, havendo contraído a varíola e tendo escapado com vida, tornaram-se imunes ao contágio.

Caminhando lado a lado com a morte, incorporado ao reduzido grupo de familiares, acompanhei de longe o transporte de um colega de escola primária até que o carregador, com o saco às costas, desapareceu no caminho, nos limites da cidade. A

mulato com negro, mulato escuro, caboclo escuro. V. Chermont diz tratar-se de mestiço de branco com negra, logo, o mesmo que mulato. Rodolfo Teófilo, afirma que é o produto do cruzamento de índio e de africano, inferior aos elementos que o formam”.

bexiga e os bexigosos povoam meus livros, vão comigo pela vida afora (AMADO, 1982, p. 24-26).

Terra, cacau e morte são temas recorrentes na literatura do sul da Bahia. O tema da morte é tão presente nesta literatura que Ribeiro e Sacramento (2012) chegam mesmo a falar de um imaginário da morte na região cacaueira. Baseados nos romances de Jorge Amado e Adonias Filho, os autores discutem a constância deste tema nas obras dos romancistas, representada sempre com determinado grau de violência principalmente no que tange à conquista da terra.

Mas em *O menino grapiúna* há espaço para outras memórias, lembranças mais leves e doces e para momentos em que o autor relata momentos em que pulsa sua imaginação. Ao ler as memórias de infância de Amado, percebemos que os momentos mais felizes são aqueles que envolvem o mar. O mar é retratado como a imensidão da liberdade, aquele que permite sonhar, imaginar e amar.

Da praia do Pontal, de infinita beleza o menino cavalga em cacho de cocos verdes, eleva-se nos ares, sobrevoa o porto e os navios, vive entre a realidade e a imaginação. Na garupa do improvisado ginete conduz a fada, a princesa, a estrela, a esfarrapada vizinha; nos olhos e no riso da companheira de viagem aprende as primeiras noções de amor. [...] Junto às pontes de atracação, os pequenos navios da Companhia Bahiana transformam-se em transatlânticos, em navios de piratas nos quais o menino se transporta aos confins do mundo, combate e vence o Terror dos Mares, salva a princesa escravizada. [...] O menino vive na praia, no encontro do rio com o mar, as ondas poderosas e as águas tranquilas, o coqueiral, o vento e a presença da menina por quem pulsa seu pequeno coração. Como se chamava? Perdeu-se o nome ficou apenas a imagem da cavalgada, de mistura com as histórias de fadas e piratas, [...]. Ficaram o audaz alazão e o rosto moreno, os cabelos lisos, de cabo verde, da primeira namorada. Namorada seria muito dizer, com tão pouca idade ainda não se namora, mas com que intensidade se ama! (AMADO, 1982, p. 29-31).

Bachelard (1993) considera a imaginação como um poder maior da natureza humana. Esse poder imaginativo tem forças para fazer os seres humanos permitirem-se viver além da realidade material que lhe é disponibilizada. O menino “preso” à fazenda

de cacau sonha em cruzar os mares, conhecer as outras “terras do sem fim”. E foi justamente pelo poder da sua imaginação, ao criar dezenas de romances, que ele pôde finalmente cruzar os mares tanto fisicamente quando imaginativamente falando. Quantos mundos foram (re) criados a partir da escrita e leitura dos seus romances?

Jorge Amado ao confidenciarmos algumas de suas lembranças, traz a tona imagens do espaço feliz, vivenciado por ele na sua imaginação. Esse espaço da imaginação, adverte-nos Bachelard (1993, p. 20), “não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à medida e reflexão do geômetra”. Esse espaço é vivido com todas as parcialidades da imaginação. Daí o menino poder montar em “cachos de cocos”, elevar-se nos ares e substituir o seu mundo por um mundo mais belo e fluído.

O menino grapiúna também nos conta que foi salvo pelo mar, quando era aluno interno do colégio dos Jesuítas em Salvador (o que ele considerou como a sua primeira prisão) e o professor solicitou como atividade, uma descrição tendo o mar como tema.

Dos estreitos limites do internato, fui salvo pelo mar – o mar de Ilhéus, a praia do Pontal, as marés mansas e a tempestade. [...] A classe se inspirou, toda ela, nos encapelados mares de Camões, aqueles nunca dantes navegados, o episódio do Adamastor foi reescrito pela meninada. Prisioneiro no internato, eu vivia na saudade das praias do Pontal onde conhecera a liberdade e o sonho. O mar de Ilhéus foi o tema da minha descrição (AMADO, 1982, p. 111;118).

Jorge sentiu-se salvo pelo mar pois como o professor gostou da sua descrição e afirmou que ele possuía uma vocação autêntica para escritor, passou a lhe emprestar seus livros que o ajudavam a suportar os anos no internato, imaginando e “vivendo” outros mundos.

O padre Cabral tomou-me sob sua proteção e colocou em minhas mãos livros de sua estante. Primeiro “As viagens de Gulliver”, depois clássicos portugueses, traduções de ficcionistas ingleses e franceses. Data dessa época minha paixão por Charles Dickens. [...] Recordo com carinho a figura do jesuíta português erudito e amável. Menos por me haver anunciado escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver revelado o mundo da criação literária. Ajudou-me a suportar aqueles dois anos

de internato, a fazer mais leve a minha prisão, minha primeira prisão (AMADO, 1982, p. 119-120).

Tuan (1980, p. 131), afirma que não é difícil de entender a atração que as orlas marítimas exercem sobre os humanos, pois, “para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura”. Além disso, continua Tuan,

O corpo humano, que normalmente desfruta apenas do ar e da terra, entra em contato com a água e a areia. A floresta envolve o homem em seu recesso fresco e sombrio; o homem no deserto está totalmente exposto e sofre escoriações pelo sol brilhante e é repelido pela dureza da terra. A praia também é banhada pelo brilho direto e refletido da luz do sol, porém a areia cede à pressão, penetrando entre os dedos do pé e a água recebe e ampara o corpo (TUAN, 1980, p. 131).

Nas memórias do menino grapiúna, ficam latentes as diferentes sensações que os diferentes espaços exercem sobre ele: a fazenda lhe remete a sensações de insegurança, violência, morte. Ao contrário, nas proximidades do mar, a liberdade, a segurança, a aventura, o amor.

Também nos romances analisados nesta pesquisa o mar está presente. No romance *Terras do Sem Fim*, a aventura em busca da riqueza do cacau inicia-se numa viagem de navio e um capítulo inteiro é dedicado às belezas do mar de Ilhéus. Em *São Jorge dos Ilhéus* as barcas que servem para secar o cacau se parecem com navios nos quais os trabalhadores cantam canções que falam do mar e de viagens. Os trabalhadores das roças são os “*marinheiros das barcas de cacau presas na terra negra e rica!*” (p. 112).

As barcas para a secagem dos caroços de cacau lembram navios que fossem partir através do mar das árvores de ouro. [...] Talvez porque as barcas pareçam navios, há canções, na terra do cacau, que falam em mar e em viagens. Um desejo de fuga, quem sabe?, naqueles homens, muitos dos quais chegaram pelo mar, em busca de riqueza:

Eu quero ser marinheiro,

quero ir para outra terra. (AMADO, 2010, p. 112-113).

O amor e a morte perpassam o imaginário humano, nos rodeiam e são temas permanentes em toda a narrativa amadiana. Segundo Amado, isso encontra razão de ser, encontra suas raízes, “*nessa primeira infância de terra violentada, de homens em*

armas, num mundo primitivo de epidemias, pestes, serpentes, sangue e cruces nos caminhos". E ao mesmo tempo *"de mar e brisa, de praia e de canções, meninas de doce enlevo"*. Por isso Jorge Amado afirma: *"entre Pontal e Pirangi, antevi o amor e tratei com a morte. A vida do menino foi intensa e sôfrega"* (AMADO, 1982, p. 50). Vida intensa e sofrida, mas de aprendizados e muitos sonhos traduzidos em lugares de memória, ou seja, em romances.

1.4 A região: idas e vindas de um conceito

A região, apesar de ser um conceito-chave da Geografia, é um conceito polissêmico pois é utilizado por várias áreas do conhecimento, pela administração pública e pelo senso comum. Assim, "cada área do conhecimento, da Economia aos Estudos Literários, traz sua própria leitura sobre a região, o regionalismo e/ou a regionalização" (HAESBAERT, 2010, p. 09). Como é um conceito norteador do nosso trabalho, traçamos a seguir, um breve histórico deste conceito na história do pensamento geográfico.

Gomes (1995) nos lembra que a denominação *região* remonta o Império Romano, quando a palavra *regione* era utilizada para designar áreas independentes ou que não estavam subordinadas ao Império. Após uma discussão profunda sobre o tema, o referido autor distingue três grandes domínios em que a noção de região está presente. O primeiro seria a "própria linguagem cotidiana, o senso comum" onde os princípios fundamentais são o de localização e extensão. São empregadas as expressões como "a região mais pobre", "a região montanhosa" ou "a região da cidade X". São usados critérios diversos, não há precisão nos limites e a escala também varia bastante. O segundo domínio é o da administração pública, ou seja, a região é vista como uma unidade administrativa. Nesse caso a região é a base para o exercício do controle dos Estados e de suas subunidades, quando for o caso. E finalmente o terceiro domínio é o das "ciências em geral" onde o emprego do conceito de região associa-se também à ideia de localização de determinados fenômenos. Ou seja, aqui o emprego do conceito resguarda sua etimologia pois, região é vista como "área sob um certo domínio ou área definida por uma regularidade de propriedades que a definem".

A partir da análise da evolução do pensamento geográfico, é possível perceber que, assim como a própria ciência geográfica, o conceito de região passou por várias transformações e por períodos de crise e ascensão. Mesmo na atualidade com a propalada homogeneização dos espaços pela globalização, o conceito de região não está morto, ressurgiu e ressignifica-se a cada época.

Desde o princípio da institucionalização da Geografia moderna que o conceito de região possui importância nos domínios desta ciência. É na França com Vidal de La Blache que o conceito de região ganha maior destaque no meio acadêmico geográfico, já que a Geografia francesa põe no centro do debate o conceito de *gênero de vida* que na Sociologia e na Antropologia surgiu como modo de vida. Essa Geografia do *gênero de vida* significava que o entorno natural oferecia possibilidades às culturas, que, à sua maneira se apropriavam dele em prol do seu próprio benefício.

Haesbaert (2010) lembra-nos que a força da Geografia Regional chegou a tal ponto, que ela foi elevada a fundamento paradigmático da disciplina, principalmente na Geografia clássica francesa e também, em parte, da Geografia alemã, que acabou influenciando a Geografia norte-americana de Carl Sauer e, posteriormente, de Richard Hartshorne e Derwert Whittlesey. Nesse período, ressalta o autor,

Existe uma visão da Geografia Regional como núcleo-chave da Geografia, enfatizando a influência dessa abordagem no pensamento geográfico como um todo. Daí o fato de a região ter-se transformado naquilo que poderíamos conceber como o conceito mais pretencioso da Geografia, “síntese” dos múltiplos componentes do espaço geográfico, visando dar conta, assim, de todas as dimensões do espaço, como se, para muitos, a região condensasse de forma mais coerente ou até mesmo mais aprofundada uma concepção de espacialidade mais condizente com o trabalho do geógrafo (HAESBAERT, 2010, p. 41).

No campo do conhecimento científico, o ir e vir dos conceitos no tempo histórico é perfeitamente normal dada a necessidade da ciência buscar novos conteúdos que pretendam dar conta da realidade em constante transformação. Além disso, no caso da Geografia por exemplo, os olhares sobre a realidade são diferentes. As chamadas “correntes” geográficas não olham para a realidade com as mesmas lentes.

Buscando pôr em evidência esse “ir e vir” do conceito de região no pensamento geográfico, Haesbaert (2010), analisa o que ele chama de “morte e vida” da região em três perspectivas da Geografia: a perspectiva neopositivista; a perspectiva marxista e por

fim na perspectiva do que ele chama de “globalismo pós-moderno”. Resumimos as ideias do autor sobre a “morte e vida” da região na Geografia no quadro a seguir.

Quadro 3 – “Morte e vida” da região no pensamento geográfico.

	NEOPOSITIVISMO	MARXISMO	GLOBALISMO PÓS-MODERNO
Momento de morte	Trata-se da passagem do paradigma corológico clássico, “diferenciação de áreas”, para o paradigma espacial de classificação de áreas. Destaque para o artigo de Schaefer de 1953, que acusa a Geografia “corológica” de sobrevalorizar o regional em detrimento do sistemático. O “excepcionalismo” da geografia a impossibilitaria de alcançar o patamar científico.	Yves Lacoste, baseado no <i>Tableau de la Géographie de la France</i> de Vidal de La Blache acusa a região lablacheana de se tornar um conceito obstáculo que impediu a consideração de outras representações espaciais e o exame de suas relações. A partir de leituras economicistas, alguns estudiosos decretaram o fim das regiões a partir da difusão das relações econômicas capitalistas homogeneizadoras.	Momento de continuação da abordagem anterior, ou seja, a continuação da crença de que os processos de globalização irão cada vez mais impor uma “sociedade em rede” em detrimento de uma sociedade “regionalizada”.
Ressurgimento	Os geógrafos “teóricos” em sua visão cientificista da disciplina, em moldes neopositivistas, acabaram reabilitando o conceito de região em outras bases. A “diferenciação” de áreas é substituída por “classificação” de áreas –	A retomada do conceito de região pelo marxismo se dá principalmente de duas formas: uma que enfatiza a dimensão econômica, vendo a região sobretudo como produto da divisão territorial do trabalho e outra que enfatiza os movimentos sociais, notadamente os	Abordagens baseadas no chamado “pós-estruturalismo” com trabalhos tanto numa perspectiva mais materialista e “local” e dita “não representacional”, e outros numa abordagem mais idealista e tipicamente “regional”, centralizando suas abordagens numa

	cada região configuraria um tipo ou classe de área.	regionalismos.	leitura renovada da “invenção” (discursiva) das identidades (meso) regionais;
--	---	----------------	---

Fonte: HAESBAERT, Rogério. 2010.

Elaboração e organização: a autora.

Outra questão interessante levantada por Haesbaert (2010) refere-se ao fato de que, falar em região requer também pensarmos nos diversos processos ou métodos de regionalização do espaço. O autor identifica três grandes caminhos que geralmente são utilizados no tratamento da região e/ou da regionalização: a) uma abordagem mais “realista”⁸ da região como fato, ou seja, uma evidência empírica externa ao sujeito conhecedor; b) uma abordagem de viés mais estritamente epistemológico onde a região é trabalhada como artifício ou construto que, enquanto instrumento metodológico, responde a questões analíticas, tornando-se assim “operacional” para os requisitos e/ou objetivos propostos pelo pesquisador; c) uma abordagem mais pragmática da região como instrumento de ação e/ou projeto de intervenção no real, ou seja, de alguma forma vinculada a mecanismos de planejamento e ação.

Diante da identificação dessas três linhas de abordagem da região/regionalização Haesbaert (2010) propõe o que denominou de região enquanto *artefato*, entendendo que a região não pode ser abordada apenas como um “fato” (concreto), um “artifício” (teórico) ou um instrumento de ação. Ao propor abordar a região como *artefato* o autor salienta que é preciso tomá-la enquanto imbricação entre fato e artifício e, de certo modo, também, enquanto ferramenta política. Assim concordamos também com o autor quanto à sua afirmação de que,

Qualquer análise regional que se pretenda consistente (e que supere a leitura da região como genérica categoria analítica, “da mente”) deve levar em conta tanto o campo da produção material quanto o das representações e símbolos, ideais, tanto a dimensão da funcionalidade (político-econômica, desdobrada por sua vez sobre uma base material-“natural”) quanto do vivido (simbólico-cultural, mais subjetivo) – em outras palavras [...] tanto a coesão ou lógica funcional quanto a coesão simbólica, em suas múltiplas formas de construção

⁸ Aqui o autor utilizou aspas para enfatizar o sentido de realismo que foi considerado: “Focalizamos aqui aquilo que alguns denominam ‘realismo científico’, que reconhece serem nossos objetos de conhecimento absoluta (mais nas ciências naturais) ou relativamente (mais nas ciências sociais)” (p. 96).

e des-articulação – em que, é claro, dependendo do contexto, uma delas pode acabar se impondo sobre – e refazendo – a outra (HAESBAERT, 2010, p. 117).

Esta afirmação de Haesbaert (2010) é interessante e nos ajuda a pensar a região cacaueira da Bahia a partir das fontes que escolhemos. Ou seja, a região cacaueira aqui é pensada em sua materialidade e também a partir do seu simbolismo, e como espaço vivido e representado por seus habitantes. Jorge Amado fornece-nos a possibilidade dos múltiplos olhares. Enquanto materialidade, a região cacaueira é uma construção humana, e esses seres humanos (no caso da ficção romanesca, os personagens) se olham e se percebem enquanto participantes desse processo de construção e exprimem valores e emoções diante dele. Da mesma forma, podemos pensar no próprio cacau como um artefato, ou seja, é um produto material, palpável, mas ao mesmo tempo insere-se no campo simbólico a partir dos significados a ele atribuídos pelos moradores da região.

Não faz parte das nossas proposições para este trabalho refazer o longo caminho do conceito de região através do tempo, apenas queremos enfatizar que enquanto conceito utilizado no âmbito da ciência geográfica e de outras ciências, além de ser utilizado também pelo senso comum, o conceito de região, assim como outros conceitos científicos, é perfeitamente passível de reformulações em seus conteúdos para tentar dar conta da realidade. Dessa forma, a região pode ser entendida como “um recorte espacial (subespaço) dinâmico, que se estrutura e se reestrutura em um determinado tempo, considerando as transformações ambientais, históricas, sociais, políticas e culturais nele engendradas” (BEZZI, 2002, p. 10).

A região cacaueira da Bahia existe enquanto uma materialidade (re) construída socialmente ao longo do tempo de acordo com os processos socioculturais e ao mesmo tempo é um recorte espacial, um artifício delimitado por diferentes agentes, sempre em mutação de acordo com os objetivos e interesses de cada um, seja o Estado através dos órgãos de pesquisa e de planejamento, seja por pesquisadores independentes.

Ao longo do século XX e início do século XXI, o estado da Bahia passou por várias regionalizações realizadas por órgãos federais e estaduais⁹. No caso da região cacaueira, já foram feitas várias modificações nas regionalizações de acordo com os

⁹ Em seu livro “A região cacaueira da Bahia: dos coronéis à Vassoura de Bruxa” a professora Lurdes Bertol Rocha trabalha com as regionalizações baianas ao longo do século XX e início do XXI.

atributos naturais e principalmente relacionando-as com a produção do cacau. Com a crise da produção econômica do cacau a partir do final da década de 1980, as últimas regionalizações tanto do IBGE como da secretaria de planejamento do estado da Bahia retiraram o cacau das denominações da região. Assim, na regionalização do IBGE de 2005 a região cacaueira é denominada de “microrregião Ilhéus-Itabuna” e na regionalização estadual de 2007, “Território de Identidade Litoral Sul”.

Pensamos que o fato da decadência econômica do cacau não o exclui do imaginário social da região. Embora o nosso estudo se reporte à primeira metade do século XX, quando o sul da Bahia era o maior produtor mundial de cacau, achamos pertinente pôr em relevo que a importância deste cultivo não se restringe à questão econômica, estando, portanto, ainda hoje impresso no imaginário social.

O próprio governo do estado da Bahia reconhece essa importância ao construir o hospital regional “Costa do Cacau” entre os municípios de Ilhéus e Itabuna, municípios aliás, que no passado foram os maiores produtores e exportadores de cacau da região.



Figura 3: Hospital regional Costa do Cacau.

Fonte: Site da Ouvidoria do estado da Bahia. Disponível em: <http://www.ouvidoria.ba.gov.br/2017/04/138620,20/Hospital-Costa-do-Cacau-em-Ilheus-sera-inaugurado-em-junho-.html>. Acesso em 10-07-2017.

Assim como as diferenças regionais e por conseguinte as regiões e os processos de regionalização não desapareceram com a globalização da economia, ressaltamos que o cacau também não desapareceu nem da economia e muito menos do imaginário social regional. Materializa-se na paisagem, viaja mundo afora através da literatura, constitui-se em um código cultural que faz parte da identidade regional.

1.5 O cacau é o centro de tudo: o fruto de ouro na narrativa de Jorge Amado e na paisagem do sul da Bahia.

“- Em roça de cacau, nessas terras, meu filho nasce até bispo. Nasce estrada de ferro, nasce assassino, caxixe, palacete, cabaré, colégio, nasce teatro, nasce até bispo... Essa terra dá tudo enquanto der cacau...”.

Jorge Amado

Gerador de riquezas e de misérias, responsável por gestar as primeiras vilas e cidades de boa parte do sul da Bahia, agente responsável por um grande fluxo migratório em fins do século XIX e boa parte do século XX para o sul da Bahia, responsável por rasgar estradas e construir portos para o seu escoamento, o cacau é o centro de toda a vida da região cacauzeira da Bahia e dos romances da chamada literatura do cacau de Jorge Amado. Na narrativa deste autor, o cacau foi considerado um produto símbolo de riqueza, poder, ascensão social, política e econômica. O cacau por vezes amado e endeusado, “*havia uma palavra sagrada que todos pronunciavam com amor: ‘cacau’*”, (AMADO, 2010, p. 274), por vezes amaldiçoado “*maldito cacau*” (AMADO, 2000, p. 81), sentenciador do bem e do mal. Mas precisamos deixar claro que “*no sul da Bahia cacau é o único nome que soa bem. As roças são belas quando carregadas de frutos amarelos*” (AMADO, 2000, p. 58). E são realmente belas em todo o seu colorido material e simbólico.



Figura 4: Roça de cacau.

Fonte: <https://www.safarigarden.com.br/muda-de-cacau>. Acesso em 07-08-2017.

A relação do povo da região cacaueira da Bahia com cultivo que lhe gerou o nome é extremamente forte principalmente durante o século XX e isso é muito bem retratado por Jorge Amado. Até hoje, o cacau ainda é um símbolo carregado de significados: a glória do passado, os lendários coronéis, as árvores dos frutos de ouro permeiam o imaginário social da região. Na obra amadiana dedicada ao tema é possível perceber claramente essa relação de amor e ódio com o cacau em inúmeras passagens.

Os trabalhadores nas roças tinham o visgo do cacau mole preso aos pés, virava uma casca grossa que nenhuma água lavava jamais. E eles todos, trabalhadores, jagunços, coronéis, advogados, médicos, comerciantes, exportadores, tinham o visgo do cacau preso na alma, lá dentro, no mais profundo do coração... Não havia educação, cultura e sentimento que lavassem. Cacau era dinheiro, era poder, era a vida toda, estava dentro deles, não apenas plantado sobre a terra negra e poderosa de seiva. Nascia

dentro de cada um lançava sobre cada coração uma sombra má, apagava os sentimentos bons (AMADO, 2001, p. 249).

A percepção de Vieira (1999) é de que o cacau representa a síntese da região. Na elegia que se segue, o cacau aparece como uma entidade que contém as contradições inerentes aos produtos da monocultura no Brasil.

Fonte de desenvolvimento. Cacau construtor de cidades. Cacau riqueza e pobreza. Cacau trabalho e fausto. Cacau mola do estado. Cacau romance: crimes e tocaias, caxixes, os injustiçados coronéis. Cacau alimento dos deuses. Cacau-chocolate, deleite da humanidade. Cacau, euforia e desespero. Cacau angústia. Cacau, amores e paixões, devaneios. Cacau, empregador de gente. Cacau, os produtores: desbravadores, pioneiros, lutadores, generosos, capazes, heróis que, com sangue ou com champanhe, plantaram sozinhos uma grande riqueza. Cacau ecológico e sociológico. Cacau, cultura, comportamento, fama e forma próprias. Cacau: exaltação e vilipêndio (Vieira, 1999, p. 24).

A obra amadiana também nos apresenta o cacau como uma entidade quase intangível. Como um fruto endeusado e amedrontador que infunde um respeito quase religioso. Dessa forma, “nem os garotos tocavam nos frutos de cacau. Temiam aquele coco amarelo, de caroços doces, que os trazia presos àquela vida de carne-seca e jaca. O cacau era o grande senhor a quem até o coronel temia” (AMADO, 2000, p. 75). E aquele que de alguma forma ousasse fazer algum dano ao fruto de ouro, mesmo sem intenção não ficava sem castigo.

(...) Foi numa dessas carreiras que um garoto bateu num cacaueiro e derrubou um fruto verde. O coronel, que olhava da varanda, voou em cima do menino, que ante o tamanho do seu crime parara boquiaberto. Mané Frajelo suspendeu o criminoso pelas orelhas:

- Você pensa que isso aqui é de seu pai, seu corneta? Comem e só fazem destruir as plantações, gente desgraçada.

Uma tábua de caixão, abandonada perto, serviu de chicote. O garoto berrava. Depois, dois pontapés.

Colodino fechava os olhos e cerrava os punhos. Mas ficávamos todos parados, sem um gesto. Era o coronel quem batia e demais o castigado derrubara um coco de cacau. De cacau... Maldito cacau... (AMADO, 2000, p. 81).

Os índios americanos principalmente os Astecas e Maias, já conheciam o cacau antes da chegada dos espanhóis. Segundo Bondar apud Rocha (2008) as amêndoas de cacau já circulavam como moeda corrente em alguns países americanos antes da chegada de Colombo. “No século XVI, com uma centena de amêndoas de cacau era possível comprar um bom escravo” (BONDAR apud ROCHA, 2008, p. 32).

O cacau conhecido entre os astecas como *cacahuátl* era mais valioso que o ouro, sendo utilizado como moeda e símbolo de *status* social. Dessa forma, “o imperador Montezuma recebia, anualmente, como imposto, 220 *xiquipilis* (um milhão e seiscentas mil amêndoas de cacau). Essas amêndoas eram usadas, todos os dias, para preparar jarras de chocolate que seriam consumidas por ele” (ROCHA, 2008, p. 33). Percebe-se assim, a grande importância que o cacau tinha para os astecas, sendo tratado como um signo principalmente porque era considerado uma bebida dos deuses. As mulheres preparavam a bebida que era servida aos sacerdotes e aos guerreiros para que tivessem força durante as batalhas.

Moeda de troca, alimento dos deuses, signo de *status* social, o cacau chega ao sul da Bahia, “*a melhor terra do mundo para o plantio do cacau*” (AMADO, 2001, p. 305) e logo se transforma também num signo, num símbolo de poder, riqueza, símbolo de vida e de morte, símbolo também de pertencimento, identidade. Aqui o cacau não é o alimento dos deuses, mas mantém-se sagrado, intocável, dada a sua grande importância econômica e cultural.

Dessa importância econômica o cacau logra também grande importância no imaginário social da região e é valorizado como símbolo regional. Na narrativa de *Terras do Sem Fim* Jorge Amado apresenta várias passagens em que há valorização do cacau, como por exemplo quando da comemoração do dia da árvore no povoado de Tabocas (atual cidade de Itabuna), “*junto a um buraco recentemente aberto, no meio da praça, haviam colocado um cacauzeiro novo, de pouco mais de um ano. Era a árvore para ser plantada na solenidade*” (AMADO, 2001, p. 173).

Embora o cacauzeiro não seja nativo da Mata Atlântica, era tido como a árvore mais importante da região (e para muitos, ainda é. Ao andar pelas cidades da região cacauzeira ainda hoje é possível ver pés de cacau plantados nas praças e em algumas

casas mais antigas). Foi para ele, que as árvores nativas cederam lugar, recuaram, tombaram sob os machados, as foices, as queimadas, a força e a ambição dos homens. E aquelas árvores que restaram, não foi pela sua própria existência e importância, mas permaneceram com o principal objetivo de fazer sombreamento ao cacau que por ser muito exigente em sua ecologia, não suporta muita insolação, guardando assim uma forte relação com a floresta, pois, “gostando de calor, mas não de muita insolação, o cacau e a floresta são inseparáveis” (SANTOS, 1954, p. 23).

O cacau é o responsável também por um grande fluxo migratório para o sul da Bahia principalmente a partir do início do século XX segundo a narrativa amadiana. Pessoas vindas de vários lugares do Brasil e do mundo. Imigrantes atraídos pelo dinheiro fácil, por “*esse ouro que nasce nas terras de Ilhéus, da árvore do cacau*” (AMADO, 2001, p. 15). A obra de Jorge Amado é rica em narrativas a respeito desse processo migratório. Segundo ele, a maioria dos que chegavam à região cacaueira eram principalmente retirantes das grandes secas do sertão da Bahia, Sergipe e Ceará. “*De todo o Norte do Brasil descia gente para essas terras do sul da Bahia. A fama corria longe, diziam que o dinheiro rodava na rua [...]. Os navios chegavam entupidos de emigrantes, vinham aventureiros de toda a espécie*” (idem, p. 201). Mas existiam também turcos, árabes, europeus, geralmente pobres e remanescentes de colonização anterior ao cacau, em outras partes do país. Iam porque ouviam histórias sobre essas terras, o dinheiro fácil, a possibilidade de conseguir um pedaço de terra e plantar o cacaueiro.

Na obra amadiana, o cacau é quase sempre representado como “ouro”. Para o imaginário da população que ali vivia ou ouvia falar dessas terras, era sim o cacau um cultivo muito lucrativo, como o ouro. E todo esse fluxo migratório, sem dúvida, contribuiu para o surgimento de povoados e cidades como é o caso dos povoados de Tabocas (atual Itabuna), Ferradas (atualmente um bairro de Itabuna), Pirangi (atual Itajuípe) e o crescimento da cidade de Ilhéus. É importante salientar também que toda essa multiplicidade de sujeitos envolvidos na ocupação das terras do sul da Bahia, irá compor a chamada identidade grapiúna da qual nos fala Jorge Amado e outros escritores da região cacaueira, como veremos no capítulo 3.

Segundo Falcón (2010), Ilhéus no início do século XIX não passava de um pequeno povoado com pouco mais de mil habitantes, pois foram fracassadas as várias tentativas de desenvolvimento da região a partir do cultivo da cana de açúcar. Foi somente a partir da implementação da cacauicultura que houve o crescimento do povoado, sendo portanto o cacau o responsável pela elevação de Ilhéus à categoria de cidade em 1881. “De tal forma que – pode-se afirmar sem exagero – muito provavelmente a cidade não teria se consolidado se ali não tivesse implantado a empresa econômica da cacauicultura” (p. 35). Na ficção amadiana, Ilhéus é a “*cidade que nascera de repente, filha do porto, amamentada pelo cacau, já se tornando a mais rica do estado, a mais próspera também*” (AMADO, 2001, p. 200).

Em Jorge Amado encontramos muitas informações sobre a cidade de Ilhéus, sua geografia, o modo de vida de seus habitantes, a sua economia baseada na monocultura do cacau. É a cidade em que ele viveu durante quase toda a sua infância, é a sua subjetividade, sua vivência, suas memórias também. Assim ele a descreve no romance *Terras do Sem Fim*:

Ilhéus nascera sobre ilhas, o corpo maior da cidade numa ponta de terra, apertado entre dois morros. Ilhéus subira por esses morros – o do Unhão e o da Conquista – e invadira também as ilhas vizinhas. Numa delas ficava o arrabalde de Pontal onde a gente rica da cidade tinha suas casas de veraneio. A população crescia assustadoramente desde que a lavoura do cacau se estendera. Por Ilhéus saía para a Bahia [Salvador] quase toda a produção do sul do estado. [...]. Os moradores de Ilhéus sonhavam em exportar algum dia o cacau diretamente, sem ter que mandá-lo para a Bahia (AMADO, 2001, p. 198).

Ilhéus recebera o nome de São Jorge dos Ilhéus em homenagem a Jorge de Figueredo Correia o donatário da então capitania hereditária, e às diversas ilhas presentes no seu território como afirma Jorge Amado. É importante salientar também que ele utiliza alguns topônimos reais para as cidades, morros e ilhas como pode ser observado na citação acima. É o caso do Pontal (hoje um bairro rico de Ilhéus) e do morro da Conquista de onde se pode ter uma das mais belas vistas da cidade em questão.

Ilhéus nessa época em que ambientamos o nosso estudo, segundo Jorge Amado, é uma cidade com pouca diversão principalmente para mulheres. Uma cidade onde vive um povo de pouca religiosidade e de muitos barulhos, discussões, tiros. Mas Jorge também nos mostra imagens de uma Ilhéus em que a natureza foi generosa pois,

A cidade ficava entre o rio e o mar, praias belíssimas, os coqueiros nascendo ao largo de todo o areal. Um poeta que certa vez passara por Ilhéus e dera uma conferência a chamara de cidade das palmeiras ao vento, numa imagem que os jornais locais repetiam de quando em vez (AMADO, 2001, p. 200).

Na verdade, as palmeiras apenas nasciam junto às praias e se deixavam balançar ao sabor do vento, pois *“a árvore que influía em Ilhéus era a árvore do cacau”* (idem p. 200).

Na atualidade, tanto em Ilhéus como em várias outras cidades da região é possível perceber a presença do cacaueiro nas praças como símbolo de uma época de ouro, de grande efervescência da economia do sul da Bahia com base na monocultura do cacau. Em Itabuna (antiga Tabocas), por exemplo, em 2010 quando das comemorações do aniversário dos cem anos de emancipação da cidade, foi inaugurado o monumento *Saga Grapiúna* em homenagem aos agentes que desbravaram e plantaram o cacau nas terras do sul da Bahia: migrantes nordestinos, sírio-libaneses, europeus, negros e índios mantendo assim, a memória coletiva da região.



Figura 5: Monumento da Saga Grapiúna.

Fonte: Pesquisa de campo. Foto da autora. Cidade de Itabuna, outubro de 2016.

Da mesma forma, muitos artistas plásticos retratam em telas, paredes e esculturas paisagens e situações do cotidiano das fazendas de cacau, demonstrando assim como o cacau ainda é marcante no imaginário social desse povo, como demonstrado a seguir.

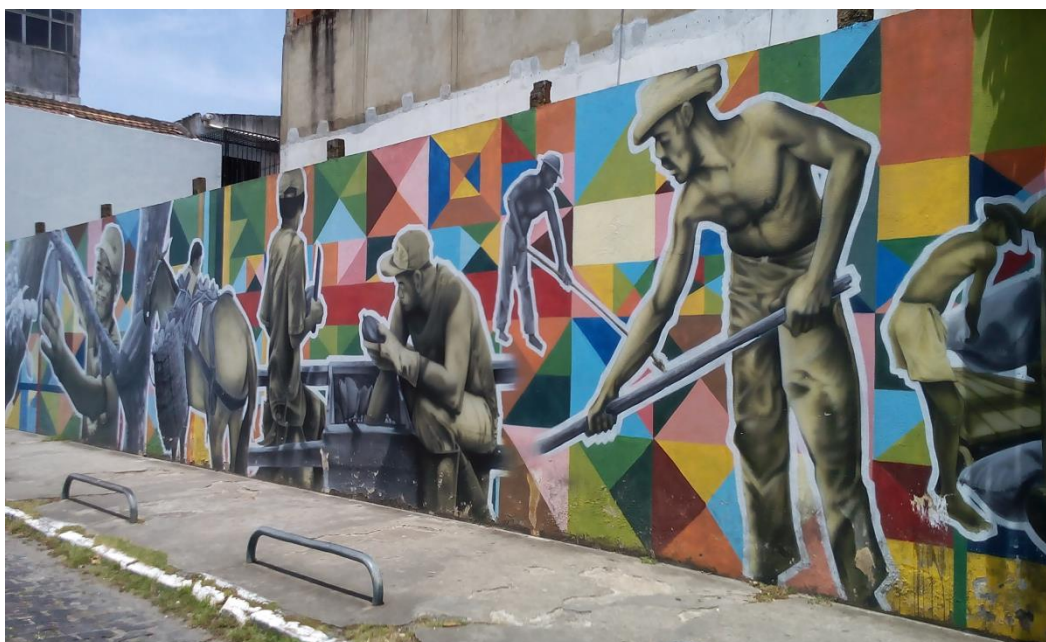


Figura 6: Arte em Grafite retratando o cotidiano das roças de cacau.

Fonte: Pesquisa de campo. Foto da autora. Cidade de Ilhéus, outubro de 2016.

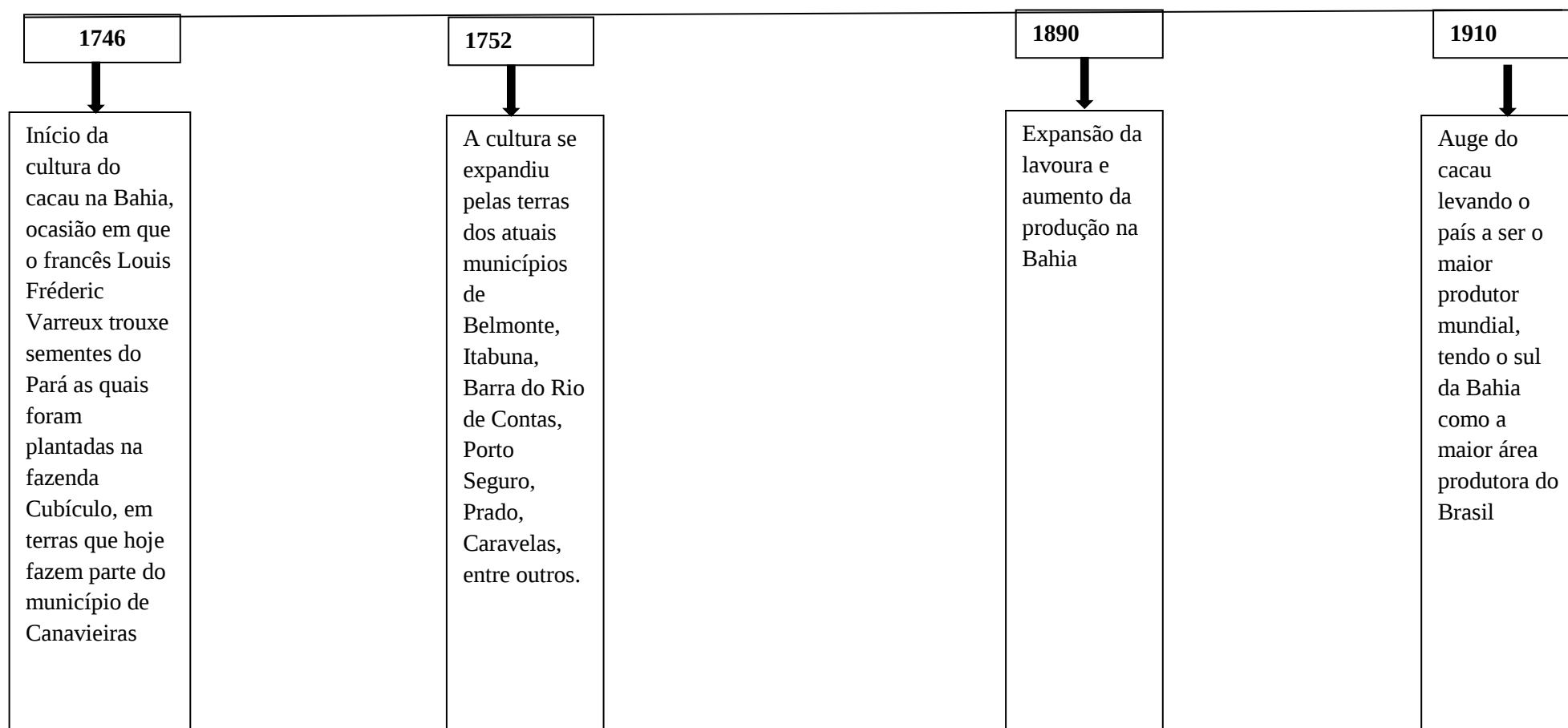
Retomando a narrativa amadiana, e ainda com relação ao surgimento de povoados e cidades a partir do cacau, Jorge Amado, no romance *Terras do Sem Fim*, dedica um capítulo inteiro a esse tema e o denominou *Gestão de Cidades*. Ferradas (local de seu nascimento) por exemplo, recebe um grande destaque nessa obra sendo salientada principalmente sua importância nos tempos da conquista das terras pois “*dali partiam os conquistadores de novas terras. Por vezes, rompendo a mata, chegavam viajantes de Itapira, da Barra do Rio de Contas, que era o outro lado das terras do cacau*” (AMADO, 2001, p. 135). Ferradas crescera e ganhara importância segundo Jorge pois era uma espécie de entreposto por onde passavam os desbravadores e os caixeiros-viajantes. Além disso, o romancista destaca a importância dos depósitos de cacau para o crescimento desse povoado:

Ferradas nascera em torno do armazém de cacau que Horácio fizera construir ali. Ele precisava de um depósito onde juntar o cacau já seco das suas diversas fazendas. Ao lado do armazém foram surgindo casas, em pouco tempo se abriu uma rua na lama, dois ou três becos a cortaram, chegaram as primeiras prostitutas e os primeiros comerciantes. (...) Tropeiros, que vinham conduzindo tropa de cacau seco das fazendas mais distantes, pernoitavam em Ferradas, os burros vigiados por causa dos ladrões de cacau (AMADO, 2001 p. 135).

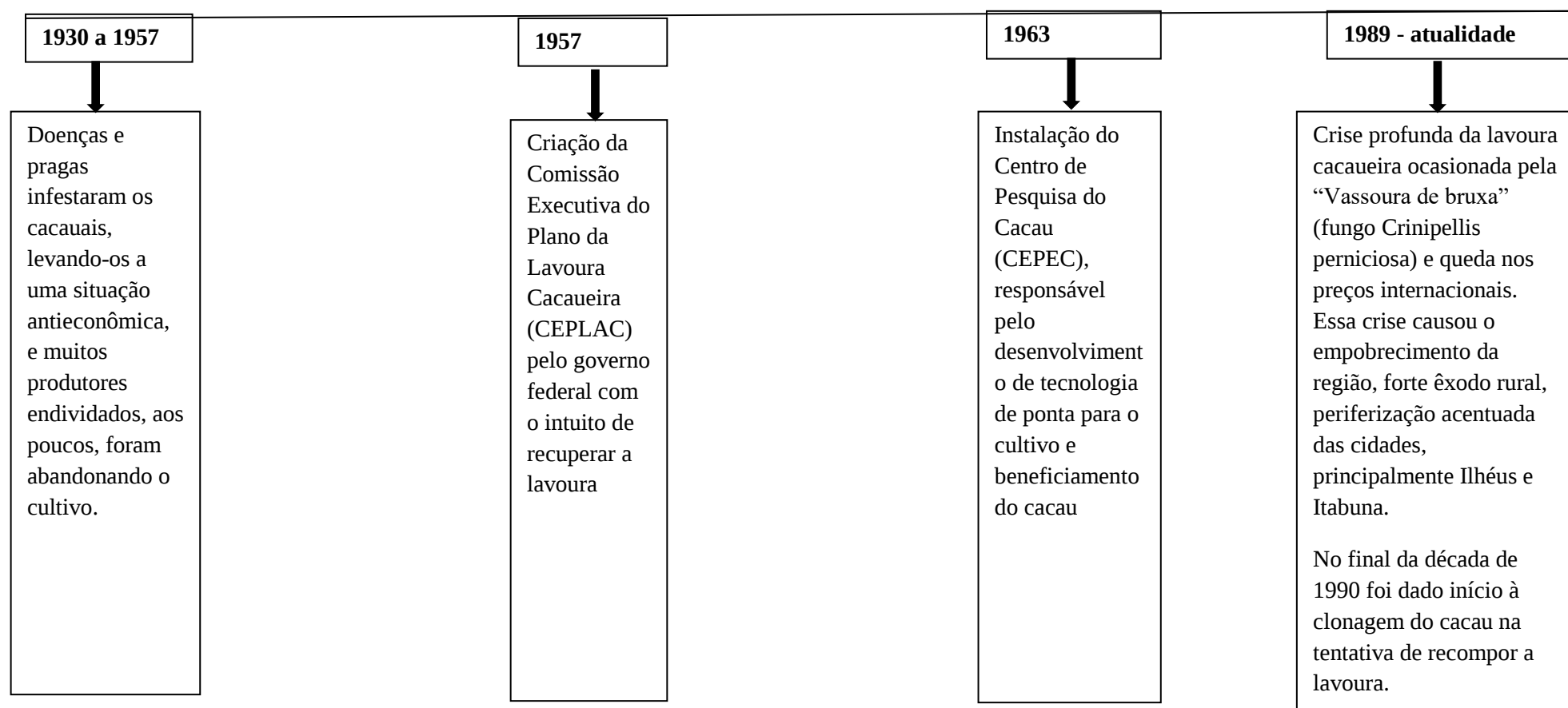
A obra de Jorge Amado mostra-nos a dependência econômica de uma região em torno de uma monocultura, a monocultura do cacau. Mostra-nos também a forte relação do povo da região cacaueira com este símbolo, que representa poder econômico, prestígio social, símbolo de lutas, de derramamento de sangue, de uma forte relação com a terra, a melhor terra do mundo para o plantio da árvore do cacau, a árvore dos frutos de ouro.

Para finalizarmos este subcapítulo, sintetizamos na figura a seguir momentos importantes do cacau no sul da Bahia.

Figura 7: Linha do tempo histórico do cacau no sul da Bahia



Continuação



Fonte: ROCHA, Lurdes Bertol. A região cacaueira da Bahia - dos coronéis à Vassoura de bruxa: saga, percepção, representação. Ilhéus: Editus, 2008.

Elaboração: a autora.

O cacau, sagrado para os Astecas, com alto poder nutritivo, foi capaz de construir no sul da Bahia, o que Adonias Filho (2007) denominou de “Civilização do Cacau”. Civilização esta que tem suas glórias, suas lutas, sua organização econômica e social, sua literatura própria, sempre apoiadas no cultivo e comercialização deste produto. E essa literatura própria, a literatura do cacau, representada por grandes nomes como Jorge Amado, Adonias Filho, Cyro de Mattos, Euclides Neto, dentre outros, utilizada como documento histórico, (re) construtora, guardiã e divulgadora da memória social, nos conta a saga grapiúna, a saga dos desbravadores das terras do sul da Bahia para o plantio do cacau.

E mesmo com a decadência comercial do cultivo no final da década de 1980, o cacau continua presente no imaginário da região e mesmo naqueles que estão fora dela, imaginário alimentado pelas obras literárias dessa que ficou conhecida como a literatura do cacau.

Um passeio pela cidade de Ilhéus, cidade mais importante da época áurea do cacau por exemplo, permite-nos verificar ainda hoje a presença de elementos referentes ao cacau e a Jorge Amado presentes na paisagem desta cidade. Os elementos materializados na paisagem, assim como as narrativas permitem alimentar esse imaginário e reforçar o cacau enquanto um importante elemento da cultura regional.

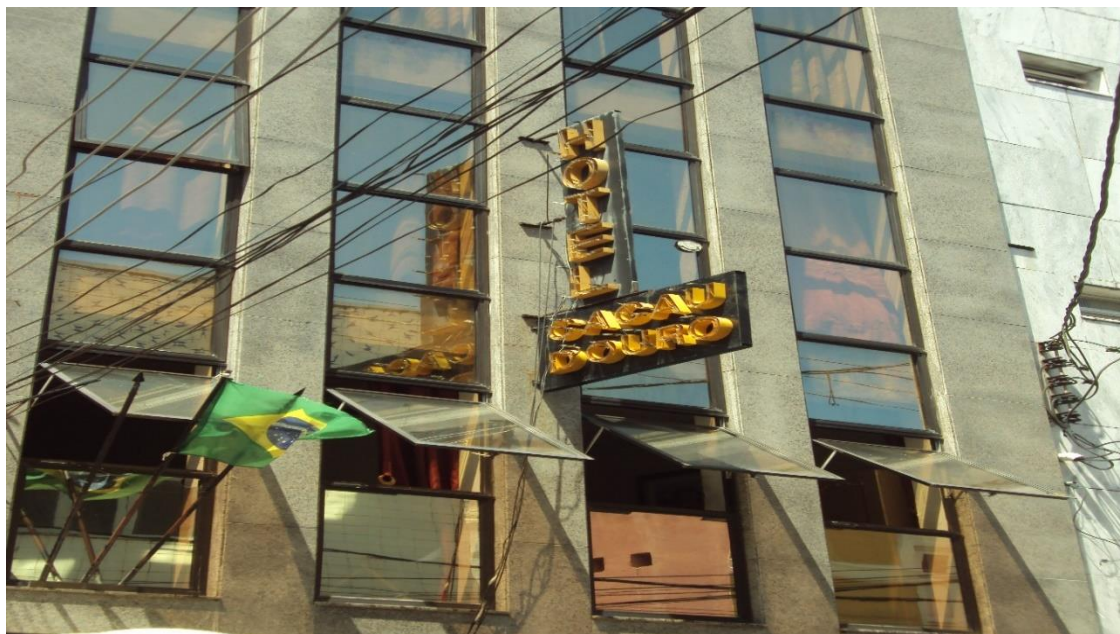


Figura 8: Hotel Cacau D'ouro.

Fonte: Pesquisa de campo. Foto da autora. Cidade de Ilhéus, outubro de 2016



Figura 9: Lixeira em formato do fruto do cacau.

Fonte: Pesquisa de campo. Foto da autora. Cidade de Ilhéus, outubro de 2016.



Figura 10: Loja de artesanato.

Fonte: Pesquisa de campo. Foto da autora. Cidade de Ilhéus, outubro de 2016.



Figura 11: Loja de chocolates finos fabricados na cidade.

Fonte: Pesquisa de campo. Foto da autora. Cidade de Ilhéus, outubro de 2016.

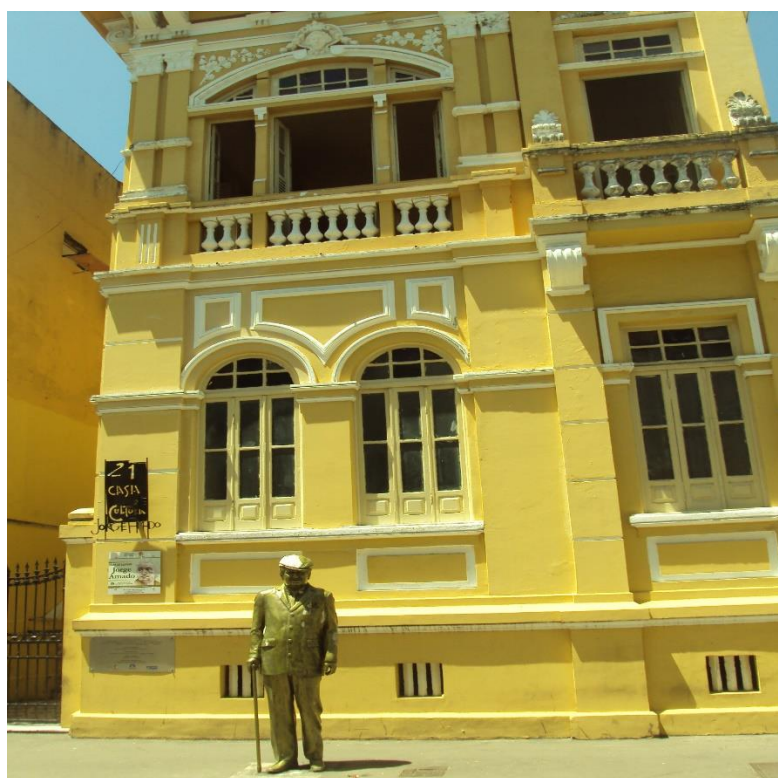


Figura 12: Casa de Cultura Jorge Amado na rua Jorge Amado. Casa onde o escritor morou na infância transformada em espécie de museu sobre a vida do autor.

Fonte: Fonte: Pesquisa de campo. Foto da autora. Cidade de Ilhéus, outubro de 2016.

A partir do cacau e da literatura amadiana, passado e presente se encontram no sul da Bahia. O imaginário social é alimentado tanto pelas formas visíveis da paisagem quanto pela chamada literatura do cacau que possui em Jorge Amado um dos seus maiores expoentes. Sem dúvida, podemos afirmar que o cacau ainda é o centro da vida da região embora não economicamente falando. Ele alimenta e reforça a nossa identidade, a identidade grapiúna.

CAPÍTULO II: A TERRA ADUBADA COM SANGUE PRODUZ FRUTOS DE OURO: A CONQUISTA ÉPICA DAS TERRAS DO SEM FIM E A EXPLORAÇÃO DO CACAU EM SÃO JORGE DOS ILHÉUS.

“Eu vou contar uma história, uma história de espantar”.

(Romanceiro popular)¹⁰

2.1 O apito do navio é o convite a viajar pelas TERRAS DO SEM FIM: a constituição dos caminhos do cacau.

A saga do desbravamento das terras do sul da Bahia para o plantio e comercialização do cacau e suas marcas no espaço geográfico dessa região é narrada por Jorge Amado principalmente no romance *Terras do Sem Fim*. Neste romance, publicado em 1943, Amado narra a disputa entre duas poderosas famílias de coronéis pelas terras do Sequeiro Grande, no sul da Bahia, “as melhores terras do mundo para o plantio do cacau” (AMADO, 2001, p. 305) no início do século XX. A ideia de “terras do sem fim” já aparece na obra amadiana no romance “Mar Morto” de 1936 como uma terra de topografia essencialmente mítica para onde Iemanjá levaria os marinheiros náufragos. São “terras muito lindas, terras dentro das águas”. Terras desconhecidas, mas que todo marinheiro sabia que iria e desejava ir quando morresse no mar, já que Iemanjá é a dona dos mares (AMADO, 2002, p. 21; 74).

Nesse convite que Amado nos faz para conhecer as TERRAS DO SEM FIM do sul da Bahia, logo no capítulo inicial denominado “O navio”, ele introduz na narrativa o motivo épico da viagem à terra desconhecida, inóspita, indômita, cheia de mistérios, perigos, aventuras, mas também de promessas e esperanças. Aqui, somos levados a pensar nos primeiros geógrafos e em seus trabalhos a partir de viagens exploratórias, produzindo relatos descritivos de várias regiões do globo. E nos remete também ao pensamento de Dardel (2015, p. 01) quando este afirma que antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, “a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes.

¹⁰ Epígrafe do romance *Terras do Sem Fim*.

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva”.

O navio parte de Salvador para Ilhéus cuja fama de dinheiro fácil atrai gente de várias partes do país e seu *“apito era como um lamento e cortou o crepúsculo que cobria a cidade”* (AMADO, 2001, p. 4). Nesse deslocamento já é possível perceber o processo migratório para o sul da Bahia com pessoas de várias partes do país, principalmente do sertão da Bahia, Ceará e Sergipe, a partir dos diálogos entre os personagens.

Nessa despedida entre choros, promessas, e adeuses demorados no cais do porto já são demonstradas as incertezas do projeto empreendido por aquelas pessoas. Há, nesse momento, o rompimento dos elos e valores cultivados e compartilhados em outros espaços, dada a necessidade de afastamento, sobressaindo-se esse desenraizamento característico do processo migratório em busca de uma vida melhor, da sobrevivência em outra porção do espaço: o sul da Bahia, espaço de sonhos, impulsionador dos desejos daqueles viventes. Sobrevivência negada em seus locais de origem, obrigando-os a esse enfrentamento com o desconhecido, e nos seus devaneios misturam-se as imagens do espaço conhecido com o desconhecido: *“Antônio Vítor se aperta mais contra si mesmo, dentro dele as imagens de Estância quieta [...] se confundem com novas imagens de uma terra ainda inconquistada, de barulhos com tiros e mortes, dinheiro, maços de notas”* (AMADO, 2001, p. 15).

No navio, já é traçado o quadro humano que comporá a narrativa. Na ocupação dos espaços do navio apresenta-se a estratificação social e econômica e os diversos grupos que se entrelaçarão ao longo do romance. Na primeira classe viajam os donos do poder, os donos das TERRAS DO SEM FIM, os coronéis. Na classe intermediária, o caixeiro-viajante, a prostituta, o jogador aventureiro e na terceira classe estão aqueles que vão em busca de trabalho nas roças, são os futuros “alugados”¹¹. Nessa disposição da ocupação dos espaços do navio, já se percebe uma estrutura social que se mostra hierárquica.

¹¹ O termo alugado aparece em toda a narrativa amadiana como sendo a forma como ficavam conhecidos os trabalhadores das roças de cacau no sul da Bahia no início do século XX. “Em busca do eldorado, onde dinheiro era cama de gato, chegava a mão de obra, vinda do alto sertão das secas ou do Sergipe da pobreza e da falta de trabalho – os ‘alugados’, os bons de foice e enxada” (AMADO, 1982, p. 12).

Traçado o mural humano, à medida que a viagem avança, a narrativa já vai apresentando sucintamente o perfil de alguns dos personagens e que representa a diversidade de sujeitos que se entrelaçaram na composição da sociedade do sul da Bahia: o capitão João Magalhães (falso capitão reformado do exército que se apresenta como engenheiro militar mas que na verdade é um habilidoso manejador de cartas no pôquer e trapaceia no jogo); Antônio Vítor (pequeno agricultor fugitivo da seca do sertão de Sergipe); Juca Badaró (tido como um dos homens mais ricos das terras do cacau); Margot (prostituta). A partir das conversas dos personagens a terra que se aproxima (as terras do sul da Bahia) surge mítica como um verdadeiro Eldorado na utopia de fácil riqueza presente nos devaneios do jovem Antônio Vítor, “- *Enrico num ano, venho lhe buscar*” (AMADO, 2001, p. 13), prometeu para a amada na despedida. Presente também nas assertivas dos coronéis latifundiários. Quando por exemplo o capitão João Magalhães questiona se realmente valeria a pena investir seu dinheiro naquelas terras desconhecidas, pois, “*desde o Rio que vinham lhe falando desta zona, da dinheirama que havia por lá. Estava tentado em empregar parte do seu capital em fazendas de cacau*” (AMADO, 2001, p. 24), o coronel Maneca Dantas é rápido em aconselhar:

- *Pois vale, seu capitão. Vale a pena... Cacau é uma lavoura nova mas a terra daqui é a melhor do mundo para cacau. Já veio muito doutor por aqui estudar e isso é coisa assentada. Não há terra melhor pro cacau. E a lavoura é o que há de bom, eu não troco por café nem por cana - de - açúcar. Só que a gente ainda é um bocado braba mas isso não há de meter medo a um homem como o senhor. Seu capitão, eu lhe digo: dentro de vinte anos Ilhéus é uma grande cidade, uma capital, e todos esses povoados de hoje vão ser cidades enormes. Cacau é ouro, seu capitão* (AMADO, 2001, p. 25).

Jorge Amado, ao trazer para a narrativa, através das conversas de bordo, a árvore do cacau como uma árvore que dá frutos de ouro, “*esse ouro que nasce nas terras de Ilhéus, da árvore do cacau*” (AMADO, 2001, p. 15), introduz a ideia de uma região ainda em formação, de uma fronteira agrícola recém-aberta, onde qualquer pessoa poderia chegar e conseguir terra para plantar a árvore do cacau e colher os frutos de ouro, tornando-se um grande produtor.

Cacau-ouro! Essa imagem do cacau como ouro, mas que valia mais que o próprio ouro, como afirma Jorge Amado em diversas passagens de *Terras do Sem Fim* e

São Jorge dos Ilhéus é paradigmática no tocante a importância que o cacau assume na narrativa desse autor. Os simbolismos do ouro segundo Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 669) estão relacionados à perfeição, conhecimento, renovação, purificação, iluminação, a depender do sistema cultural. Em diversas regiões da Terra, e especialmente no Extremo-Oriente, acredita-se por exemplo, que o ouro nasça da terra. Também para Jorge Amado, o ouro da região cacauera nasce da terra, da árvore do cacau e renova as esperanças e enche de sonhos o coração dos homens e mulheres que têm contato ou conhecimento dele. Mas vale lembrar que o cacau comparado ao ouro na narrativa amadiana, vale mais que o próprio ouro. Enquanto grapiúna, penso que Amado introduz essa imagem do cacau como ouro mas que vale mais que o próprio ouro para transmitir a ideia de que o cacau não representa apenas o “ouro-moeda”, ou seja, vai além do econômico, possui outros significados para nós.

Trabalhando essa ideia do valor econômico e simbólico do cacau, a narrativa amadiana introduz a ideia de que a estrutura social naquele espaço para a exploração da lavoura cacauera ainda estava se formando. E esse processo migratório na narrativa amadiana advém justamente das notícias sobre essas terras do sul da Bahia, as terras do cacau que corriam mundo, onde havia muito trabalho e farto pagamento. Assim,

Homens escreviam, homens que haviam ido antes, e contavam que o dinheiro era fácil, que era fácil também conseguir um pedaço grande de terra e plantá-la com uma árvore que se chamava cacauero e que dava frutos cor de ouro que valiam mais que o próprio ouro. A terra estava na frente dos que chegavam e não era ainda de ninguém. Seria de todo aquele que tivesse coragem de entrar mata adentro, fazer queimadas, plantar cacau, milho e mandioca, comer alguns anos farinha e caça, até que o cacau começasse a frutificar. Então era a riqueza, dinheiro que um homem não podia gastar [...]. Os homens viajavam quase todos, raros voltavam. Mas esses que voltavam – e voltavam sempre numa rápida visita – vinham irreconhecíveis após os anos de ausência. Porque vinham ricos, de anéis nos dedos, relógios de ouro (AMADO, 2001, p. 13, grifo nosso).

A divulgação das notícias a respeito das riquezas geradas pelo cacau no sul da Bahia impulsionava o processo migratório. Dessa forma, “o sul era visto como sinônimo de fortuna e salvação, recebendo centenas de pessoas que se internam pelas matas ainda virgens” (FREITAS, 1979, p. 52). E é em busca dessa riqueza que,

De todo o norte do Brasil descia gente para essas terras do sul da Bahia. A fama corria longe, diziam que o dinheiro rodava na rua, que ninguém fazia caso, em Ilhéus, de prata de dois mil réis. Os navios chegavam entupidos de emigrantes, vinham aventureiros de toda espécie, mulheres de toda idade, para quem Ilhéus era a primeira ou a última esperança (AMADO, 2001, p. 201).

Essa migração vai compondo uma nova paisagem no sul da Bahia, definindo uma nova estrutura socioespacial em meio a uma fase de grande prosperidade econômica que não havia antes da afirmação do cacau enquanto monocultura na região. Esses migrantes, na maioria pessoas simples e com pouca instrução vão adentrar a mata, substituí-la pelas árvores do cacau e este, será, segundo Jorge Amado, o responsável pela abertura de estradas, construção de portos, afloramento de núcleos urbanos, da completa transformação desse espaço onde antes imperava a Mata Atlântica. Será também o cacau um forte elemento na constituição dos laços de pertencimento, de apego ao lugar, fornecendo sentidos à existência dos sujeitos no espaço vivido.

Todavia, Jorge Amado ao mesmo tempo em que apresenta a região cacaueira enquanto um espaço em formação evidencia também que essa estrutura social que estava se estabelecendo a partir da cacauicultura, irá entrar em choque com valores e interesses já estabelecidos nessa porção do espaço. Dessa forma, a narrativa vai intercalando as falas dos personagens e revelando discursos contraditórios que emanam desse universo. Os pontos de vista são contrastantes reunindo mito e realidade, lenda e depoimento a partir do mesmo assunto: cacau. Assim, há muita esperança nas falas daqueles que ainda não conhecem aquela terra e que a veem como se fosse “pote de ouro” a ser alcançado com facilidade, mas há as advertências daqueles que já a conhecem ou ouviram histórias ruins sobre ela e o romance vai abrindo aos poucos um panorama do espaço da região cacaueira da Bahia no momento inicial da sua formação sob o signo do cacau:

Os homens e as mulheres espalhados no tombadilho conversam sobre essas terras do sul.

- Eu me boto para Tabocas... – diz um homem que já não é muito moço [...] diz que é um lugar de futuro.

- Mas diz que também é uma brabeza. Que é um tal de matar gente que Deus me perdoe... – falou um pequenininho de voz rouca.

- Já ouvi contar essa conversa... Mas não acredito nem um tiquinho. Se fala muito no mundo...
- [...] Tem dinheiro fácil, não é? – o jovem se atirou para a frente de olhos acesos.
- Dinheiro... Tá aí o que prende a gente. A gente chega, faz algum dinheiro, que dinheiro há mesmo, Deus seja servido. Mas é dinheiro desgraçado, um dinheiro que parece que tem maldição. Não dura na mão de ninguém, a gente faz uma roça... [...].
- Já ouviram falar em caxixe?
- Diz que é um negócio de doutor que toma a terra dos outros...
- Vem um advogado com um coronel, faz caxixe, a gente nem sabe onde vai parar os pés de cacau que a gente plantou... (AMADO, 2001, p. 12;17).

Para trabalhar essas relações conflituosas que se estabelecerão no sul da Bahia durante a implementação da monocultura do cacau no início do século XX, Amado utiliza na sua narrativa, inicialmente, a própria natureza como anunciadora de desgraças. Em praticamente toda a viagem a natureza traz ecos de temores e perigos anunciados, fazendo soprar sobre as cabeças de todos o vento sul, vento violento e anunciador de tempestades na narrativa amadiana: “o vento passava rápido, vinha do sul e era violento” (AMADO, 2001, p. 16). E logo no início da narrativa, quando o navio parte, Amado sutilmente já incorpora a ideia do vento sul como gerador de tempestade e o utiliza enquanto metáfora para anunciar as agruras que existem nas terras do sul da Bahia como no excerto a seguir:

*Grupos se confundiam nos primeiros minutos da viagem. Mulheres começavam a se retirar para os camarotes, homens espiavam as rodas que cortavam o mar, porque naquele tempo os navios que iam da Bahia para Ilhéus tinham rodas **como se em vez de irem vencer o grande mar oceano onde campeia o vento sul tivessem apenas que navegar num rio de águas mansas*** (AMADO, 2001, p. 6, grifo nosso).

Aqui, percebe-se que as terras do sul da Bahia são comparadas com o oceano quando sob os efeitos do vento sul, terras tempestuosas, sugerindo também que muitas pessoas se deslocavam para lá sem saber direito com o que iriam se deparar. Novamente se insere a aventura da viagem ao desconhecido. E nesse ponto da viagem, “o vento soprou mais forte e trouxe para a noite da Bahia fragmentos das conversas de bordo, palavras que foram pronunciadas em tom mais forte: terras, dinheiro, cacau e morte” (AMADO, 2001, p. 6).

Ao ponto que a viagem avança, a noite cai e a narrativa assume um tom de vaticínio deixando claras as incertezas sobre as terras do cacau. Quando se trata do desbravamento das terras do sul da Bahia a partir do cultivo do cacau, a noite para Jorge Amado é quase sempre representada por aflição. Ela representa maus presságios, possibilidades de tocaias, mortes e cruzeiros que ficam pelas estradas do cacau. *“A lua agora começava a subir para o alto do céu, uma lua enorme e vermelha que deixava na negrura do mar um rastro sanguinolento”* (AMADO, 2001, p.11). E na terceira classe, cantam uma canção triste como um presságio de desgraça e diz que daquela terra eles não sairão.

O vento que corre sobre o mar a arrasta consigo e a espalha em sons musicais que parecem não terminar. Uma tristeza vem com a música, envolve os homens da terceira, toma conta da mulher grávida que aperta o braço de Filomeno. Os sons da harmônica acompanham a melodia que o jovem canta com voz firme [...]. A lua deixa um rastro vermelho sobre o mar, a canção rasga corações:

Meu amor, eu vou-me embora

Nunca mais eu vou voltar.

Nunca mais eu vou voltar.

Nessas terras eu vou morrer (AMADO, 2001, p. 15-16).

Em certo ponto da narrativa Jorge Amado introduz a figura do coronel ainda durante a viagem (nos personagens de Juca Badaró e Maneca Dantas), e ao fazê-lo, entendemos que o romancista já esclarece que, embora a região estivesse em processo de formação, nas terras do sul da Bahia já existe uma estrutura social dominante e que aquelas terras, diferente das histórias que contavam não eram terras sem dono, terras de ninguém. Se até o final do século XIX ainda havia terras devolutas e existiam muitos pequenos produtores, a partir do início do século XX essa estrutura vai se modificando ao passo que o cacau ganha importância no mercado internacional e cada pedaço de terra será disputado com base na violência através da tocaia e na expropriação dos pequenos produtores através do chamado caxixe pelos grandes coronéis.

A excelente performance do cacau na pauta de exportações até 1910 valorizou consideravelmente as terras existentes e aumentou bruscamente a procura de novas. Práticas inescrupulosas de apossamento de terrenos devolutos e lutas pelas áreas já ocupadas incorporaram-se ao cotidiano da lavoura. Protestos, litígios, conflitos e assassinatos se somaram como expressões de mecanismos extraeconômicos aos processos “naturais” de

expropriação das glebas segundo as regras de compra e venda do mercado (FALCÓN, 2010, p. 53).

É dessa forma que a narrativa amadiana em *Terras do Sem Fim* põe essa violência em relevo tomando como pano de fundo a disputa pela mata do Sequeiro Grande, onde os grandes coronéis irão “adubar a terra com sangue”. Essa imagem da “terra adubada com sangue” emerge na narrativa amadiana para fazer alusão à violência empregada na disputa por terras nessa porção do espaço baiano.

As imagens de obscuridade que Jorge Amado traz em sua narrativa sobre a região cacaueira da Bahia advêm justamente da fase de conquista da terra, pois diferente do que ocorreu em outras regiões do país como na região produtora de café no Sudeste ou no Nordeste açucareiro, o poder e prestígio sociais não estavam apenas na posse da terra, mas sim na produção, no plantar e colher cacau. Essa prática do plantar e colher cacau fornece outros significados à terra, significados que extrapolam o econômico e inserem-se no campo simbólico pois, a narrativa deixa transparecer que a árvore do cacaueiro é um símbolo regional. Ninguém queria possuir terras que não fossem propícias para o cultivo do cacau e em contrapartida as melhores terras eram disputadas com violência principalmente no início do século passado. Então, não é a terra pelo valor da terra, é a terra pelo valor do cacau.

Nascido em 1912 já em terras grapiúnas, Amado vivencia as últimas lutas pela posse das terras, lutas que são o mote para a composição de sua trama ficcional *Terras do Sem Fim*. No livro *O menino grapiúna*, ele também evidencia a disputa por terras e o processo migratório:

A luta pela posse das matas, terra de ninguém, se alastrava nas tocaias, nas trincas políticas, nos encontros de jagunços no sul do estado da Bahia; negociavam-se animais, armas e a vida humana. Em busca do eldorado, onde o dinheiro era cama de gato, chegava a mão de obra, vinda do alto sertão das secas ou do Sergipe da pobreza e da falta de trabalho – os “alugados”, os bons de foice e enxada e os bons de pontaria. [...] Rapazola, meu pai abandonara a cidade sergipana de Estância, civilizada e decadente, para a aventura do desbravamento do sul da Bahia, para implantar, com tantos outros participantes da saga desmedida, a civilização do cacau, forjar a nação grapiúna¹² – a uns poucos quilômetros de Ferradas, nos limites de

¹² No contexto apresentado por Jorge Amado, a expressão “forjar a nação grapiúna” diz respeito à construção de uma região cultural, a região cacaueira da Bahia que, a partir da confluência de diferentes

Ilhéus e Itabuna, ergue-se hoje uma universidade [Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC] com milhares de alunos. Mas naquele então, minha mãe dormia com a repetição sob o travesseiro (AMADO, 1982, p. 12-15).

Também em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras em 17 de julho de 1961, Jorge Amado comenta a respeito dessa aventura desmedida desses homens em busca das melhores terras para o plantio do cacau, uma gente sem lei e sem medo:

Contei num livro [Terras do Sem Fim] essas lutas, esse matar e morrer, esse desesperado heroísmo de homens varando a selva, disputando-a palmo a palmo, vencendo os animais, os outros homens e o mistério da floresta. Minha infância coincidiu com o fim das lutas, guardei nos ouvidos os estampidos dos últimos tiroteios e nos olhos a visão dos homens em armas, das cavalgadas à noite para as emboscadas fatais, a visão da floresta penetrada e incendiada. Cresci ouvindo as narrações da epopeia que tentaria recriar depois, cresci no espanto e na admiração pelos feitos daquela minha gente sem lei e sem medo. Aprendi os nomes dos chefes destemidos, os coronéis do cacau, os jagunços famosos, os bacharéis cuja voz nos júris e cujo saber nos tribunais dava a primeira forma de civilização à conquista bárbara (AMADO, 1993, p. 23).

Terra, dinheiro, cacau e morte são as noções estruturantes do romance *Terras do Sem Fim*, pois, foram temas que estiveram sempre no centro da trajetória da inserção do cacau no sul da Bahia e Amado soube alimentar a sua ficção dessas fortes contradições entre os grandes coronéis, entre estes e os pequenos produtores e trabalhadores rurais assim como, as transformações socioespaciais decorridas dessa saga desmedida pelas melhores terras do mundo para o plantio do cacau.

Na narrativa de *Terras do Sem Fim*, esses homens e mulheres que se deslocam para o sul da Bahia no início do século XX, viveriam na ficção amadiana, as últimas lutas do drama da conquista da terra. A bordo do navio também é possível perceber temporalidades anteriores, na perspectiva da narrativa de ficção. Na figura dos coronéis, apresenta-se um antes não narrado: homens que adentraram a mata, lutaram contra a

tipos sociais, advindos de diversas partes do país para plantar e colher cacau, foram capazes de fornecer características peculiares à essa porção do espaço baiano, diferenciando-o social, econômica e culturalmente.

natureza inóspita e misteriosa na conquista inicial e se transformaram em grandes produtores de cacau. Essas transformações iniciais são testemunhadas no romance pelo feiticeiro Jeremias, antigo morador da mata do Sequeiro Grande, o solo em disputa na trama amadiana. Assim, Jeremias *“viu os homens brancos chegarem para perto da mata, assistiu outras matas serem derrubadas, viu os índios fugirem para mais longe, assistiu ao nascimento dos primeiros pés de cacau, viu como se formavam as primeiras fazendas”* (AMADO, 2001, p. 115).

No processo de ampliação da cultura do cacau nas *Terras do Sem Fim*, surge uma figura muito importante que é a figura do contratista. Segundo Heine (2004) o proprietário dava a terra em “contrato”¹³ ao trabalhador para ele plantar cacau e algumas lavouras de subsistência. Quando o cacau começava a crescer, o trabalhador recebia o dinheiro acertado e ia para outro lugar. Muitos sonhavam em investir o dinheiro em um pequeno pedaço de terra para plantar seu próprio cacau. Esse sistema ajudou a aumentar a quantidade de cacaueiros plantados, mas gerou muitos problemas para os contratistas, que muitas vezes foram roubados, expulsos das terras e muitas vezes mortos. Jorge Amado apresenta-nos em seu romance um caso de contrato de cacau que acabou em morte.

Fora uma questão de contrato de cacau. Nuns terrenos de Horácio o preto Altino, mais seu cunhado Orlando e um compadre chamado Zacarias, haviam botado uma roça, em contrato com o coronel. Derrubaram a mata, queimaram-na, plantaram cacau e, entre o cacau, a mandioca, o milho de que iam viver os três anos de espera até que os cacaueiros crescessem. Passaram-se os três anos, eles foram ao coronel para entregar a roça e receber o dinheiro. Quinhentos réis por pé plantado e vingado de cacau. Com aquele dinheiro poderiam adquirir um terreno, um pedaço de mata qualquer, desbravá-la e plantar então uma roça para eles mesmos (AMADO, 2001, p. 41-42).

Ao contar o plano de comprar um pedaço de terra para o coronel Horácio, este aprovou e até se ofereceu para vender uma parte de suas terras para os três amigos *“em toda a zona de Ferradas, aquela imensa zona que lhe pertencia, eles podiam escolher um pedaço de mata. Assim era melhor para ele também, já que não teria que puxar do dinheiro”* (p. 42). Após escolherem a terra, derrubaram e queimaram a mata, plantaram cacau, e mesmo depois de muito tempo o coronel não havia passado a escritura da terra

¹³ O acordo não era assinado, nem registrado em cartório, segundo Falcón (2010).

para os trabalhadores e *“ficaram surpresos no dia que souberam que a fazenda Beija-Flor fora vendida ao coronel Ramiro e que a roça deles estava compreendida na venda”* (p. 43). Um deles, Orlando, ao falar com o coronel sobre a venda, pois, *“para ele aquela terra era tudo, não a perderia”* (p. 43), o coronel a confirmou e ainda questionou se eles tinham a escritura. E como o trabalhador percebendo o que tinha acontecido, reclamou,

- Desgraça pouca é bobagem, coronel. Vosmicê fique avisado que no dia que o coronel Ramiro entrar na roça, nesse dia vosmicê paga por tudo... Pense bem.

De noite Horácio chegou com seus cabras na roça dos três amigos. Cercou o rancho dizem que ele mesmo liquidou os homens. [...] Tinha voltado para a fazenda com seus homens e quando um deles foi pegado, bêbedo, pela polícia e o denunciou, ele apenas riu sua risada. Foi impronunciado (AMADO, 2001, p. 44).

Decorrida a conquista inicial da terra, as matas recuando, abrindo espaço para as árvores do cacau, as fazendas vão surgindo e se aglutinando seja pela compra de propriedades menores ou pela espoliação do contratista, pelo caxixe ou pela tocaia. Em todos os casos a figura do coronel se impunha. Dessa forma, a massa de migrantes que chega ao sul da Bahia no início do século XX já se vê impedida do acesso fácil à terra e suas relações irão se estabelecer a partir do desflorestamento das matas, do trabalho nas roças de cacau que Jorge Amado trata nas suas narrativas como os “alugados” ou, se possuírem boa pontaria serão o braço armado do coronel, o famoso jagunço. Essas relações irão se estabelecer sob péssimas condições de sobrevivência, como veremos posteriormente.

A partir desse conjunto que se forma pela importância que o cacau adquire, na necessidade de se expandir as áreas produtoras e na exigência imperiosa do uso intensivo de ampla força braçal, é que se estabelecem as tensões nesse espaço. É nesse conjunto complexo de relações que surgiram os conflitos de interesses, contratempos diversos nos caminhos do cacau, ao se estabelecer os domínios das áreas para o plantio dos cacaueiros e gerenciar o seu processo produtivo em condições de mando absoluto, ao revés das esperanças de melhorias das condições de vida desses muitos migrantes. Tal processo possibilitou a formação de uma sociedade que começava a instituir uma estrutura própria, dominada por grandes produtores rurais, sustentada no mando absoluto (SOUSA, 2001, p. 77). Essas tensões que foram sendo geradas ao longo do

tempo, pelos grandes coronéis na disputa por terras, materializavam-se no espaço, segundo Amado nas cruzes que demarcavam os caminhos do cacau, caminhos por onde passava essa sociedade “forjada na boca dos rifles”.

Essas tensões viabilizavam-se através do caxixe (grilagem de terras) e da tocaia, práticas muito comuns no sul da Bahia no início do século XX, segundo a narrativa amadiana, práticas que muitas vezes entrecruzavam-se na formação dessa “civilização do cacau”. Em *Terras do Sem Fim*, existem várias passagens em que o caxixe é retratado por Jorge e existem várias alusões à importância dos advogados que eram muitos mesmo nos pequenos povoados e que ganhavam dinheiro “*todos com caxixes escandalosos*”. Dessa foram, “*homens que há anos possuíam terras e plantações as perdiam de um dia para outro devido a um caxixe bem feito*” (AMADO, 2001, p. 144).

- O coronel Horácio fez um caxixe mais dr. Rui, tomaram a roça que nós havia plantado... Que a terra era dele, que Joaquim não era dono. Veio com os jagunços mais uma certidão do cartório. Botou a gente pra fora, ficou até com o cacau que já tava secando, prontinho pra vender. Joaquim era bom no trabalho, não tinha mesmo medo do pesado. Ficou acabado com a tomada da roça, deu de beber. E uma vez, já bebido, disse que ia se vingar, ia liquidar com o coronel. Tava um cabra do coronel por perto, ouviu, foi contar. Mandaram tocaiar Joaquim, mataram ele na outra noite, quando vinha pra Ferradas... (AMADO, 2001, p. 17).

Mas no aprofundamento da narrativa, Amado deixa transparecer que muitos sujeitos que se dedicaram à aventura desmedida da conquista da terra vão construindo ao longo do tempo laços mais fortes com esse espaço, relações que extrapolam os estreitos limites do econômico, a “terra se mostrando inseparável da vida, um novo enraizamento balizado pela cultura do cacau” (SOUSA, 2001, p. 79). A terra vai além da sua materialidade física, tornando-se um bem de significativo valor, e na narrativa amadiana esse valor advém substancialmente do cultivo que preenche essas terras do sul da Bahia, o cacau que contém grande valor simbólico, pois, “toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica” (COSGROVE, 2003, p. 103). Assim, esses sujeitos vão aos poucos ligando-se àquela terra, permitindo-se prender pelo visgo do cacau, pois “*eles todos, trabalhadores, jagunços, coronéis, advogados, médicos, comerciantes e exportadores, tinham o visgo do cacau preso na alma, lá dentro, no mais profundo do coração...*” (AMADO, 2001, p. 249).

As estruturas socioespaciais de outros tempos aos poucos vão sucumbindo à medida que o cacau avança no espaço geográfico do sul da Bahia. A introdução do cacau submete esse espaço a um novo tempo alterando não somente o espaço original, a mata como outras estruturas produtivas. Para Sousa (2001) era um novo tempo presente no sul da Bahia. Um tempo diferente do primitivo, ao admitir o transcorrer. Ou seja, esse novo tempo do desbravamento e conquista das terras para o cultivo do cacau, passava a ser um inexorável desagregador do tempo primordial vivido pelos pioneiros, que nos três primeiros séculos da existência da capitania de São Jorge dos Ilhéus, viviam reduzidos a plantar mandioca e outros vegetais para o seu sustento, além do cultivo de cana de açúcar que não se constituía em um projeto exitoso. O cacau se tornava, assim, o operador temporal do sul da Bahia (SOUSA, 2001, p. 100). Pela análise do romance *Terras do Sem Fim*, podemos dizer que o cacau se tornou também um agente modificador do espaço, pois, em seu rastro as estruturas produtivas antigas vão lhe cedendo lugar e emergem povoados, núcleos urbanos e aos poucos estruturas que possibilitarão o seu escoamento.

Quando os homens iniciaram no Rio do Braço a plantação da nova lavoura, ninguém pensava que ela ia terminar com os engenhos de açúcar, os alambiques de cachaça e as roças de café que existiam em redor de Rio do Braço, de Banco da Vitória, de Água Branca, os três povoados da beira do rio cachoeira que ia dar no porto de Ilhéus. Mas o cacau não só liquidou os alambiques, os pequenos engenhos e as roças de café, como andou mata adentro. E no seu caminho nasceram as casas do povoado de Tabocas e mais longe ainda as casas do povoado de Ferradas (AMADO, 2001, p. 135).

Muitas são as características do sul da Bahia apresentadas por Jorge Amado em *Terras do Sem Fim*. São características físicas, econômicas e socioculturais com muita riqueza de detalhes. Muitas vezes, no romance, as terras do sul da Bahia são tidas como pouco civilizadas, violentas, com pouca estrutura urbana. A ideia de *Terras do Sem Fim* é mesmo uma ideia de fim de mundo, de um primitivismo humano, uma terra do nunca, essa terra sei lei e sem medo na qual nasceu esse renomado romancista baiano. Penso que dessa imagem de terra sem lei e sem medo que surge o nome do romance supracitado.

Mas a narrativa exerce um fascínio incrível. Memória e imaginação caminham lado a lado na construção desse romance. Essas terras, essa gente sem lei e sem medo

fizeram parte da vivência de Jorge Amado, é uma trama carregada de sentidos e significados também para o autor. É o seu espaço de vivência e criar narrativas ficcionais com base nessa vivência significa que ele, assim como seus personagens, também possui o visgo do cacau preso na alma. E em um ponto da narrativa o próprio autor habita o romance, faz dele também o seu lugar de memória, eterniza-se como um personagem dessas suas “histórias de espantar”. No romance em questão, o narrador faz-nos perceber a presença de Jorge Amado como personagem quando é narrado o julgamento do coronel Horácio da Silveira pelo assassinato do fazendeiro Juca Badaró nas lutas pela posse das terras do Sequeiro Grande, quando ele diz que *“um menino, que anos depois iria escrever as histórias dessa terra, foi chamado por um meirinho para sacar da urna o nome dos cidadãos que iriam constituir o conselho de sentença”* (p. 285). Esse julgamento corresponde na realidade ao julgamento do coronel Basílio de Oliveira e Jorge tinha apenas sete anos de idade quando o presenciou (FRANCESCHI, 1997, p. 10). Na ficção, ao término do julgamento,

O pai do menino tomou o filho pelo braço, viu que ele estava cansado, suspendeu-o no ombro. Os olhos do menino ainda olharam Horácio que saía.

- De que foi que gostou mais? – Perguntou-lhe o pai.

O menino sorriu levemente, confessou:

*- De tudo, de tudo, **gostei mais foi do homem de anelão falso, o que sabe histórias...*** (AMADO, 2001, p. 290, grifo nosso).

A partir da memória e da imaginação, esse *Menino grapiúna* que desde cedo já gostava de ouvir histórias, aprendia com os mais velhos, passeava nas roças de cacau com os trabalhadores, nas feiras livres do povoado de Pirangi (atual município de Itajuípe) com os jagunços de seu pai, aprendia também com os coronéis nas ruas de Ilhéus, torna-se ele também um contador de histórias do seu espaço vivido, essas “histórias de espantar” como a história da disputa sangrenta pela mata do Sequeiro Grande.

2.2 A luta pelas terras do Sequeiro Grande como emblema da construção do espaço da região cacaueira da Bahia.

*Cinco anos demoravam os cacaueiros a dar os primeiros frutos.
Mas aqueles que foram plantados sobre a terra do Sequeiro*

Grande enfloraram no fim do terceiro ano e produziram no quarto. Mesmo os agrônomos, que haviam estudado nas faculdades, mesmo os mais velhos fazendeiros, que entendiam de cacau como ninguém, se espantavam do tamanho dos cocos de cacau produzidos, tão precocemente, por aquelas roças.

Nasciam frutos enormes, as árvores carregadas desde os troncos até os mais altos galhos, cocos de tamanhos nunca visto antes, a melhor terra do mundo para o plantio do cacau, aquela terra adubada com sangue (AMADO, Terras do Sem Fim).

No romance *Terras do Sem Fim*, Jorge Amado apresenta-nos a mata Atlântica do sul da Bahia no início do século XX, recortando-a na mata do Sequeiro Grande, palco da épica disputa por terras da qual trata o romance. A mata é apreendida sob diferentes pontos de vista. No início da narrativa, como ainda não havia sido conquistada, a mata dormia o seu sono jamais interrompido e era uma mata cheia de mistérios e linda, de árvores centenárias. A mata intocada é harmoniosa e guardava na sua imensidão as suas assombrações e o seu barulho era o barulho dos animais. “*Da mata vinham trinados de pássaros nas madrugadas [...], piavam os corujões e seus gritos não eram ainda anunciadores de desgraças já que os homens ainda não haviam chegado na mata*”. E,

Sobre ela passavam os dias e as noites, brilhava o sol do verão, caíam as chuvas do inverno. Os troncos eram centenários, um eterno verde se sucedia pelo monte afora, invadindo a planície, se perdendo no infinito. Era como um mar nunca explorado, cerrado no seu mistério. [...] A mata dormia. As grandes árvores seculares, os cipós que se emaranhavam, a lama e os espinhos defendiam o seu sono (AMADO, 2001, p. 34).

Essa descrição da mata Atlântica faz alusão à beleza do quadro natural do sul da Bahia e sua imponência. Mas essa mata adormecida agora era desejada pelos coronéis que pretendiam conquistá-la, levá-la ao chão e plantar cacau, a riqueza do mundo. Dessa mata, do seu mistério, vinha o medo para o coração dos homens. E “*quando eles chegaram, numa tarde, através dos atoleiros e dos rios, abrindo picadas, e se defrontaram com a floresta virgem, ficaram paralisados pelo medo, [...] a mata lhes infundia um respeito religioso*” (AMADO, 2001, p. 35-36).

Mas as percepções sobre a mata são diferenciadas, mostra-nos Jorge. Enquanto os trabalhadores que vêm de outras terras são tomados pelo medo que a mata lhes impõe, e tentam recuar, deixando “*cair os machados, os serrotes e as foices*” (p. 36), o coronel Juca Badaró embebido em seus desejos de aumentar seus domínios, suas fazendas de cacau,

Não via na sua frente a mata, o princípio do mundo. Seus olhos estavam cheios de outra visão. Via aquela terra negra, a melhor terra do mundo para o plantio do cacau. Via na sua frente não mais a mata iluminada pelos raios, cheia de estranhas vozes, enredada de cipós, fechada nas árvores centenárias habitada de animais ferozes e assombrações. Via o campo cultivado de cacaueiros, as árvores dos frutos de ouro regularmente plantadas, os cocos maduros, amarelos. Via as roças de cacau se estendendo na terra onde antes fora a mata. Era belo. Nada mais belo no mundo que as roças de cacau. Juca Badaró, diante da mata misteriosa, sorria. Em breve ali seriam os cacaueiros, carregados de frutos, uma doce sombra sobre o solo. Nem via os homens com medo recuando (AMADO, 2001, p. 36-38).

A visão do coronel baseia-se em sua vivência na região do cacau, perpassa pela experiência do plantar e colher cacau, do viver na mata, nas roças, envolto naquele “mar amarelo” dos frutos de ouro dos cacaueiros. A experiência não lhe permite o estranhamento com aquele mundo que apesar de bárbaro, inculto e hostil, é o seu mundo, o seu modo de viver e desperta-lhes sentidos de pertença. Ali, naquela mata agora imaginada como roças de cacau, até mesmo as assombrações já não lhe eram estranhas, eram também parte do seu mundo. A percepção daqueles que estão chegando contrasta com a do coronel visto que a sua experiência advém de outros espaços, de outros modos de viver e de se relacionar. Dessa forma, os trabalhadores que chegam e se deparam com aquela mata ainda inconquistada a temem como a um deus enquanto a experiência do coronel com aquela porção do espaço permite que ele veja a mata substituída pelos cacaueiros, pelas roças de cacau, o que para ele representa o belo. Afinal, “a floresta pode ser a treva, e pode ser também, tão somente uma floresta” (OLIVEIRA JR., 2002, p. 292).

É importante nos determos um pouco numa imagem interessante que Jorge Amado utiliza quando apresenta a mata do Sequeiro Grande com suas belezas e

mistérios, seus seres míticos (a mula de padre, a caapora¹⁴, o lobisomem e o boitatá) que é a imagem do dilúvio. A chuva que cai quando os homens chegam à mata, logo se transforma em tempestade e Amado amplia a imagem da tempestade e a compara ao começo de um novo dilúvio, pois, ali naquela mata, sob a tempestade, o medo no coração dos homens, *“tudo lembrava o princípio do mundo”* (AMADO, 2001, p. 35). Aqui, Amado encaixa a imagem do dilúvio como momento máximo de destruição de um espaço (no caso, a floresta que será substituída pelas árvores do cacau, cidades, estradas etc.) para a construção de outro, relacionada com a construção desse novo espaço, o espaço da região cacaueira da Bahia que se dará, segundo Amado, sob o signo do cacau e da violência.

A mata do Sequeiro Grande figura na narrativa de ficção como as últimas e as melhores terras para o plantio do cacau no sul da Bahia. Sendo assim, os oponentes, duas poderosas famílias de agricultores da região – os Badarós e Horácio da Silveira – irão jogar o perigoso jogo da vida e da morte no intuito de conquistar a mata para substituí-la pelas belas roças de cacau. O motivo pelo qual as famílias desejavam aquelas terras é bem exposto por Amado no excerto a seguir no diálogo entre os irmãos Badaró:

- Tu sabe, Sinhô, que ninguém conhece terra para cacau como eu conheço. Tu veio de fora mas eu já nasci aqui e desde menino que aprendi a conhecer terra que é boa pro plantio. Posso te dizer que basta eu pisar numa terra e sei logo se ela presta ou não pro cacaueiro. É uma coisa que tenho na sola dos pés. Pois eu te digo que não há terra melhor pra lavoura de cacau que as de Sequeiro Grande tu sabe que eu já passei muita noite dentro daquele mundo de mata espiando a terra. E se a gente não chega lá depressa, Horácio chega antes. Ele também tem faro (AMADO, 2001, p. 57).

A mata intocada, secular, guardiã de muitos mistérios, mesmo dormindo em seu sono jamais interrompido, seduziu os coronéis ávidos por terras e cacau; enredando-os com seus cipós numa trama de vida e morte. A mata do Sequeiro Grande *“era como uma virgem cuja carne nunca tivesse sentido a chama do desejo. E como uma virgem era linda, radiosa e moça, apesar das árvores centenárias. Misteriosa como a carne de mulher ainda não possuída. E agora era desejada também”* (AMADO, 2001, P. 34).

¹⁴ O mesmo que caipora. No livro de Amado aparece como caapora.

Em realidade, mesmo a mata do Sequeiro Grande sendo o centro da disputa dos fazendeiros, estes, interessavam-se naqueles solos que a embasavam, desejavam aquela “*terra negra e poderosa de seiva*” (AMADO, 2001, p. 249), sobre a qual plantariam mais cacau, pois “*cacau era a vida toda*” (ibidem). O desejo de possuir mais terra para plantar mais cacau, eis o enredo dessa trama.

Não seria preciso romper nenhum pacto, porque pacto não havia. O que havia era a vontade dos fazendeiros de sucumbir a mata aos seus desejos, expandir suas fazendas, substituir a mata pelas belas roças de cacau, pois como disse o personagem Juca Badaró, “*nada mais belo no mundo que as roças de cacau*” (AMADO, 2001, p. 38). Plantar e colher cacau é o que fornece sentido ao espaço vivido desses sujeitos. O seu mundo era as roças de cacau, ali naquela porção do espaço eles assentaram o seu Ser, fizeram do sul da Bahia a base da sua existência, o seu lugar. Deram uma “pausa” no seu movimento (TUAN, 2011, p. 05) e ali inscreveram o seu destino. Fazer uma pausa no movimento revela o lugar que outrora fora um espaço. Permanecer um determinado tempo em um lugar permite ao homem criar significações por este local, construindo afeições e desafetos, dotando-o, portanto, de valoração (ARAÚJO; MOURA 2016, p. 4).

Da mesma forma, não havia possibilidade de um acordo, pois as duas famílias eram poderosas e desejosas daquela porção do espaço, a mata do Sequeiro Grande.

Recuar não recuaria, era chefe da família, sabia das suas responsabilidades [...]. Se Horácio fosse para adiante, ele iria também. Juca encolhia os ombros, para ele era certo que Horácio tentaria entrar na mata a força e que muito sangue seria derramado antes que os Badarós pudessem plantar em paz seu cacau nessas terras (AMADO, 2001, p. 210).

Ninguém iria recuar. O mecanismo para a conquista da mata já conhecemos: a violência. Violência consolidada através do caxixe e da tocaia. No primeiro caso o coronel se valia da astúcia e da falta de escrúpulos dos advogados que punham “*seus conhecimentos da lei a serviço da ambição dos coronéis*” (AMADO, 2001, p. 81). No segundo, da boa pontaria dos jagunços. Por essas vias é que os coronéis no sul da Bahia construía suas fortunas, sempre em busca de agregar mais terras às suas posses. As medidas extremas justificavam-se pelo fascínio que o “cacau-ouro” exercia sobre eles.

Possuindo essa cultura tamanho valor social e simbólico, e os coronéis amplo poder, agindo de acordo com seus próprios entendimentos no mandonismo regional, os conflitos se ampliam justamente na busca por novas áreas propícias a tal cultivo. Dessa forma, além do alijamento e expropriação dos pequenos produtores, com a expansão da cultura e a valorização das terras, a concentração fundiária também iria crescer como uma face dessa violência, é o que depreendemos da leitura do romance *Terras do Sem Fim*.

O espaço da região cacauieira da Bahia vai se constituindo a partir de tensões resultantes do enfrentamento dos grandes agricultores e também pela expropriação dos pequenos. No caso da Mata do Sequeiro Grande, sem possibilidades de acordo ou pacto, a única saída era eliminar os oponentes: “- *Essa mata vai ser minha nem que tenha de lavar a terra toda com sangue...*” (AMADO, 2001, p. 104).

Pacto não formalizado, mas respeitado, parecia haver apenas com relação aos cacauieiros. Como se fossem entidades sagradas, os cacauieiros permaneceram intocados durante quase toda a luta pela mata, motivo de tão bárbara disputa.

Durante toda aquela luta as roças de cacau haviam sido respeitadas, como se os adversários obedecessem a um tácito compromisso. O fogo devorava cartórios, plantações de milho e mandioca, armazéns com cacau seco, matavam-se homens mas se respeitavam os cacauieiros (AMADO, 2001, p. 281, destaque nosso).

Nesse ponto nos detemos um instante para pôr em relevo a importância do cacauieiro, ou seja, a árvore. Embora as amêndoas do cacau seco é que seja a parte comercializável, geradora da riqueza material, o destaque de Jorge Amado em sua narrativa, em vários momentos é para a árvore. Ela parece transcender a dimensão material e se inscrever na dimensão simbólica. Ela representa o belo, possui a cor de ouro por conta dos frutos maduros, ela representa a ligação mais forte daqueles sujeitos com terra, pois o cacauieiro está plantado diretamente sobre aquela terra negra e fértil da “mesma forma” que eles estão fortemente ligados a ela, presos ali pelo visgo do cacau, pois “*ninguém se libertava daquela terra, ela prendia todos os que queriam fugir*” (AMADO, 2001, p. 270). O cacauieiro está ali, como se fosse uma árvore Edênica, sem poder ser tocada sob pena de expulsão do Paraíso.

Com o mesmo objetivo, e, irreconciliáveis, os coronéis cada um a seu modo buscam obter aquelas terras muito desejadas por sua fertilidade natural, boas para a árvore do cacau. Valendo-se das práticas comuns naquele espaço, os coronéis iniciam a luta pela mata do Sequeiro Grande, perturbam e interrompem o seu sono com suas ambições. Agora, qualquer ação de uma das partes em direção à mata, desencadeava outras do lado oposto. Sabiam das suas potencialidades, a força e a coragem estavam presentes em ambas as partes. Sabiam também que muitas vidas seriam ceifadas, mas aqueles coronéis haviam entrado num jogo de vida ou morte e para tanto, investiam em armas, jagunços e trabalhadores para derrubar a mata e plantar cacau:

Na madrugada que se avizinhava, a terra se vestia de uma luz ainda baça e triste. Horácio apontou para longe, um horizonte que mal se via:

- Nessa direção, seu doutor, estão as matas do Sequeiro Grande. Daqui uns tempos vai ser tudo pé de cacau... Tão certo como eu me chamar Horácio da Silveira... (AMADO, 2001, p. 105).

O discurso literário tem o poder de transportar o leitor para a temporalidade em que se pauta o desenrolar do drama narrado, inserindo-o no tempo e espaço vivenciado e, dessa forma provendo-o do conhecimento da cultura, da política, da economia da sociedade enfocada, remetendo-o para uma dada temporalidade e espacialidade (ANTONELLO, 2005, p. 4). Jorge Amado imerge o leitor num espaço-tempo tenso, incerto. Com sua narrativa, permite-nos percorrer os caminhos do cacau no tempo da conquista da terra, envolver-nos nas dobraduras desse mundo bárbaro. O espaço de vivência experienciado por esses sujeitos é consubstanciado por tensões que nele e dele se desdobram. É na vivência cotidiana no trato com o cacau e os sujeitos ali estabelecidos que surgem os conflitos.

Na perspectiva da narrativa amadiana a identidade do lugar perpassa pelas ligações que os sujeitos estabelecem com o cacau. E no momento da disputa pelas últimas terras disponíveis para o plantio, a relação sujeito-sujeito se torna tensa dada a forte ligação que eles estabeleceram com esse cultivo, pois, *“cacau era a vida toda, estava dentro deles, não apenas plantado sobre a terra negra e poderosa de seiva. Nascia dentro de cada um”* (AMADO, 2001, p. 249). Assim, o espaço vivido se torna tenso e o seu mundo – o mundo do cacau – guarda as marcas das contradições humanas, já que o mundo vivido é também emocionalmente modelado, “introjetado e revestido de

eventos, pessoas, itinerários, lutas, ambiguidades, envolvimento, sonhos, desatinos, base territorial e toda sorte de elementos que permite à pessoa se sentir em casa ou, por outro lado, distanciada em meio a um estranhamento tofóbico” (MELLO, 2005, p. 34).

Dessa forma, podemos dizer que a narrativa amadiana sugere ao leitor ideias de identidade e pertencimento construídas na relação entre o sujeito e o espaço, mediada pelo cacau. O romancista sugere um espaço tenso e contraditório mas que os sujeitos sentem-se ligados a ele pelo visgo do cacau, pois “o espaço vivido é uma dimensão da experiência humana dos lugares. [...] O espaço é cotidianamente apropriado pelos grupos que nele habitam e lhe conferem dimensões simbólicas e estéticas” (GOMES, 1996, p. 317).

O sentimento que nasce da terra e pela terra floresce juntamente com a planta do cacau, pois é ela que comanda a riqueza e os sonhos dos sujeitos da região. O cacau é assim o dínamo da vida daquele espaço. Aliás, tudo perpassa pelo cacau: as relações interpessoais, acordos políticos, riqueza, miséria, sonhos, ou seja, toda a dinâmica da vida.

- *Em roça de cacau, nessas terras, meu filho, nasce até bispo. Nasce estrada de ferro, nasce assassino, caxixe, palacete, cabaré, colégio, nasce teatro, nasce até bispo... Essa terra dá tudo enquanto der cacau...*

- [...] *Tudo é o cacau, meu filho... Nasce até bispo em pé de cacaueiro... até bispo...* (AMADO, 2001, p. 302-303).

Mas Jorge Amado não nos oferece uma visão ingênua ou romântica do lugar. Através dos seus múltiplos personagens ele nos oferece uma visão clara de como aquelas pessoas “amavam estranhamente aquela terra venturosa e rica” (p. 201), mas como seres humanos complexos e contraditórios, são capazes de investir todas as suas forças em atos bárbaros: “- *Você é um homem bom Maneca Dantas... É curioso como vocês podem fazer tanta desgraça e, apesar disso, serem homens bons...*” (AMADO, 2001, p. 299). O lugar na narrativa amadiana está além do ser bom ou ruim. É o “chão” onde se desenvolvem as atividades humanas, testemunhando e sendo afetado pelas suas complexidades e afetando também a vida humana lá presente.

Quando reflito sobre a narrativa amadiana referente a região cacauera da Bahia e sua forte relação com o cacau, penso nessa narrativa relacionando-a ao cacau enquanto fruto. Não ao cacauero, a árvore, mas ao próprio fruto. Quando maduro ele é extremamente doce, permite-nos entrar em contato com um sabor incomparável, um fruto dos deuses. Mas ao morder o caroço entramos em contato com um sabor amargo, muito diferente do primeiro. Mas é justamente desse fruto amargo que se extrai o delicioso chocolate. Faço essa comparação pois enquanto seres complexos e contraditórios produzimos espaços também contraditórios e sofremos influência deles. Na narrativa amadiana percebemos que, embora aquele espaço vivido por aqueles sujeitos se mostra hostil, fruto das hostilidades humanas, é dele que é retirado o sustento, é ele que dá significado a vida, já que “as pessoas atentam para aqueles aspectos do meio ambiente que lhes inspiram respeito ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto das finalidades de suas vidas” (TUAN, 1980, p. 187). Dessa forma, concordamos que “ao mesmo tempo em que os lugares são produtos humanos, esse espaço da vivência cotidiana também é fonte para as significações que os sujeitos produzem acerca de si mesmos e do mundo” (ANTONINO et al, 2015, p. 63).

Cercados pelas incertezas e perigos decorrentes da disputa pela mata do Sequeiro Grande, os caminhos do cacau tornam-se obscuros, soturnos e,

As noites passaram a ser cheias de medo, de mistério e de surpresas. Qualquer caminho, por mais largo que fosse, era estrada insegura para os viandantes. Ninguém, mesmo os que não tinham nada a ver com a mata do Sequeiro Grande, com Horácio e com os Badarós, se atrevia a viajar por estas estradas do cacau sem ser acompanhado por um cabra pelo menos (AMADO, 2001, p. 231).

O espaço tornado tenso, violento e inseguro, pelas ações daqueles sujeitos, torna-se triste também. Entristece até mesmo o coronel ao refletir sobre a condição dos sujeitos e sobre a sua condição naquele lugar. Até mesmo aqueles coronéis tidos na narrativa como rudes e violentos, capazes de toda a barbárie para conseguirem mais terras para plantar mais cacau, até mesmo sobre eles pesa o lugar violentado. Vejamos que Jorge Amado novamente põe em cena o ser humano enquanto complexidade, um ser que se desdobra em meio aos seus sonhos, conquistas, desejos e tormentos.

Iam a passo pela estrada. Sinhô Badaró ainda segurava o parabélum na mão. Seu olhar quase triste, se afundou na escuridão em torno.

[...] A luz de uma vela, que a saudade de mãos piedosas havia acendido, iluminava uma cruz recente na estrada. Sinhô Badaró pensou que se fossem iluminar todas as cruzes que iam se levantar de agora em diante as estradas da terra do cacau ficariam mais iluminadas que mesmo as ruas de Ilhéus. Se entristeceu de todo (AMADO, 2001, p. 229).

Embora a maioria dos sujeitos representados pelos personagens não sejam nascidos naquele meio, sentem-se intimamente ligados a ele pela experiência vivida ali. Os laços construídos naquele espaço por meio da convivência com o outro e na lida com o cacau permitem essa ligação, e os acontecimentos desenrolados naquele lugar os afetam pois falam dos seus destinos, dos seus sonhos. Por essa razão toda a vida da região naquele momento perpassa pelo conflito, e este, figura como tema chave das conversas:

Os comentários eram unânimes em Ilhéus: os Badarós levavam evidente vantagem nos barulhos pela posse do Sequeiro Grande. E não eram só os comentários das velhas beatas, nas sacristias das igrejas, que o afirmavam. Os entendidos nos botequins, até os advogados no foro, estavam de acordo que os irmãos Badarós tinham a partida quase ganha [...].

Ainda assim havia quem apostasse em Horácio. Estes baseavam-se principalmente na maior fortuna do coronel, homem de muito dinheiro no banco, capaz de sustentar a luta por muito tempo. Não só a derruba e o plantio da mata comiam dinheiro, como também, e mais que tudo, o comiam os jagunços em armas (AMADO, 2001, p. 266-267).

Horácio venceu a luta, aquela que figura na narrativa amadiana como a última grande luta da conquista da terra no sul da Bahia e a mais sangrenta de todas também. Por ser a última e a mais sangrenta, marca o espaço geográfico dessa porção do espaço baiano de tal forma que passa a ser um marco temporal na vida da região. Uma maneira própria, regionalizada de demarcar o tempo se instala também como forma de fornecer sentido ao lugar:

Depois a gente desta zona, de Palestina a Ilhéus, mesmo a gente de Itapira, ia contar o tempo em função desta luta:

- Isso aconteceu antes dos barulhos do Sequeiro Grande...

- *Foi dois anos depois de acabada a luta do Sequeiro Grande...* (AMADO, 2001, p. 230).

A terra adubada com sangue, esse é o tema da primeira parte dessa “história de espantar” que tem sua continuidade, segundo o próprio Jorge Amado, no romance *São Jorge dos Ilhéus* onde essa mesma terra conquistada na “boca dos rifles” é passada para os representantes do grande capital externo, tema que será trabalhado adiante a partir do romance supracitado.

Jorge Amado revela-nos um espaço que se transformou com base na violência e desmando, revela-nos assim, as “faces obscuras” (AMADO, 1984) desse processo de conquista inicial da terra no sul da Bahia, sendo o cacau o centro de tudo, da economia, política, cultura, fonte de significados da vida toda da região. Esse processo de transformação espacial envolveu diversos tipos humanos e suas práticas socioespaciais, sejam os coronéis com suas práticas inicialmente violentas na conquista e manutenção das terras, os trabalhadores e suas condições degradantes nas roças de cacau, os jagunços como o braço armado dos coronéis, os advogados ganhando a vida burlando as leis em favor dos mais poderosos, os caixeiros viajantes abastecendo os povoados com suas mercadorias. Todos esses tipos compõem o painel humano dessa porção do espaço baiano e estão representados na obra amadiana.

2.3 A terra adubada com sangue muda de dono em *São Jorge dos Ilhéus*

O romance *São Jorge dos Ilhéus* publicado em 1944 é, no dizer do próprio Jorge Amado, a continuação do anterior, *Terras do Sem Fim*. Nele, o romancista narra a passagem das terras, das fazendas de cacau dos coronéis e dos pequenos lavradores para os exportadores de cacau que representam o capital externo no sul da Bahia. A entrada do capital estrangeiro no sul da Bahia é narrada por Jorge Amado como uma ruptura/descontinuidade do tempo histórico que irá desencadear grandes mudanças socioeconômicas na região cacaueira da Bahia. De certa forma, aparece alguma melancolia no discurso amadiano, pois essa conquista dos exportadores deu-se sem honra, com certo grau de covardia rompendo e contrastando com o tempo da conquista inicial da terra pelos coronéis. Essa melancolia fica clara no fragmento a seguir:

*Em verdade este romance e o anterior, Terras do Sem Fim, formam uma única história: a das terras do cacau no sul da Bahia. Nesses dois livros tentei fixar, com imparcialidade e paixão, o drama da economia cacaueira, a conquista da terra pelos coronéis feudais no princípio do século, a passagem das terras para as mãos ávidas dos exportadores nos dias de ontem. **E se o drama da conquista feudal é épico e o da conquista imperialista é apenas mesquinho, não cabe a culpa ao romancista** (AMADO, 2010, p. 11, grifo nosso).*

Decorridos trinta anos da conquista épica das melhores terras do mundo para o plantio do cacau, aqueles coronéis “feudais” veem-se novamente envolvidos em uma outra disputa, um novo jogo de vida e morte, com novas armas, com novos inimigos lutando pela manutenção daquelas terras que outrora foram disputadas na boca dos rifles. Muitos personagens reaparecem agora com seus filhos e suas extensas fazendas misturando-se com novos sujeitos. Alguns desses coronéis na narrativa de ficção aparecem aos mais jovens como figuras quase lendárias pois com a idade já avançada pouco apareciam nas cidades e povoados, deixando-se ficar apenas em suas fazendas.

O capital externo, representado pelos exportadores é visto na narrativa amadiana como um monstro devorador, capaz de engolir tudo que dizia respeito ao cacau e à região cacaueira da Bahia. Assim Jorge o descreve:

O chofer abriu os braços num gesto imenso, que mostrava não só o interior da sala da secretaria da Associação Comercial, como toda a cidade de Ilhéus, o município inteiro, toda a zona do cacau com suas fazendas.

[...] Na louca fantasia do poeta, aparecia, criado pelo gesto trágico do mecânico, um monstro milenar, de cem bocas famintas, engolindo tudo: o porto de Ilhéus, a fábrica de chocolate, os operários, as fazendas com os coronéis e os trabalhadores, as pequenas roças dos pequenos lavradores, os estivadores do porto, os ônibus e os passageiros [...].

O poeta Sérgio Moura via o monstro saindo do gesto dramático de Joaquim, fugindo pela janela sobre o jardim, dragão imenso e insaciável, virando nuvem negra no céu tão azul da cidade do cacau. O poeta via, seus olhos de alucinação, seus olhos divinatórios. Um dragão espantoso, nuvem negra no céu azul tranquilo (AMADO, 2010, p. 56-57).

O capital externo é, portanto, visto como uma ameaça, um agente destruturador do espaço. Rompe com o elo têmporo-espacial instituído no sul da Bahia no tempo da conquista da terra, ou seja, aquela ligação profunda dos agricultores do início do século XX com a terra. O céu azul e tranquilo é aqui utilizado por Jorge como metáfora para comunicar que aqueles tempos de lutas bárbaras pelas terras aptas ao cultivo do cacau, já haviam cessado e os coronéis eram agora “*os donos da terra*” (AMADO, 2010, p. 153).

Os exportadores de cacau, já aparecem no enredo de *Terras do Sem Fim*, enredo que se desenvolve trinta anos antes do de *São Jorge dos Ilhéus*. Porém, naquela época da conquista inicial da terra para o plantio do cacau no sul da Bahia,

Eram as casas exportadoras que se curvavam ante os coronéis, os empregados e gerentes se dobrando em medidas e cortesias, os proprietários oferecendo almoços aos fazendeiros quando estes viajavam à capital, levando-os aos cabarés e às casas de mulheres. Ainda eram pequenas as casas exportadoras de cacau, em geral eram apenas seções de grandes casas exportadoras de tabaco, café, algodão e coco (AMADO, 2001, p. 216).

Decorridos trinta anos da conquista da terra, os desbravadores transformando-se em grandes fazendeiros, os exportadores aparecem como intermediários no processo de produção do cacau, enviando as safras para o exterior e sendo também uma espécie de banco para os agricultores pois estes costumavam, segundo a narrativa de Amado, fazer retiradas nas casas exportadoras pagando-as com as safras vindouras. Esses exportadores faziam a intermediação necessária com o exterior influenciando assim nos preços de compra e venda.

Dessa forma, os exportadores possuíam apenas os grãos de cacau que negociavam a preço de ouro no mercado internacional. Não se sentiam ligados de fato àquele lugar pois não possuíam a “*terra negra e poderosa de seiva*” (AMADO, 2001, p. 249) da qual brotava o cacaueiro que dava frutos de ouro. Não possuíam assim, raízes na terra, viviam apenas dos lucros que o cacau lhes rendia, pois eram apenas intermediários, homens que compravam e vendiam cacau e nada os prendia àquela terra senão o lucro imediato.

*Carlos Zude esteve algumas vezes em rápidas visitas a fazendas de coronéis amigos, fregueses que o convidavam para as festas de casamento e batizado. Então seus olhos citadinos fitavam aquele sem-fim de plantações de cacau, carregadas de frutos amarelos, os frutos de ouro, que faziam a fortuna daquela terra. Nesses dias **Carlos Zude sentia-se como que pequeno e provisório, sem raízes fundas na terra, solto no ar, fácil de ser arrebatado por qualquer temporal**. Que eram eles, exportadores, nesse mundo do cacau? (AMADO, 2010, p. 147, grifo nosso).*

Os exportadores sentiam-se como adventícios sem raízes na terra negra e fecunda. Necessitavam daquele visgo do cacau que prendia os homens e mulheres ali no sul da Bahia. Eles não sabiam daquela experiência fundamental naquele lugar que residia justamente no plantar e colher cacau. No mundo do cacau narrado por Jorge Amado, os sujeitos estabeleceram um elo visceral com a terra e a experiência com o espaço vivido está diretamente relacionada com o trato com o cacau. Embora os exportadores lidem com o cacau no processo de compra e venda, é uma relação frágil pois não perpassa pela terra, eles não trabalham diretamente com o cacaueiro, a árvore símbolo da região. Recebem apenas os caroços já secos, analisam friamente a qualidade do produto, fazem o preço e pagam. A narrativa amadiana nos deixa perceber que esse tipo de relação com o cacau não permite a experiência profunda com o espaço vivido, com o lugar. Não fornece valores que permitem sentidos mais profundos da existência daqueles sujeitos ali.

Assim, os exportadores sentiam que era essencial possuir as terras, pois, somente elas lhes dariam a cidadania na região cacaueira, fornecendo-lhes sentidos mais profundos com aquele espaço de vivência e fortalecendo também os seus negócios estabelecidos ali. *“Eram terras dos Badarós, Carlos queria que suas raízes na terra do cacau fossem assentadas também ali, **aquelas terras eram simbólicas, dava-lhes um valor quase supersticioso**”* (AMADO, 2010, p. 308, grifo nosso).

Com a posse das terras fincariam suas raízes e não seriam mais forasteiros, estranhos naquele mundo do cacau, seriam de uma vez por todas considerados grapiúnas, ligados definitivamente àquelas terras que *“davam frutos de ouro que iluminavam as roças, que enchiam de sonhos os corações dos homens”* (AMADO, 2010, p. 151). É diante das árvores dos frutos de ouro que os homens e mulheres daquela região sonham, pensam o presente e projetam o futuro. O cacau é o motor que

dinamiza a região não somente do ponto de vista econômico, também fornece sentidos ao imaginário social a partir de um conjunto de experiências que brotam da vivência dos sujeitos naquele meio.

Os donos das grandes casas exportadoras de cacau, chegaram na região cacaueira quando a terra já havia sido conquistada. Das terras adubadas com sangue, brotavam agora os frutos de ouro que alimentavam os sonhos dos homens. Eles, os exportadores, conheciam as histórias daquela conquista bárbara do princípio do século XX da qual não participaram, mas estava presente na memória e no imaginário, pois eram contadas de geração a geração.

Maximiliano Campos, nos tempos em que Carlos era um adolescente cheio de mulheres e vícios, conseguia prendê-lo em casa com a narração das espantosas histórias de Ilhéus, de tiros e barulhos, de mortes e incêndios quando, no princípio do século, os coronéis, os Horácios e os Badarós, conquistavam a terra de ninguém para plantar cacau. Carlos se apaixonava por aquelas histórias, era a mesma sedução dos livros de Júlio Verne lidos na infância. Desde rapazinho que a imagem das terras negras do cacau, rubras de sangue, ocupava um lugar na sua imaginação (AMADO, 2010, p. 148).

Mas os exportadores sabiam que a luta que necessitavam travar para obter o controle das terras negras do cacau era outra, pois um outro tempo se fazia presente naquele espaço agora transformado, onde a mata fora substituída pelas belas roças de cacau. Nesse novo tempo, o revólver e a repetição, o jagunço e o incêndio, já não adiantavam para a conquista dessas terras, pois, *“não eram mais terras de ninguém, matas de assombrações, virgens do contato humano”* (AMADO, 2010, p. 148). Agora eram roças de cacau, registradas em cartórios, com títulos de posse. Eram terras que tinham donos e esses donos eram coronéis ricos e poderosos, eram os “donos da terra”. E esses coronéis possuíam uma relação forte com a região cacaueira pois *“tinham os pés enterrados na lama das roças [...]. Tinham raízes ali, os donos da terra! Carlos e os exportadores eram adventícios, tinham chegado quando as lutas terminavam, vinham colher uma parte dos lucros como intermediários nas vendas do cacau”* (AMADO, 2010, p. 148).

Apenas como intermediários nas vendas do cacau não se sentiam como cidadãos grapiúnas. Os laços de pertencimento não eram suficientemente fortes, pois não haviam

passado pela experiência da terra e essa experiência aparece na narrativa amadiana como primordial na construção dos laços com o espaço vivido. Ademais, a segurança dos seus negócios demandava, na percepção dos exportadores, possuir as terras. E para possuí-las era necessário uma luta diferente, uma tocaia moderna, sem armas e jagunços, sem sangue derramado. Uma *“luta de escritório, de jogo de bolsa, de alta e baixa, uma luta bem diferente que exigia inteligência e cálculo, visão e tato”* (AMADO, 2010, p. 148-149).

Dessa forma, o jogo de vida e morte empreendido pelos exportadores na busca pela conquista das terras dos fazendeiros constituía-se, segundo a narrativa de *São Jorge dos Ilhéus*, na manipulação dos preços do cacau. Inicialmente os exportadores subiram vertiginosamente o preço da cotação do cacau o que levou os produtores a uma verdadeira euforia de gastos e investimentos em suas propriedades, e, posteriormente baixaram até que os cacaucultores tivessem que vender a preços ínfimos suas propriedades para quitarem suas dívidas com as casas exportadoras.

- [...] *As fazendas vão se valorizar e muito. E isso é que devemos desejar. Porque depois...*

Fez um silêncio para pronunciar as palavras:

- *Virá a baixa...*

- [...] *Uma fazenda de mil arrobas vale hoje tantos contos, com a alta valerá quatro vezes mais, com a baixa depois valerá oito vezes menos.*

- *Subiremos até quanto?*

- *Até quanto for necessário – disse Carlos. – E abaixaremos também quanto for necessário...*

[...] *Era um plano admiravelmente traçado* (AMADO, 2010, p. 128; 237).

Os cacaucultores estavam enredados numa teia de significações complexas pois, aquele jogo dos preços nas bolsas de valores não era o seu jogo. *“O coronel Horácio da Silveira sentia que o poder fugia das suas mãos e não compreendia. Não era daquele tempo, aquela luta não era a sua luta”* (AMADO, 2010, p. 228).

Não compreendiam aquele novo tempo que se instalava naquele espaço onde antes eles haviam lutado em armas, adentrando a mata, plantando cacau. Outros tempos, outras armas. Para eles, uma ruptura no tempo-espaço. Diante daquele jogo dos preços, aqueles coronéis rudes, acostumados à luta armada e à lida diária nas roças de cacau,

agora “*são como crianças tímidas*” (AMADO, 2010, p. 19). A ingenuidade dos coronéis advinha do fato do não conhecimento dos objetivos e das armas dos oponentes. Aquele jogo dos preços nas bolsas de valores não fazia parte das suas experiências do mundo. Lutaram outra luta, em outro tempo e com outras armas naquele espaço que agora também se modificava. Experienciavam o mundo a partir do trato com as fazendas de cacau e “*eram homens do revólver, da luta armada, que fariam ante essas inteligências, esses cálculos, esses mistérios comerciais, ante esses homens novos como Carlos e Karbanks?*” (AMADO, p. 150). E dessa forma é que “*dentro de cinco anos as terras mudariam de dono, os senhores seriam outros*” (p. 150).

Essa tocaia moderna preparada pelos exportadores como forma de conquistar a terra, é vista por Jorge Amado como uma luta não heroica e mesquinha. A análise do romance *São Jorge dos Ilhéus* permite-nos inferir que na conquista inicial da terra, mesmo sob o signo da barbárie, os inimigos e as armas eram conhecidos. Cada coronel ou “clã” sabia das potencialidades dos adversários, suas armas eram as mesmas e todos conheciam o espaço em disputa. Com os exportadores a luta torna-se mesquinha, na visão do romancista, pois estes manipulam o preço do cacau sem que os produtores percebessem os seus objetivos e sem conhecimento das suas armas. Uma luta mesquinha pois não denota grandeza na medida em que os oponentes não tinham conhecimento de que existia aquela luta.

Agora também Carlos Zude, à frente dos exportadores, se empenha na conquista dessas terras, é também uma batalha de morte. No mais íntimo do seu ser, [...] Carlos lastima que não fosse aquela uma luta heroica, de repetição, tocaias e jagunços. [...] Talvez fosse mesquinha, pensou Carlos, de repente triste (AMADO, 2010, p. 148).

Os novos tempos irão reverberar no espaço e na forma como os sujeitos se relacionam com ele porém, uma coisa não muda, toda a região “*está amarrada nas cadeias do cacau*” (AMADO, 2010, p. 141). Em *São Jorge dos Ilhéus* a cidade está mais presente na narrativa e se moderniza. Os próprios coronéis e mesmo os pequenos produtores que no enredo de *Terras do Sem Fim* se deslocavam mais entre as fazendas e roças a observar e contemplar os cacauzeiros, a lida dos trabalhadores, a colheita; agora se demoram mais na cidade e seus deslocamentos em direção a ela se fazem com maior frequência. Os hábitos vão se transformando e o espaço vivido se amplia tornando-se mais complexo também.

A cidade de Ilhéus agora aparece como a “Rainha do Sul”, uma cidade com grande força comercial e de muitas transformações socioespaciais graças ao desenvolvimento da cultura do cacau. A riqueza advinda da comercialização dos frutos de ouro vai se materializar no espaço através de uma febre de construções e nos novos hábitos que ali se instalarão.

Até no Rio de Janeiro era comentado o rápido progresso da cidade de Ilhéus. Os jornais da capital do estado tinham arranjado um outro nome para ela: a Rainha do Sul. Entre as cidades habitualmente pobres do interior do país, [...] Ilhéus se distinguia como uma cidade progressista e rica. Os cento e cinquenta mil habitantes do município tinham uma elevada proporção de ricos em relação aos demais municípios do interior. A cidade era bonita, cheia de jardins abertos em flores, de boas casas onde residiam as famílias dos coronéis. Toda a parte junto ao oceano era residencial, cortada de avenidas largas. [...] Ali se elevavam os palacetes dos coronéis mais ricos, sobrados faustosos e mobiliados com luxo, geralmente muito feios, sólidos e pesados, como que representando a solidez das fortunas desses homens que haviam conquistado a terra (AMADO, 2010, p. 63).

Segundo a narrativa de *São Jorge dos Ilhéus*, juntamente com o crescimento de Ilhéus, outras cidades da região cacaueira se desenvolveram como Itabuna e Itapira¹⁵. E cresceram também muitos povoados que nasceram nos caminhos do cacau: Pirangi, Água Preta, Palestina, Guaraci, Água Branca, Rio do Braço. Mas apesar de todo o desenvolvimento regional, *“Ilhéus era a cabeça de disso tudo, no seu porto desembocavam todas as riquezas que eram uma só: cacau”* (p. 64).

A alta empreendida pelos exportadores influenciará toda a vida da região não somente nas transformações espaciais mas o próprio modo pelo qual os sujeitos passam a experienciar o espaço, pois, *“o cacau arrastava todos aqueles destinos na maior alta registrada no sul da Bahia”* (AMADO, 2010, p. 274). E aqueles homens que vinham das lutas pela conquista da terra, que haviam passado a vida dentro das matas, cuidando das roças e plantando cacau, homens *“que nunca se tinham dado a diversões, se entregavam de repente a tudo que lhes oferecia possibilidades de emoções novas”* (idem, p. 227). Dessa forma, aquele mundo do cacau construído pelos sujeitos da região cacaueira ganha novas formas de apreensão e vivência. Ou seja, os sujeitos não

¹⁵ Atualmente chama-se Ubaitaba.

percebem mais o espaço apenas pelo prisma do trabalho, o espaço é agora capaz de fornecer outras experiências e outros aspectos da vida são valorizados na apreensão do mundo vivido.

Mas essa alta que mexeu com toda a vida da região durou apenas três anos. E foram três anos “*durante os quais Ilhéus e a zona do cacau nadaram em ouro, [...] se banharam em champanhe*” (AMADO, 2010, p. 171), até que a população percebeu que a alta fora apenas um jogo dos exportadores e estes, “*convidavam, cada vez mais insistentemente, os fazendeiros e os pequenos lavradores a acertarem suas contas. [...]* – ***É o fim do mundo*** (idem, p. 282-283, grifo nosso).

O fim do mundo daqueles homens e mulheres. Um mundo que fora construído sob o signo do cacau e tudo o que ele simbolizava, pois, no acerto de contas necessitaram entregar suas roças e fazendas como forma de quitarem as dívidas. Assim, frente à ameaça de perderem as suas plantações, retornam para as fazendas como que necessitando de despedir-se daquele mundo de sentidos que haviam duramente construído:

[...] Sérgio Moura teve uma frase, quando os coronéis voltaram apressadamente às fazendas, disse a Julieta e a Joaquim:

- É a romaria de despedida...

Porque os exportadores chamavam os coronéis, os pequenos lavradores também, a vir acertar suas contas. “Os donos da terra” estavam amedrontados, não tinham coragem de deixar suas fazendas. [...] ***Agarravam-se às fazendas, à visão dos cacauzeiros que floresciam, os frutos de ouro iluminando as sombras...*** (AMADO, 2010, p. 284-285, grifos nossos).

Despediam-se de suas riquezas materiais e simbólicas. Daquele mundo construído na lida cotidiana com o plantio e colheita do cacau, onde eles construíram seus laços afetivos com a terra, ou seja, o seu lugar. A visão dos cacauzeiros florescendo, iluminando as sombras, permite a segurança do estar-no-mundo daqueles sujeitos, daí agarrarem-se a ela.

Sem as suas terras, sem os seus cacauzeiros, veem-se pois, alijados do seu mundo de símbolos que era permeado sempre pelo cacau. A relação dos sujeitos com o lugar da vida se desestabiliza frente à ameaça da perda das fazendas e por isso, “*uma sombra*

cobriu, como uma cortina cobre uma janela antes aberta ao sol, o rosto dos lavradores de cacau, grandes e pequenos” (AMADO, 2010, p. 282). Ao serem retirados do seu lugar, a base da sua existência, sentiam-se perdidos não só economicamente, sentiam-se também incapazes de compreender o mundo pois o que fornecia sentidos ao seu mundo era a lida com a terra, consubstanciada no cultivo do cacau. Os exportadores, por seu turno, ao adquirirem as fazendas nos leilões, encontravam finalmente na terra negra do cacau, fonte de significado para sua existência ali naquele mundo onde antes sentiam-se como adventícios. Dessa forma, “os exportadores tinham se tornado também os maiores plantadores de cacau. Possuíam finalmente raízes na terra” (p. 288).

Assim como a alta mexeu com toda a região cacaeira, a baixa também, pois o cacau novamente arrastava em suas cadeias todos aqueles destinos.

Não havia quem não tinha sido atingido. Todos aqueles destinos mudavam mais uma vez, violentamente. Eram ásperos naquele ano os caminhos do cacau. Antes fora fácil estrada, os frutos de ouro pendendo das árvores plantadas sobre a terra adubada com sangue. Todos tinham sido atingidos, duramente atingidos (AMADO, 2010, p. 286).

Todos os homens e mulheres sentiam-se enredados naquela teia de significações que o cacau representava, pois, como Amado já havia sinalizado no romance *Terras do Sem Fim*, o cacau era a vida toda, nascia dentro de cada um. Estava dentro da alma e fornecia significado à existência.

Pensamos que a narrativa de Jorge Amado sobre a região cacaeira da Bahia, ao trabalhar a relação do ser humano com o seu meio, retirando dele importantes fontes de significados para a sua existência, trata da *geograficidade* no sentido dardeliano do termo, ou seja, a relação concreta do homem com a Terra como “modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2015, p. 2). Jorge Amado coloca em evidência o homem da região cacaeira com seus significados, valores, objetivos, dilemas e ações diante do seu meio, do seu mundo vivido, ou seja, as formas de inserção desses sujeitos no mundo e suas formas de se relacionar com ele. Evidencia, portanto a relação do Ser com o seu espaço vivido/existencial, trazendo para a narrativa não somente a dimensão econômica como a dimensão afetiva em relação a esse espaço.

2.4 Os sujeitos das TERRAS DO SEM FIM: o coronel, o jagunço, o trabalhador das roças de cacau.

Na narrativa amadiana que possui o cacau como pano de fundo, o coronel¹⁶, o jagunço e o trabalhador das roças, o chamado “alugado”, são personagens indispensáveis. Estão sempre presentes pois eles são os agentes (re) construtores do espaço da região cacaueira da Bahia, nos seus aspectos materiais e simbólicos. São também sujeitos que participaram da infância do escritor, da sua vivência nessas TERRAS DO SEM FIM e se tornaram personagens de suas tramas, pois,

Os personagens das obras de ficção resultam da soma de figuras que se impuseram ao autor, que fazem parte de sua experiência vital. Assim são os coronéis do cacau nos livros onde trato de região grapiúna, nos quais tentei recriar a saga da conquista da terra e as etapas da construção de uma cultura própria (AMADO, 1982, p. 72).

No romance *Terras do Sem Fim*, o coronel já surge na narrativa como coronel, adquiriu esse “status” em um outro tempo nesse mesmo espaço do sul da Bahia, pois alcançou riqueza e poder a partir do cacau. No início da narrativa os coronéis já se apresentam como tal. É assim que são apresentados; Maneca Dantas ainda no navio e posteriormente no desenrolar da trama os coronéis Horácio da Silveira e Sinhô Badaró. A perspectiva do romance já nos oferece esses personagens saídos de um tempo não narrado. O romance é portador desse poder, faz parte da sua essência que é o criar. Mas Jorge Amado não deixa o leitor completamente sem informações sobre esse tempo não narrado, ele nos fornece algumas informações na figura do coronel Horácio da Silveira:

A manhã de sol dourava os cocos ainda verdes dos cacauzeiros. O coronel Horácio ia andando devagar entre as árvores plantadas dentro das medidas estabelecidas. Aquela roça dava seus primeiros frutos, cacauzeiros jovens de cinco anos. Antes ali também fora a mata [...]. Ele a varara com seus homens e com o fogo, com os facões, os machados e as foices, derrubara as grandes árvores, jogara para longe as onças e as assombrações. Depois foi o plantio das roças, cuidadosamente feito, para que maiores fossem as colheitas. As grandes mãos calosas [...] aquelas mãos, que muito tempo

¹⁶ “O reconhecimento do prestígio do coronel, muitas vezes se dava independentemente da obtenção do título efetivo, outorgado pela Guarda Nacional a todo fazendeiro abastado na região (ou comprado por algum membro da elite econômica local). [...] De tal forma o termo coronel estava eivado da atribuição da população local ao prestígio de um grande fazendeiro de cacau, que tornou-se praticamente impossível diferenciar aqueles que realmente detinham a patente dos que de fato não a possuíram. E a distinção, de sorte, inútil, era mera formalidade” (FALCÓN, 2010, p. 75).

manejaram o chicote quando o coronel era apenas um tropeiro de burros, empregado de uma roça no Rio do Braço, aquelas mãos manejaram depois a repetição quando o coronel se fez conquistador da terra (AMADO, 2001, p. 40-41).

Antes de se tornarem os famosos coronéis do cacau, esses sujeitos precisaram conquistar/desbravar a terra no sul da Bahia. Esse desbravador que posteriormente se transforma em coronel, é um dos panos de fundo das “histórias de espantar” de Jorge Amado e a sua narrativa sugere que eles eram pessoas simples, rudes, sem muita instrução, mas com muita vontade, disposição e persistência para o trabalho ainda que fosse um trabalho pesado, adentrando e derrubando a mata, plantando cacau. “*Sinhô Badaró gostava da terra e de plantar a terra...*” (AMADO, 2001, p. 56). Sabiam o que queriam e não pouparam esforços na construção daquele mundo do cacau.

O pensamento de Falcón (2010) é muito parecido com o da narrativa de Jorge Amado. Para ele, a maioria dos coronéis adveio ou de levas de nordestinos pobres, de filhos da terra de origem humilde ou de remanescentes de estrangeiros de núcleos coloniais anteriores à cacaucultura. E, “nivelados na sua condição de lavradores pioneiros, esses fazendeiros prosperaram. [...] A maioria deles não possuía qualquer formação educacional. Muitos eram, na realidade, semianalfabetos, alguns autodidatas” (p. 82).

Esses coronéis, na perspectiva da narrativa de Jorge Amado, construíram um mundo, juntamente com os outros sujeitos em que o cacau era o centro de tudo. Construíram uma relação muito forte com a terra balizada pelo cacau. Os frutos de ouro que brotam da terra preenchem e fornecem significado à vida desses sujeitos. Daí sentirem-se profundamente ligados àquela terra e ao cacau.

*Horácio [...] neste momento nem em Ester pensava. Não pensava em nada, via apenas os frutos dos cacaueiros, verdes ainda, pequeninos, os primeiros daquela roça. Com a mão tomou um deles, doce e voluptuosamente o acariciou. **Com amor. Com infinito amor*** (AMADO, 2001, p. 45, grifo nosso).

Jorge Amado sugere os coronéis do cacau enquanto sujeitos lendários, sempre presentes no imaginário da região cacaueira. Eram pessoas temidas, capazes de toda sorte de violência e desmandos na ampliação das suas fazendas. A narrativa sugere que a forte presença dos coronéis no imaginário social da região faz surgirem lendas e

histórias sobre eles. A esse respeito, a figura do coronel Horácio é sugestiva na narrativa de *Terras do sem Fim*:

Corriam lendas sobre ele, nem mesmo o coronel Horácio sabia de tudo que em Ilhéus e em Tabocas, em Palestina e em Ferradas, em Água-Branca e em Água-Preta, se contava sobre ele e sua vida. As velhas beatas que rezavam a São Jorge na igreja de Ilhéus costumavam dizer que o coronel Horácio, de Ferradas, tinha, debaixo de sua cama, o diabo preso numa garrafa. Como o prendera era uma história longa, que envolvia a venda da alma do coronel num dia de temporal. E o diabo, feito servo obediente, atendia a todos os desejos de Horácio, aumentava-lhe a fortuna, ajudava-o contra os seus inimigos. Mas um dia – e as velhas se persignavam ao dizê-lo – Horácio morreria sem confissão e o diabo saindo da garrafa levaria a sua alma para as profundas dos infernos. Dessa história o coronel Horácio sabia e ria dela, uma daquelas suas risadas curtas e secas, que amedrontavam mais que mesmo os seus gritos nas manhãs de raiva (AMADO, 2001, p. 41).

E esses coronéis a quem até mesmo “o diabo obedecia” eram capazes de tudo para expandir suas roças de cacau. Formaram fortunas, montaram ao seu redor, verdadeiros “clãs” onde seus aliados eram protegidos e não perdoavam traição. Na fusão terra e cacau, o fazendeiro torna-se comandante da vida socioeconômica e política local.

Horácio da Silveira, quase desconhecido fisicamente para a geração mais nova que raramente o conseguia ver, era lendário na cidade. Falavam dele como alguém distante e que, no entanto, influía em quase tudo que sucedia não apenas na cidade [Ilhéus], mas também na cidade vizinha de Itabuna, e em Pirangi e em Guaraci, em Palestina e em Ferradas, em toda a zona do cacau. Senhor de jagunços, de votos, de eleitores, de terras imensas, das prefeituras, das delegacias. Seu nome era pronunciado com respeito, muitos o diziam com medo (AMADO, 2010, p. 189-190).

O coronel do cacau de modo geral, exercia também uma função social. Ele era temido e respeitado de acordo com os seus dotes pessoais e não ideológicos. Ele era o chefe do clã e todos que viviam sob a sua proteção, a recebia verdadeiramente. Ele era capaz de proteger seu agregado, dispensava favores, tirava-os da cadeia, dava-lhes terras, cuidava deles quando estavam doentes. Porém, em troca, exigia completa fidelidade, serviços, participação nos grupos armados durante a conquista da terra e permanência em suas terras. Em caso do agregado querer ir embora ou trair o coronel,

poderia pagar com a vida (HEINE, 2004, p. 49). A narrativa amadiana permite-nos concordar com Heine (2004), cujo trabalho analisa justamente a relação de Jorge Amado com os coronéis do cacau. Sobre o coronel Horácio da Silveira no romance *Terras do Sem Fim*, Amado sugere essa proteção aos seus aliados no fragmento a seguir:

Seus jagunços diziam que ele era um macho de verdade e que valia a pena trabalhar para um homem assim. Nunca deixava que jagunço seu parasse na cadeia e certa vez saía especialmente da fazenda para libertar um que estava na prisão de Ferradas. Depois de tirá-lo de entre as grades, rasgara o processo na cara do escrivão (AMADO, 2001, p. 44).

O excerto acima, além de fazer referência à proteção que o coronel dispensava aos seus agregados, ou seja, àqueles dispostos a participarem do “clã”, refere-se também ao poder e desmando praticados por eles no sul da Bahia no início do século XX. Eles eram os senhores de mando absoluto, subjugavam a lei aos seus desígnios: “*o juiz se desculpava perante Sinhô Badaró: quem se atreve a ir prender Horácio na sua fazenda?*” (AMADO, 2001, p. 278). Eram amados por uns, odiados por outros, temidos por todos. É claro que, a narrativa de Jorge Amado reporta-se ao início do século XX tratando de um espaço que nessa época estava quase que completamente desabrigado da tutela do Estado. O cumprimento das leis se fazia frágil dada a ausência do poder estatal conforme atesta o estudo de Falcón (2010).

Ao compor a figura do coronel do cacau trazendo-o para o centro da sua narrativa, arriscamos dizer que Jorge Amado o aproxima de “semideuses”. Do alto de sua cadeira austríaca “*que contrastava não só com o resto do mobiliário, bancos de madeira, cadeira de palhinha, redes nos cantos, como também com a rústica simplicidade das paredes caiadas*” (AMADO, 2001, p. 55), o coronel Sinhô Badaró dá as ordens aos jagunços, ordens para a tocaia necessária ao aumento da sua fazenda. A cadeira alta, austríaca o destaca no meio da simplicidade da casa grande da fazenda. É o chefe da família, o patrão, e mesmo que lhe repugnasse ver correr sangue de gente, o mandava fazer dado o desejo de plantar mais cacau.

Do outro lado, o coronel Horácio, oponente de Sinhô Badaró na narrativa de *Terras do Sem Fim*, representava para sua esposa Ester um ser imortal, dada à sua imponência diante dos homens. Ele era o dono, o patrão, o coronel. Ele era o detentor de

terras, dinheiro e dos homens. *“Era feito de ferro, nunca adoecera, parecia que as balas o conheciam e temiam...”* (AMADO, 2001, p. 53). E no seu leito de morte, Ester, acometida pela febre que ninguém na região cacauzeira sabia o nome mas que matava até macacos, *“quando a foram transportar para a rede, ela teve um momento de lucidez, tomou da mão de Horácio, como se ele fosse dono dos destinos do mundo, e rogou: - Não deixe que eu morra...”* (AMADO, 2001, p. 270).

O coronel do cacau povoa o imaginário regional grapiúna. Seria ele apenas uma lenda fruto das narrativas dos escritores regionais? Na concepção de Silveira (2004), esse personagem da trilha do cacau no sul da Bahia é uma mistura de lenda e realidade. Ora ele aparece nos livros de Jorge Amado como um libertino, tocaieiro e forte, ora nos livros de Adonias Filho, sagaz e desbravador, caçador ou um ambicioso calculista. Ele *“pode ser considerado como um personagem que chegou aqui pobre e sem instrução [...] um entre muitos que vieram se juntar a outros e descobrir o eldorado”* (SILVEIRA, 2004, p. 06).

Para conquistar e manter todo esse poder socioeconômico e político, a narrativa amadiana esclarece que o coronel se valeu do jagunço enquanto seu braço armado inseparável. O jagunço era responsável pela proteção do coronel e sua família e estava sempre à sua disposição para todo o tipo de serviço que lhe era ordenado.

O jagunço faz parte do quadro de empregados do coronel. É o empregado mais bem pago, mais valorizado durante o período das lutas pela posse das terras (final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX). Pagos a peso de ouro e com mais regalias que os outros trabalhadores, os homens bons de pontaria, segundo a narrativa de Jorge Amado, não ficavam sem serviço:

- Se tu tem boa pontaria, tu tá feito na vida. Aqui só tem dinheiro quem sabe matar, os assassinos...

[...] – Um cabra certo na pontaria tem regalias de rico... Vive pelos povoados, com as mulheres, tem dinheiro no bolso, nunca falta saldo pra eles... (AMADO, 2001, p. 93).

Diante do que Jorge Amado expõe em sua narrativa, principalmente em *Terras do Sem Fim* e *O menino grapiúna*, o jagunço é alguém que mata obedecendo ordens do coronel, ou seja, não mata por prazer e sim por obediência. *“Sua profissão era matar,*

Damião nem sabe mesmo como começou. O coronel manda ele mata. [...] Não tem ódio de ninguém” (AMADO, 2001, p. 62). Em muitas passagens da narrativa de *Terras do Sem Fim* o jagunço aparece como pessoa de bom coração, mas como pensar em alguém cujo ofício é matar como uma pessoa boa? Pensamos que esse fato advém da convivência de Jorge Amado na infância com jagunços que serviam ao seu pai, também coronel.

Argemiro colocava o menino na frente da sela e o levava a Pirangi nos dias de feira: uma festa, um deslumbramento. (...) De nada gostava tanto como dessas idas a Pirangi, em companhia de trabalhadores e jagunços: ampliavam seu universo e impediam que medrasse em seu espírito qualquer espécie de preconceito. A quem admirava mais senão a Argemiro, de temerária fama, ou a Honório, um gigante negro que se repete nos meus livros, a partir de “Cacau”? Diante de Honório todos tremiam. Constava que já liquidara não sei quantos, posso garantir que era de uma bondade sem limites, de uma delicadeza sem igual (AMADO, 1982, p. 50-51).

A sua vivência nesse espaço da região cacauzeira e com todos os sujeitos ali residentes lhe proporcionou essa experiência. Entendemos que esse é o modo de pensar do autor a partir do vivido, do experienciado, não cabendo a nós fazer juízo de valor ao seu modo de pensar e sentir.

A percepção de Cyro de Mattos, outro escritor, poeta e contista das terras do cacau sobre o jagunço é de espanto e medo. O jagunço é o ser portador dos grilhões da morte, atemoriza as cidades e povoados por onde passa. No conto *Os jagunços* ele fala da sua experiência com esses sujeitos das TERRAS DO SEM FIM:

Duas vezes eu vi os jagunços. [...] Os jagunços apareciam nos cavalos agitados, os arreios ricos e vistosos. As armas na cintura, as cartucheiras recheadas de bala. Era a valentagem (*sic*) que campeava nos arruados, vilas e cidadezinhas. Nas lojas, armazéns, passeios, os homens ficavam transidos de medo. [...] Quando eles apareciam, luz de velas era acesa por mãos aflitas, mulheres recolhiam-se no oratório, tremor de lábios desfiava rezas nos rosários. [...] O terror galopava nas ruas. O vento tinha os pés de medo. [...] Os jagunços tinham olhos de animal atento, os cabelos desciam até os ombros.

Naquele mundo sem lei ninguém sabia até quando duraria o tormento.

Os jagunços passavam em suas montarias velozes pela rua deserta, ferraduras chispavam a terra que se levantava numa nuvem de poeira. Vultos desapareciam na curva da estrada, galopavam pelas sombras de uma tarde pálida, nas capangas levavam a certeza de que a missão sinistra havia sido cumprida.

Naquele imenso território, com suas árvores de frutos cor de ouro, traiçoeiros nas baixadas e serras. A natureza humana era tão bárbara naquele território que se tornava inconcebível (MATTOS, 1999, p. 60-62).

Diferente do jagunço, ao trabalhar das roças de cacau nenhuma regalia era dispensada segundo a narrativa de Amado. Esses trabalhadores frequentemente aparecem na narrativa amadiana como “alugados”, termo comum na região cacaueira mas que causava estranheza aos que chegavam de outras regiões.

O 98 virou-se para mim:

- Está você alugado do coronel.

Estranhei o termo:

- A gente aluga máquina, burro, tudo, mas gente, não.

- Pois nessas terras do sul, a gente se aluga.

O termo me humilhava. Alugado... Eu estava reduzido a muito menos que homem (AMADO, 2000, p. 23).

Esses trabalhadores chegavam ao sul da Bahia no início do século XX cheios de sonhos e esperanças de uma vida melhor. Ouviam histórias sobre como a terra era fértil e de como era fácil obter um pedaço de terra em Ilhéus, plantar cacau, “*a riqueza do mundo*” (AMADO, 1982, p. 11). Essas notícias alimentavam o imaginário dos sertanejos e de tantos outros sobre essa terra rica e venturosa que era a região cacaueira da Bahia.

Os migrantes então deixam para trás o seu passado de sombras (secas, miséria) em busca de luminosidade para sua vida futura. Essa luminosidade estava representada no fascínio do cacau-ouro que lhes proporcionaria as condições de vida negadas em suas terras de origem. Deixam para trás os seus lugares que lhes proporcionavam segurança existencial, mas que ao mesmo tempo lhes negava as condições mínimas necessárias à sobrevivência. Por isso rompem o sertão, atravessam-no e passam dias na terceira classe de um navio para enfim chegar àquele mundo novo que se constituía tendo o cacau como elemento pulsante. Lançam-se assim, nas incertezas e inseguranças que o ato de migrar proporciona.

As incertezas sobre as TERRAS DO SEM FIM já corriam mundo segundo a narrativa amadiana. De norte a sul do país corriam notícias boas e ruins sobre as “*terras semibárbaras de São Jorge dos Ilhéus*” (AMADO, 2001, p. 9). E mesmo havendo muita notícia ruim, homens e mulheres se lançavam na aventura do cacau, queriam

provar também desse fruto doce e amargo, mais uma experiência que constituiria sua existência.

- Me falaram lá no Ceará mas eu não dei crença... Se falava tanta história dessas terras que até parecia coisa de milagre...

O trabalhador magro quis saber o que é que diziam:

- Coisa boa ou coisa ruim?

- Boa e ruim, mais ruim que boa. De boa só diziam que aqui era uma fartura de dinheiro que o fulano enricava logo que desembarcava. Que dinheiro era calçamento de rua, era poeira de estrada... De ruim, que tinha a febre, os jagunços, as cobras... De ruim muita coisa... (AMADO, 2001, p. 91-92).

Cheios de sonhos, desembarcavam no mundo do cacau e aos poucos iam tomando contato com aquela nova realidade que esfumava seus sonhos e desejos de uma vida melhor. Não havia mais a possibilidade da conquista de um pedaço de terra para o cultivo do cacau, restando-lhes apenas o penoso trabalho nas roças, deixavam-se alugar!

A narrativa amadiana deixa transparecer o cacau enquanto um cultivo que absorve grande contingente de mão de obra, mas ao mesmo tempo os trabalhadores das roças de cacau sendo explorados, presos aos grilhões dos débitos do barracão das fazendas, ou seja, escravos por dívida como bem posto no fragmento a seguir:

- Amanhã cedo o empregado do armazém chama por tu para fazer o saco da semana. Tu não tem instrumento pro trabalho, tem que comprar. Tu compra uma foice e machado, tu compra um facão, tu compra uma enxada... E isso tudo vai ficar por uns cem mil-réis. Depois tu compra farinha, carne cachaça, café pra semana toda. Tu vai gastar uns dez mil-réis pra comida. No fim da semana tu tem 15 mil-réis ganho no trabalho – o cearense fez as contas, seis dias a dois e quinhentos e concordou. – Teu saldo é de cinco mil-réis, mas tu não recebe, fica lá pra ir descontando a dívida dos instrumentos... Tu leva um ano pra pagar os cem mil-réis sem ver nunca um tostão (AMADO, 2001, p. 93).

É dessa forma que o espaço da região cacaueira da Bahia não se apresenta como espaço que acolhe e envolve o Ser de imediato. Os migrantes sentem-se distanciados desse espaço que lhes parece estranho e hostil.

Para esses trabalhadores, o visgo do cacau está representado portanto, nas dívidas que contraem obrigatoriamente no barracão da fazenda que é controlado pelo fazendeiro. Não podem deixar a fazenda sem antes pagar a dívida exorbitante sob pena de morte ou de serem surrados para “servir de exemplo”.

Que jeito ele tinha senão mandar surrar Ranulfo quando o prendera? Ai dele se passasse a mão na cabeça de todo aquele que fugisse para não pagar a dívida no armazém. Não ficaria trabalhador, não haveria fazendeiro que se aguentasse. Tinha que manter o respeito. Era uma lei que não estava escrita mas existia de há muitos anos, todos a conheciam. E aquele que a rompia devia ser castigado para exemplo de todos (AMADO, 2010, p. 161).

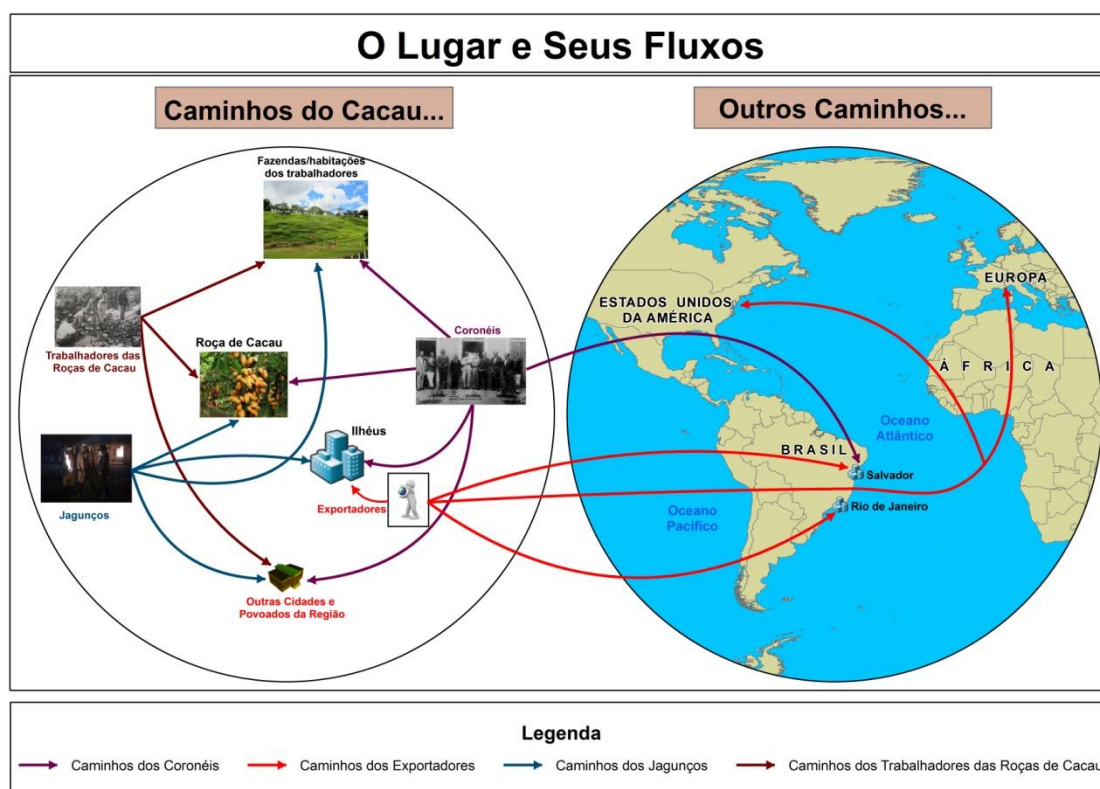
Diante de tamanha exploração, a busca pelo envolvimento com o espaço dar-se-á por meio das relações estabelecidas entre os trabalhadores e entre estes com o cultivo do cacau. A relação sujeito-sujeito é fortalecida no cotidiano das roças de cacau diante do penoso trabalho que é sempre mencionado nas cantigas que vão surgindo no mundo do cacau. São canções nascidas ali e que relatam desgraças, mortes por terra, são canções de trabalho e que ajudam a aliviá-lo.

*Quem planta cacau sou eu,
Sou eu que colhe ligeiro,
Mas ai! Mulata, mas ai!
Só eu não vejo dinheiro
Do cacau que se vendeu...
Triste sina é minha vida,
Sina de trabalhador...
Mas ai! Mulata, mas ai!
Só tu sabe minha lida...
Só tu sabe minha lida...* (AMADO, 2010, p. 102).

O espaço vivido é consubstanciado pelos imperativos presentes ali naquele mundo ainda bárbaro e hostil, de relações de trabalho que podem ser comparadas ao trabalho escravo, a escravidão por dívida. As relações interpessoais, vivências e histórias daquele mundo do cacau vão sendo somadas à bagagem que o migrante já possui de experiências em outros lugares. Para Fernandes (2014), a experiência é sempre a vivência de alguma coisa, e todas as experiências diretas dos seres humanos

são experiências em/de seu mundo vivido. Essas experiências constituem esse mundo vivido, são para ele dirigidas, são nele testadas e vivenciadas. Assim, “o universo vivido é simplesmente toda a esfera das experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses” (FERNANDES, 2014, p. 80).

Figura 13: Deslocamento dos sujeitos pelos caminhos do cacau e outros caminhos



Fonte: Romances *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*

Elaboração e organização: a autora

Diferentes alcances espaciais dos sujeitos podem ser observados na obra amadiana. A figura acima revela esse “caminhar” pelo mundo do cacau e “outros mundos”. Percebemos que os trabalhadores das roças de cacau se movimentam pouco. Seu ir e vir se restringe às roças e à sede da fazenda onde se localiza o lugar de descanso. Dessa forma, a narrativa amadiana deixa claro que “*essas roças de cacau são o trabalho, a casa, o jardim, o cinema, tantas vezes o cemitério desses homens*” (AMADO, 2010, p. 101). Dali, das roças de cacau, retiram seu sustento e também constroem os laços de afetividade necessários para se manter no lugar. De acordo com a narrativa amadiana, eles não possuem meios para percorrer outros caminhos dada a precariedade das condições socioeconômicas a que estão submetidos. A falta dos meios

econômicos para quitar suas dívidas contraídas obrigatoriamente com os fazendeiros, restringem a sua mobilidade.

Já os coronéis, apesar de possuírem muitas terras e dinheiro, se movimentam quase que exclusivamente pelos caminhos do cacau. De certa forma, a obra de Jorge Amado deixa transparecer que esses sujeitos não sonham muito com outros caminhos. Quando muito, vão a Salvador, geralmente para tratar de negócios e comprar aquilo que Ilhéus e Itabuna ainda não ofertavam no início do século XX.

Os exportadores que não possuíam relações fortes com as terras do cacau e eram detentores de grande poder econômico, possuíam maior alcance espacial. Eles eram representantes do capital externo e por isso mantinham relações de negócios tanto com outras partes do Brasil, como com o exterior. Muitos deles, na narrativa amadiana, são de origem norte americana ou europeia, e dessa forma necessitam manter laços também com o exterior. Já a sua movimentação pelos caminhos do cacau é mais restrita à cidade de Ilhéus, cidade mais movimentada da região à época. Raramente visitam as fazendas onde nascem os frutos de ouro que comercializam no mercado internacional, embora com o passar do tempo, começam a se interessar pela vida da região, conforme sugere-nos a narrativa de Jorge Amado:

Quando Maximiliano morreu, Carlos tomou a si a filial, passava longos meses no sul do estado, aumentando a firma, transformando-a numa das maiores exportadoras do produto. E passou a ser um grande admirador dessa zona, os amigos já o tratavam de “grapiúna” (AMADO, 2010, p. 24).

Mais que um fato econômico, o cacau é um fato cultural a impregnar o imaginário regional, é, portanto, um artefato. O cacau é um signo e um símbolo regional, pois está impregnado na alma, na memória, no suor dos que com ele lidam. Representa riqueza, poder, glórias de um passado que se faz ainda presente não apenas impresso na paisagem, também no imaginário social da região. Da mesma forma, os sujeitos que empreenderam essa saga desmedida para plantar e colher cacau, estão presentes no imaginário regional. E com a literatura do cacau, viajam mundo afora e estão imortalizados numa “paisagem-texto” que não os imobiliza, pois cada leitor produzirá novas imagens dessa paisagem.

CAPÍTULO III: A IDENTIDADE E O LUGAR NA OBRA DE JORGE AMADO: A GEOGRAFIA LITERÁRIA DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA

3.1 A geografia humanista e a retomada do conceito de lugar

A busca por novas maneiras de perceber o espaço fez com que muitos geógrafos, na tentativa de desvencilhar-se do pensamento positivista na geografia, se aproximassem do Humanismo na década de 1970, constituindo assim, a chamada Geografia Humanista.

Esse interesse por uma geografia que estivesse além dos parâmetros cartesianos e positivistas e que fosse capaz de uma análise objetiva e subjetiva das ações humanas já aparece na década de 1920 principalmente nos trabalhos de Carl Sauer, que se dedicava a uma geografia cultural e posteriormente nos trabalhos de John K. Wright que tinha seus trabalhos voltados para uma geografia histórica. Das noções estruturantes dos trabalhos desses autores, Holzer (2016) depreende que a geografia humanista possui suas raízes na geografia cultural tradicional e na geografia histórica. Para ele, essas geografias forneceram os conceitos que serviram de parâmetro para a construção da geografia humanista tais como,

O inconformismo para com a geografia cartesiana e positivista, que levava os culturalistas a se colocarem a favor de uma disciplina que estivesse “além da ciência”; a ênfase na relação do homem com o ambiente, como objeto central de estudo da geografia; a valorização de transformação da paisagem pelo homem, vinculando-o a uma paisagem cultural, a compreensão de que os fenômenos geográficos são tanto espaciais quanto temporais, propiciando um deslindamento da temporalidade contida, na geografia (HOLZER, 2016, p. 351).

A aproximação da geografia com o humanismo recolocou o homem no centro de suas preocupações, mas não o homem apenas como um dado do espaço. O homem com sua história, sua experiência vivida, seus sonhos, memória, imaginação, simbolismos, crenças, paixões, ou seja, o homem por inteiro. Mas é preciso salientar que uma geografia que se propõe humanista não ambiciona dar conta da totalidade do homem a um só tempo, tarefa que parece impossível para a ciência dada a complexidade dos seres humanos. Busca-se no entanto compreender que sujeito e objeto se inter-relacionam na composição do mundo.

Gomes (2000) destaca algumas das características do humanismo que segundo ele foram retomadas pela geografia. A primeira se relaciona com a incontornável visão antropocêntrica do saber. Nesse sentido, o espaço possui características que não podem ser apreendidas apenas de forma objetiva, necessitando da subjetividade humana na compreensão espacial. A segunda característica destacada pelo autor refere-se a uma posição epistemológica holística, já que o humanismo refuta vigorosamente o procedimento analítico que é acusado de perder a riqueza do todo pois limita-se à análise das partes. Assim, “a geografia humanista compreende que, ainda que se parta de um ponto antropocêntrico, a ação humana não pode jamais estar separada de seu contexto, seja ele social ou físico” (p.311). A terceira característica do humanismo retomada pela geografia refere-se ao homem enquanto produtor de cultura – cultura no sentido que de nós atribuímos valores às coisas que nos cercam e desta forma, cada cultura só pode ser interpretada a partir do código dos grupos que a criaram. Partindo desta premissa, generalizar, na perspectiva dos humanistas significa negligenciar as propriedades fundamentais dos contextos particulares. O quarto ponto destacado pelo autor diz respeito à aproximação da geografia com a Fenomenologia. Comentaremos um pouco mais adiante sobre essa aproximação. Por fim, Gomes (2000) comenta a respeito da relação entre a ciência e a arte como uma importante característica da geografia humanista. Ele lembra-nos que geralmente os geógrafos invocam a arte, mas efetivamente a maior parte dos estudos está centrada na literatura (GOMES, 2000, p. 310-314).

Com relação ao texto de Gomes (2000) sobre a geografia humanista, é preciso destacar que este autor sustenta sua crítica a respeito dessa corrente da geografia baseando-se na diversidade de pontos de vista e correntes filosóficas. Para ele, essa diversidade interna é um problema e uma fraqueza pois não permite a unidade/identidade da disciplina tornando-a ambígua. Pensamos que essa diversidade é inerente ao conhecimento e pode ser enriquecedora no sentido de ampliação das suas fronteiras e no enriquecimento dos temas a serem trabalhados.

Incorporando valores do Humanismo, a geografia humanista emerge como uma contestação à ciência objetiva e racionalista vista como incapaz de dar conta da complexidade das relações sociais devido às suas peculiaridades e a dificuldade de encaixá-las em leis universais.

A geografia humanista começou a ser gestada nos Estados Unidos no final da segunda Guerra Mundial, mas o seu reconhecimento enquanto campo autônomo somente viria a acontecer durante a década de 1970 período em que a geografia se propõe a aproximar-se mais da filosofia, e no caso da geografia humanista, essa aproximação foi com a Fenomenologia.

Na geografia brasileira, Werther Holzer tem sido um dos principais autores a investigar as origens e a estruturação da geografia humanista e a utilização da fenomenologia enquanto edifício teórico-metodológico desse campo da nossa ciência. Holzer (2016) destaca os nomes de Relph, Tuan e Buttimer como importantes articuladores do conhecimento voltado para o humanismo na geografia principalmente a partir da década de 1970.

Na primeira metade da década de 1970, podemos destacar os nomes de Tuan e de Buttimer como os que mais contribuíram na busca por uma identidade própria para a geografia humanista. Esses autores foram pioneiros na utilização dos conceitos de lugar e de mundo vivido, ambos associados a uma base teórica fenomenológico-existencialista, aporte que mais tarde permitiria a identificação de seus trabalhos como humanistas (HOLZER, 2016, p. 160).

Os trabalhos de Yi-Fu Tuan são de extrema importância para a consolidação da geografia humanista. Esse autor foi responsável por muitos trabalhos voltados para as atitudes humanas sobre o ambiente, ou seja, o modo como os seres humanos respondem ao ambiente, trabalhando com o termo *Topofilia* que traduz os sentimentos de afeto que as pessoas desenvolvem pelos lugares. Para o autor, espaço e lugar são os conceitos essenciais para a geografia mas o conceito de lugar é o mais apropriado para a geografia humanista.

Para Tuan (1982) a geografia humanista busca um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, “do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1982, p. 144). A partir desse olhar, tem-se como ideia principal que cada indivíduo possui, a partir das suas experiências, uma percepção do mundo que se manifesta diretamente por meio de valores e atitudes para com o meio ambiente. A geografia humanista busca compreender o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço vivido e o seu mundo e como se relaciona com o mundo e com os outros indivíduos. Essa ideia de Tuan (1982) é bastante interessante para o nosso trabalho, pois a partir da obra de Jorge Amado buscamos compreender

algumas questões: como o homem da região cacaueira vivencia/experiencia o seu lugar, o seu espaço vivido? Como se relaciona com os outros e com o lugar e (re) constrói e (re) afirma a sua identidade? Como o lugar se transforma em base para o constructo identitário? Pretendemos explorar essas ideias/questões direcionadas pela fenomenologia.

Na perspectiva da geografia humanista o espaço geográfico é estudado como espaço de vivência dos sujeitos e as vivências são as percepções do homem sobre o mundo. Desse ponto de vista, busca-se uma concepção de espaço diferente do espaço cartesiano e positivista que por muito tempo dominou a ciência geográfica. Os geógrafos humanistas buscam relacionar o homem com o seu ambiente, ou dito de outra forma, relacionar o sujeito com o objeto na tentativa de melhor compreender o mundo.

A partir da década de 1970, a geografia se aproxima mais da filosofia e no caso da geografia humanista o aporte filosófico escolhido foi a Fenomenologia.

A Fenomenologia se opõe à visão cartesiana de mundo, opõe-se à ciência positivista e ao cientificismo, além de criticar também a separação do sujeito do objeto. A inclusão da Fenomenologia na geografia possibilitou a centralização da subjetividade das ações humanas, valorizando outros elementos que frequentemente são deixados de lado pela ciência positivista, tais como as representações, os sentimentos, o imaginário, valores, significações, experiência.

Não é nosso objetivo neste trabalho destrinchar os propósitos da Fenomenologia e nem mesmo listar os trabalhos dos geógrafos que a adotaram enquanto edifício teórico – metodológico a partir da década de 1970, a este respeito os trabalhos de Dartigues (2008) e Holzer (1993; 2016) são de fundamental importância. Aqui, interessa-nos de forma breve, entender como a Fenomenologia contribuiu e contribui para o trabalho do geógrafo humanista em sua tarefa de desvelar os mundos cotidianos das pessoas.

Holzer (1998) afirma que a geografia vem utilizando o método fenomenológico desde a década de 1920. Esse aporte filosófico constituiu-se como base teórica e metodológica para alguns geógrafos importantes de diversas gerações, entre eles, Sauer, Dardel, Lowenthal e Kirk. Porém, é na década de 1960 que um grupo maior de geógrafos foi procurar na fenomenologia uma base teórica alternativa às que dominavam a ciência. Porém, Holzer (2016) reconhece que “nenhum autor pensou em

fazer uma ‘geografia fenomenológica’ quando buscou uma base fenomenológica para o humanismo na geografia” (p. 174).

Os geógrafos humanistas que foram buscar na Fenomenologia o aporte teórico - metodológico necessário para pensar o espaço, tomaram-na de forma relativa extraindo dessa corrente filosófica aquilo que mais interessava aos seus trabalhos.

Edward Relph foi um dos pioneiros a defender a utilização da Fenomenologia pela geografia. Para ele, a Fenomenologia é fundamentalmente um método e esse método já teria provado sua riqueza em outras disciplinas e poderia, portanto, revelar-se frutífero também para o projeto humanista que revaloriza aspectos esquecidos na geografia tradicional (GOMES, 2000, p. 326). Mas Relph foi um dos autores que utilizaram a Fenomenologia de forma implícita.

Holzer (1998) afirma que Tuan assumiu uma atitude dúbia frente à utilização da Fenomenologia na geografia “ao afirmar que era necessário não se ater à Fenomenologia, mas remeter-se ao humanismo, que permitiria uma visão mais ampla do que é a pessoa humana, deixando-se implícita a Fenomenologia” (p. 15). Já Buttimer preocupava-se em apoiar-se mais firmemente, ao mesmo tempo na Fenomenologia e no Existencialismo, o que resultou pela escolha da Fenomenologia existencialista como suporte teórico – conceitual ideal para ser utilizado pela geografia.

Esses autores apontaram as dificuldades de se adequar a Fenomenologia à geografia. A proposta de Buttimer por exemplo era de apropriar-se apenas do espírito da Fenomenologia, que poderia ser resumido no conceito de “Lebenswelt”, ou seja, o mundo vivido, “deixando-se de lado o próprio método fenomenológico. A filosofia poderia ajudar apenas no campo conceitual, ao diferenciar o espaço vivido do espaço; e em termos metodológicos, na transcendência ao dualismo entre o objetivo e o subjetivo” (HOLZER, 1998, p. 16-17).

Dada a diversidade do aporte filosófico da Fenomenologia e do Existencialismo em que mergulharam os geógrafos humanistas a partir da década de 1970, a unidade da geografia humanista não poderá ser encontrada a partir das suas bases filosóficas e sim pelos temas que resultam dessa diversidade. Dessa forma,

O ponto de vista fenomenológico, em geografia, permitiu abrir novos campos de pesquisa, suscitando o interesse pelas percepções, representações, atitudes diante do espaço. Além disso, ele tornou possível a utilização de novos

métodos, demandando recursos para interpretação, descrição, introspecção, ou análise das comunicações. Ele fez aparecer, enfim, novos corpos de informações: os “discursos”, as tradições literárias, filosóficas, religiosas, ou ainda as artes plásticas, são consideradas hoje como portadores de saberes e significações geográficas (BESSE, 2014, p. 78).

Dos conceitos da Fenomenologia, foram apropriados principalmente, o de “mundo vivido” e de “ser-no-mundo”, além dos conceitos de intencionalidade e intersubjetividade utilizados principalmente nos trabalhos de Anne Buttmer. Para Holzer (1997) a fenomenologia e a geografia possuem em planos diferentes objetivos convergentes que é estudar a constituição do mundo. Este conceito que na geografia foi recorrentemente substituído pelo de espaço, torna-se importante para nós geógrafos, sob o aporte filosófico da Fenomenologia.

O mundo para o fenomenólogo é o contexto a partir do qual a consciência é revelada. “Não é um mero mundo de fatos e negócios, mas de valores, bens e ações. Está ancorado num passado e direcionado para um futuro; é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal” (BUTTIMER, 1982, p. 172).

A partir da aproximação entre a geografia e a Fenomenologia há uma revalorização do conceito de lugar que por muito tempo ficara esquecido ou reduzido à simples localização espacial. O lugar atualmente constitui-se como uma das ideias/conceitos mais importantes da geografia. Na concepção de Marandola Jr. (2014, p. 14) o lugar transcende em muito a ciência geográfica, permitindo diálogos e conexões com outras áreas do conhecimento como a teoria social, a filosofia, a arquitetura, a literatura, a psicologia, o cinema. Este autor aponta duas causas para o atual interesse de parte dos geógrafos pelo conceito de lugar:

Primeiramente, cabe lembrar que essa ênfase no lugar é muito recente. A geografia, enquanto ciência deu pouca atenção ao lugar no decorrer de sua história. Seu ganho de importância coincide com dois processos: o surgimento de abordagens teóricas que procuravam enfatizar valores humanistas orientados pelas filosofias do espírito, dando atenção à diversidade, à heterogeneidade e à diferença; e o movimento de mundialização que forjou uma oposição entre global-local/mundo-lugar a partir da subjugação do segundo pelo primeiro (MARANDOLA JR., 2014, p. 14).

A partir do conceito de mundo vivido da Fenomenologia o lugar para a geografia passa a ser concebido como um centro de significações para os sujeitos. Holzer (1998) entende que o conteúdo dos lugares é o mesmo conteúdo do “mundo” dos

fenomenólogos pois ambos são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros. É dessa forma que o lugar pode ser considerado “uma das essências básicas para a geografia humanista” (OLIVEIRA, 2014, p. 13).

Os geógrafos humanistas concebem que o lugar se diferencia do espaço geográfico cartesiano, sendo eivado de significados e valores que não se separam da experiência daqueles que o habitam, assim como dos seus pensamentos e sentimentos. Nesse sentido, “o lugar é pleno de significados, condição da própria existência, foco de vinculação emocional para os seres humanos, contexto das nossas ações e fonte da nossa identidade” (RODRIGUES, 2007, p. 23).

É desse ponto de vista, da geografia humanista calcada na Fenomenologia que pretendemos abordar o conceito de lugar em nossa pesquisa, entendendo-o enquanto um suporte existencial, uma trama de significados capaz de gerar e ser suporte para a identidade de indivíduos e grupos sociais. Assim, a partir da narrativa amadiana buscamos neste momento da pesquisa compreender a relação dos sujeitos da região cacauera da Bahia com o seu lugar, com essa porção do espaço que gera riquezas materiais e simbólicas que os fazem afirmar: “eu sou grapiúna” (AMADO, 2001, p. 201) ou “eu sou de Ilhéus” (p. 10), ou ainda, “eu sou da terra do cacau” (p. 154).

3.2 O Lugar da produção de sentidos e da identidade na obra amadiana

Habitamos a terra. Habitar a terra é inerente à nossa existência e nesse habitar construímos lugares a partir da nossa vivência e nos permitimos pertencer e nos identificar com tais lugares. No entendimento de Dardel (2015) o espaço terrestre aparece como a condição de realização de toda realidade histórica, que lhe dá corpo e assinala a cada existente o seu lugar.

É a Terra que, podemos dizer, estabiliza a existência. No ritmo da vida, ela traz o elemento de repouso e de abrandamento que modera sua inquietude e sua tensão. [...] A Terra é, por excelência, para o homem, como destino, a circunstância, aquilo que se ergue à sua volta e mantém sua presença como engajamento do Ser (DARDEL, 2015, p. 43).

É da natureza humana ser de algum lugar, essa condição é parte da nossa existência e é nos lugares que a vida acontece e construímos nossa experiência de mundo.

A narrativa de Jorge Amado em *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus* é rica em demonstrar, do ponto de vista da ficção, as vivências dos homens e mulheres da

região cacauera e sua relação com o lugar, desvelando suas geografias íntimas do mundo cotidiano.

Mas de que forma Jorge Amado revela-nos a relação entre os sujeitos da região cacauera com o seu lugar? De que forma o lugar se apresenta enquanto fonte de significados capaz gerar e sustentar os sentimentos de pertencimento e identidade?

Ao perscrutar os romances supracitados, percebemos que o autor utiliza basicamente três maneiras para retratar essa relação sujeito-lugar e a identidade: a relação com a fazenda de cacau, perpassando pela ideia de casa no sentido bachelardiano; o amarelo das roças de cacau enquanto um símbolo percebido/reconhecido apenas pelos grapiúnas, ou seja, os sujeitos do lugar; por fim, o uso da metáfora do visgo do cacau, simbolizando a forte ligação do povo com o lugar. Neste subcapítulo trabalharemos com as duas primeiras ideias e posteriormente, no último subcapítulo, com a metáfora do visgo do cacau relacionando-a a identidade grapiúna, a identidade da região cacauera da Bahia.

Já dissemos anteriormente que toda a ideia de identidade com o lugar na obra amadiana perpassa pelo cacau. É ele que liga os sujeitos ao seu lugar, suscita sonhos, devaneios, aspirações, *topofilia* e *topofobia*, já que “à medida que o homem intensifica as experiências vividas nos lugares, ativam-se os sentimentos de pertença e afetividade, bem como os seus pares antagônicos, o estranhamento e a rejeição” (GONÇALVES, 2010, p. 24-25).

A partir da leitura de A poética do espaço de Bachelard (1993) que propõe que os espaços e lugares se expandem a diferentes níveis de representação, percebemos que Jorge Amado trabalha a fazenda de cacau enquanto casa, a concha protetora, abrigo da existência e como um mundo inteiro que se condensa a partir das experiências ali vividas.

Bachelard (1993) afirma que “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo” (p. 24).

A partir da fazenda do coronel Horácio¹⁷, Jorge Amado evidencia essa relação cósmica da casa enquanto lugar e mundo. Estamos utilizando aqui a noção fenomenológica de mundo, entendendo que cada pessoa constrói e estrutura seu próprio mundo a partir da relação intersubjetiva com os objetos e com os outros sujeitos, e não a noção de oposição mundo-lugar frequentemente utilizada na visão positivista e mesmo marxista em geografia. Dessa forma, podemos dizer que Jorge Amado ao trabalhar a fazenda de cacau enquanto ideia de casa/lar que condensa as experiências de mundo, permite-nos esboçar a ideia de lugar-mundo. Ou seja, a fazenda-casa-lar-lugar condensa todo um mundo experiencial. Com efeito, “a vida vivida intensamente num lugar atribui ao espaço uma parte substancial da humanidade que o homem carrega consigo. E a trama de lugares tecida pelos seres humanos nesse espaço, confunde-se com a qualidade múltipla de seus modos de viver o/no mundo” (GONÇALVES, 2010, p. 65).

Marandola Jr. (2014) pensando ontologicamente a casa natal nos moldes de Bachelard, afirma que ela, no sentido de lar, está no centro da terra natal, o lugar de onde somos. O lugar é essencial para a segurança ontológica do ser. Assim,

É nesse lugar que estão fundadas a memória coletiva, a identidade e os laços compartilhados que nos mantêm ligados ao mundo. É para lá que temos de recorrer quando precisamos de uma normalidade livre das relações puras. Podemos fugir de lá, procurar reconstruir nossa autoidentidade, procurar outros caminhos, mas a casa natal continuará lá nos servindo de referência para o ser e para o não-ser (MARANDOLA JR., 2014, p. 242).

Os seres humanos não apenas vivenciam, mas criam, organizam e ordenam o seu mundo. A fazenda do coronel Horácio apresenta-se como seu universo íntimo. Toda a imensidão daquele “mar amarelo” de cacauzeiros é a janela que o permite ver o mundo. E o seu mundo está fortemente constituído pelo cacau. A fazenda enquanto lar/lugar é o espaço da intimidade e do acolhimento e é também todo um mundo, pois “a imensidão é uma dimensão íntima” (BACHELARD, 1993, p. 20).

O lugar-mundo do coronel Horácio compreende os limites da sua fazenda. Principalmente na sua velhice (momento em que Jorge Amado apresenta-nos a relação forte desse personagem com a fazenda) praticamente nada mais o liga ao mundo

¹⁷ Em sua narrativa sobre a região cacauzeira, Jorge Amado traz vários exemplos da forte relação das pessoas com as fazendas de cacau, porém, a experiência melhor descrita e condensada, trabalhada com maiores detalhes é a fazenda do coronel Horácio. Este personagem é um dos personagens centrais dos dois romances analisados. Ele, foi o vencedor da luta pela mata do Sequeiro Grande, tema central do romance Terras do Sem Fim. Dessa forma, vamos utilizar a experiência deste personagem como exemplo, porém, entendemos que cada ser humano possui sua experiência própria de mundo.

exterior a esses limites. A fazenda lhe basta, é o seu canto no mundo. *“Seu mundo tinha os limites das suas fazendas [...] e era um mundo belo... Para o coronel Horácio da Silveira era o mais belo dos mundos: o das roças de cacau”* (AMADO, 2010, p. 260, grifo nosso).

A fazenda enquanto lugar/lar é o acúmulo das vivências e experiências de toda a vida do coronel. É o palco do acontecer cotidiano, testemunha das lutas passadas pela posse de terras, a lida diária no trato com o cacau. Todo um passado se faz presente na materialidade e simbolismo desse lugar.

Relph (2014, p. 24; 29) entende que o lar é onde as nossas raízes são mais profundas e mais fortes, é onde se conhece e se é conhecido pelos outros, o onde se pertence. O lar se constitui no sentido de ser foco de intensas experiências. Lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo. “O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo”.

Tuan (1983) escreve sobre a relação entre tempo e lugar. Para o autor,

O homem moderno se movimenta tanto, que não tem tempo de criar raízes; sua experiência e apreciação de lugar é superficial [...]. O conhecimento abstrato sobre um lugar pode ser adquirido em pouco tempo se se é diligente. A qualidade visual de um meio ambiente é rapidamente registrada se você é um artista. Mas “sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar [...]. Com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais o consideramos conhecido (TUAN, 1983, p. 203).

É de fundamental importância a noção de passagem do tempo na experiência e compreensão do lugar. Na falta da memória, do acúmulo de tempo o lugar não se realiza em plenitude.

Os lugares são criações humanas. Nós habitamos os lugares e depois de um tempo os lugares habitam também em nós, fazem parte de nós. Todos nós temos o nosso lugar ou lugares que nos afeta/afetam. Assim, o par homem/lugar se completa, um não existe sem o outro, é uma relação de mútua afetividade. Para Dardel (2015, p. 41), podemos mudar de lugar mas é ainda a procura de um lugar, pois “nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um *aqui* de onde se descobre o mundo, um *lá* para onde nós iremos” (grifos no original).

Na perspectiva de Jorge Amado, a fazenda é, para o coronel Horácio, esse *aqui* de onde ele descobre o mundo. Na fazenda se acumulam as suas experiências de vida. Mas, nesta mesma perspectiva, não há um *lá* para onde o coronel deseje ir. Ali é o seu mundo e embora esteja “sozinho” naquela imensidão, é a sua imensidão íntima, sua concha protetora, seu lugar.

Há quem lamente nas cidades de Ilhéus e de Itabuna que o coronel Horácio da Silveira [...] viva solitário na sua fazenda. Têm pena, mas acham justo que ele esteja sozinho e abandonado, sofrendo. Horácio sabe o que dizem, como sabia, há trinta anos, das histórias que contavam nas sacristias e nos cabarés. Mas sabe também que não está sozinho. Está com seus cacaqueiros, suas roças, os animais que nelas vivem, até com as cobras e as onças que restaram. Está no meio do seu mundo, é um pedaço dele, não está sozinho e triste. Se estivesse na maior cidade do mundo, de milhares de lâmpadas elétricas, com ruídos de música e mulheres belas, com amigos e conforto, o coronel estaria sozinho e triste porque estaria longe das roças de cacau (AMADO, 2010, p. 154, grifo nosso).

Construímos o nosso mundo, os nossos lugares a partir das relações que estabelecemos com os objetos e as pessoas, ou seja, numa relação intersubjetiva, pois cada pessoa estrutura o mundo a partir de sua vivência pessoal e, neste sentido, “cada imagem e ideia sobre o mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória” (LOWENTHAL, 1982, p. 141).

O mundo do coronel Horácio não é um mundo representacional. É um mundo vivido em toda a sua dinâmica, um mundo de cores, sabores e dissabores, alegrias e dores. Experimentado pelos sentidos.

A este respeito, dialogando com Yi-Fu Tuan, Livia de Oliveira (2014) afirma que a familiaridade com determinada porção do espaço, pela experiência, faz torna-la lugar. Pois,

Espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia. Não há necessidade de fazer um esforço consciente para estruturar nosso espaço, uma vez que esse espaço em que nos movemos e nos locomovemos, integrante de nossa vida diária, é de fato o nosso lugar. Conhecemos o nosso lugar; cada um tem seu lugar. Assim sendo, onde vivemos, nossa residência, nosso bairro inteiro, se tornam um lugar para nós. [...] A valorização do lugar provém de sua concretude; embora seja passível de ser engendrado ou conduzido de um lado para o outro, é um objeto no qual se pode habitar e desenvolver sentimentos e emoções. Tal realidade concreta

é atingida por meio de todos os nossos sentidos, com todas as nossas experiências, tanto mediante a imaginação quanto simbolicamente (OLIVEIRA, 2014, p. 11-12).

A fazenda é, pois, o lugar que acumula as experiências do coronel. É sua fonte de significados enquanto habitante da Terra e que permite que se sobressaia a sua realidade geográfica, que é, no dizer de Dardel (2015, p. 34), o lugar onde o homem está, “os lugares de sua infância, *o ambiente que atrai sua presença*” (grifo nosso). É lá, cercado pelas belas paisagens das roças de cacau que ele faz do seu espaço de vivência o seu lugar e esse lugar em sua materialidade e simbolismo reforça sua identidade de homem grapiúna.

Em seu livro *Espaço e Lugar*, Tuan (1983, p. 10) expõe sobre as diferentes experiências que os seres humanos estabelecem com o espaço e o lugar. Para o autor, a experiência implica a capacidade de aprender com a própria vivência. Dessa forma, experienciar é aprender; “significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”. O autor destaca o papel dos sentidos como meios de experienciar o espaço destacando a visão e o tato, porém lembra da importância de todos os sentidos nesta tarefa experiencial.

O coronel Horácio na sua velhice já não dispõe do sentido da visão o que não o impede de ter experiências profundas com o seu lugar-mundo. Outros sentidos o auxiliam na percepção do seu mundo vivido.

Os olhos do coronel Horácio da Silveira eram uma confusa neblina. Mas a chuva ele a sentia no rosto, boa como uma carícia, não precisava vê-la. Ia um silêncio pelas roças, cortado apenas pelo rumor da chuva e as quedas das folhas secas. Bem diante da janela do quarto do coronel se estendia uma roça de cacau. O vento corria entre as folhas, o coronel percebia e distinguia, um a um, todos os rumores, por mais vagos que fossem, que cortavam o silêncio da noite. Ele ouve, percebe, sente e conhece cada ruído das roças onde a chuva cai. Estava satisfeito como um gato a quem se acaricia (AMADO, 2010, p. 154-155).

Com o auxílio de outros sentidos, na falta da visão, e com a experiência de quem é do lugar, de quem o vivencia cotidianamente, o coronel enxerga com os olhos da mente. O seu espaço vivido lhe é familiar, seus atributos são facilmente percebidos e reconhecidos.

Tuan (1983, p. 14) lembra-nos que os sentidos do paladar, olfato e audição e a sensibilidade da pele não podem individualmente nos tornar cientes de um mundo exterior habitado por objetos. Mas, em combinação com os sentidos espacializantes da visão e tato, estes sentidos enriquecem muito nossa apreensão do caráter espacial do mundo. Na falta da visão, o coronel capta as sensações do seu lugar-mundo sustentado pelos outros sentidos. No fragmento a seguir, Jorge Amado destaca o papel do tato na experiência espacial do coronel Horácio:

*Suas mãos ressequidas, as suas enormes mãos de antigamente, eram só osso e pele, e ele as aproximava dos olhos mais que baços procurando enxergá-las, como procurava inutilmente enxergar a visão bem-amada das roças florescendo, os frutos de ouro pendurados dos galhos. Não enxergava mais, nem mesmo quando apoiado no braço do negro Roque, andava entre as árvores das roças mais próximas. **Eram as mãos, as velhas mãos ressequidas, que lhe serviam de olhos, apalpando os cocos de cacau nos troncos e galhos:***

- Tá bom de colher...

O negro Roque apoiava:

- Inhô, sim...

Eram as terras do Sequeiro Grande, as melhores terras do mundo para o plantio do cacau. O coronel pisava na terra negra, as mãos tateando as árvores [...]. Trazia na volta desses passeios, cada vez mais raros, um coco de cacau de vez e ficava com ele na mão um tempo perdido [...]. Olhava para a frente, era uma névoa. Mas ele sabia que aquela névoa estava apenas nos seus olhos, que ali ficavam as roças plantadas de cacaueiros, roças que ele plantara. E isso lhe bastava na igualdade da sua vida, no seu fim de vida (AMADO, 2010, p. 260, grifo nosso).

A maioria das pessoas e dos grupos sociais possuem uma ideia de um mundo após a morte. Uma vida no além, um lugar para onde ir após a breve passagem neste mundo. Para Tuan (1980), nas diferentes crenças em que as pessoas possuem essa ideia de um lugar para habitar após a morte os móveis desse lugar são bem parecidos aos daqui da Terra. Eles variam de acordo com a geografia local, porém, em todos os casos, os aspectos desagradáveis e constrangedores do meio ambiente estão ausentes. Na narrativa de *São Jorge dos Ilhéus* percebemos essa ideia no excerto a seguir: “[...] Mas se alguém lhe perguntasse, de surpresa, como devia ser o céu, ele responderia certamente que só podia ser uma roça de cacau eternamente carregada de frutos

amarelos, doirando as sombras onde o sol não penetra...” (AMADO, 2010, p. 260, grifo nosso).

Onde o sol não penetra o dourado do cacau faz papel de sol, ou seja, assim como no lugar terrestre o cacau assume a centralidade para os sujeitos da região cacaueira, assim também o é no lugar celeste.

O lugar do coronel Horácio, assim como o de todos nós, carrega em si a ideia da casa, do lar, pois “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” como afirma Bachelard (1993, p. 24). O cacau é central na produção de sentidos afetivos para o coronel assim como para todos os habitantes da região cacaueira, de acordo com as obras de Jorge Amado que estamos estudando. É ele que dinamiza a região no sentido material e simbólico e situa os sujeitos no mundo, ou seja, situa-os nesse “campo de relações estruturado a partir da polaridade entre o eu e o outro”; nesse “reino onde a história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e a nós mesmos” (HOLZER, 2014, p. 295).

Partindo para uma perspectiva mais ampla a respeito da relação entre lugar e identidade tendo o cacau como produtor de sentidos espaciais e identitários, Jorge Amado utiliza a paisagem das roças de cacau e o seu colorido como expressão identitária reconhecível apenas pelos grapiúnas, ou seja, os sujeitos do lugar. O autor lança mão do “amarelo das roças de cacau” enquanto um símbolo que somente o grapiúna é capaz de ver/perceber/reconhecer e a partir dele (mas não apenas dele), reconhecer-se enquanto pertencente ao lugar. Dessa forma, o lugar possui identidade e ao mesmo tempo é gerador de identidade.

Em Topofilia, Tuan (1980, p. 7-12) afirma que dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos outros sentidos para progredir no mundo. Para o autor, o homem é um animal predominantemente visual, embora reconheça que um ser humano percebe o mundo através de todos os seus sentidos. Retomamos essa ideia dos sentidos na percepção do mundo pois percebemos que na narrativa amadiana lançar o olhar não basta para ver/perceber o lugar. Para realmente ver é preciso experienciar e a partir da experiência reconhecer os símbolos característicos desse lugar, pois, “cada cultura possui seus próprios símbolos de intimidade, amplamente reconhecidos pelas pessoas” (TUAN, 1983, p. 163).

É dessa forma que Jorge Amado afirma que que somente os grapiúnas conseguem ver/perceber todas as tonalidades de amarelos presentes nas roças de cacau, o que não quer dizer, entretanto, que todos os grapiúnas percebam igualmente uma roça de cacau e o seu colorido, pois “cada um de nós desvia o mundo a seu próprio modo e contempla as paisagens com suas imagens particulares” (LOWENTHAL, 1982, p. 135).

A sombra das roças é macia e doce, é como uma carícia. Os cacauzeiros se fecham em folhas grandes que o sol amarelece. Os galhos se procuram e se abraçam no ar, parecem uma única árvore subindo e descendo o morro, a sombra de topázio se sucedendo por centenas e centenas de metros. Tudo nas roças de cacau é em tonalidades amarelas, onde, por vezes, o verde rebenta violento. De um amarelo alourado são as minúsculas formigas pixixicas que cobrem as folhas dos cacauzeiros e destroem a praga que ameaça o fruto. De um amarelo desmaiado se vestem as flores e as folhas novas que o sol pontilha de amarelo queimado. Amarelos são os frutos precoces que pecaram ao calor demasiado. Os frutos maduros lembram lâmpadas de oiro de catedrais antigas, fulgem com um brilho resplandecente aos raios do sol, que penetram a sombra das roças. Uma cobra amarela – uma papa-pinto – acalenta o sol na picada aberta pelos pés dos lavradores. E até a terra, barro que o verão transformou em poeira, tem um vago tom amarelo, que se prende e colore as pernas nuas dos negros e dos mulatos que trabalham na poda dos cacauzeiros.

*Dos cocos maduros se derrama uma luz doirada e incerta que ilumina suavemente pequenos ângulos das roças. O sol que se filtra através das folhas desenha no ar colunas amareladas de poeira, que sobem para os galhos e se perdem além, por cima das folhas mais altas. Os juparás, macacos plantadores de cacau, pulam de galho em galho, numa algazarra sujando o oiro dos cacauzeiros com o seu amarelo fosco e sujo. [...] Caem gotas de sol através dos cacauzeiros. Vão rebentar em raios no chão, quando batem nas poças de água lhe dão um colorido de rosa-chá. Como se houvesse uma chuva de topázio caindo do céu, virando pétalas de rosa-chá no chão de poeira ardente. Há todos os tons de amarelos na tranquilidade da manhã nas roças de cacau. E, quando ocorre uma leve brisa, todo aquele mar de amarelo se balança, as tonalidades se confundem, **criam um amarelo novo, o amarelo das roças de cacau, ah! o mais belo do mundo!, um amarelo como só os grapiúnas veem nos dias de verão do paradeiro. Não há palavras para descrevê-lo, não há imagem para compará-lo, um***

amarelo sem comparação, o amarelo das roças de cacau! (AMADO, 2010, p. 120-121, grifo nosso).

O amarelo das roças de cacau aqui descrito carrega em si uma tonalidade de poética espacial, pois, o romancista está falando também do seu espaço de intimidade já que nasceu e viveu parte da sua infância numa fazenda de cacau. A poética amadiana conflui para uma sedução do lugar. O espaço da intimidade gera uma linguagem também íntima e intimista, sugere uma afeição pelo lugar, topofilia. A paisagem se mostra para nós leitores em toda a sua força poética, como se nos convidasse a conhecê-la, a vivenciá-la em toda a sua beleza e simbolismo.

O perceber/reconhecer o amarelo de uma roça de cacau sugere intimidade com o lugar. É preciso ter construído uma relação muito forte que ultrapassa o contato superficial. Qualquer pessoa dotada do sentido da visão poderia “ver” os diferentes tons de amarelo de uma roça de cacau mas sem a intimidade com o lugar, essa pessoa seria incapaz de perceber no todo, esse novo tom amarelo que surge da imbricação de todos os outros, esse amarelo novo e sem comparação. É preciso uma percepção que transcenda a cor em si e vá buscar no significado de uma roça de cacau o essencial desta visão.

Toda essa percepção denota intimidade que somente um grapiúna possui. É o olhar de dentro, olhar do *insider*, daquele que está em casa, que conhece e atribui valor simbólico, pois, o olhar não é apenas o exercício de um sentido ele é também produção de sentidos (significados, valores, identidade). Nesse momento da narrativa o amarelo aparece como um código cultural e a força poética empreendida denota simbolismo.

No entendimento de Le Bossé (2004, p. 157) o lugar se constitui em baluarte fundamental da identidade cultural, não apenas pelo sentido naturalista, mas pelo vínculo fenomenológico que ancora aquilo que Dardel chamou de geograficidade. Os lugares desempenham papel fundamental na formação de consciências individuais e coletivas.

Trabalhando com a identidade cultural na pós-modernidade, Stuart Hall (2011, p. 72) também apresenta o lugar enquanto base substancial para a identidade. Para este autor, todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. “Elas possuem suas ‘paisagens’ características, seu senso de ‘lugar’, de ‘casa/lar’, bem como

suas localizações no tempo”. Ou seja, o lugar é fonte de significados imprescindível para a configuração da identidade dos sujeitos membros da comunidade.

O lugar é onde temos as nossas raízes embora isso não queira dizer que ele necessite sempre ser delimitado, enclausurado. O lugar enquanto lar, fundamento da nossa existência nos acompanha mesmo quando mudamos, pois levamos conosco o nosso lugar que somado a outros lugares permite-nos compor a nossa “geobiografia” em função dos nossos espaços vividos que são ancoradouros também da nossa identidade.

Estou em Barreiras-BA escrevendo esta Dissertação sobre a região cacaeira onde nasci e vivi quase toda a minha vida. Os laços de pertencimento e identidade com esse lugar são ainda muito fortes e sinto que é enquanto grapiúna que me abro para o mundo, que me percebo enquanto ser/estar no mundo. É lá o foco das minhas intensas experiências de vida, o que não quer dizer que não possa construir novas experiências em outros lugares, pois, “lugar refere-se à particularidade e à conectividade com a qual sempre experienciamos o mundo. Às vezes é rico, as vezes é fraco, mas é uma inescapável parte do ser” (RELPH, 2014, p. 29).

É, pois, a partir dos meus laços de pertencimento com a região cacaeira que posso experienciar o mundo. E, é também a partir da obra amadiana que esses laços com o meu lugar podem se intensificar, e eu me reconheço e me reafirmo enquanto grapiúna. É a partir da sua literatura que também posso “ver” essa região ao qual pertenço ser formada pois sempre que entro numa roça de cacau eu vejo aqueles homens que adentraram a mata e plantaram cacau. Eu “vejo” os “Horácios” e os “Badarós” semeando uma civilização, a civilização grapiúna. “Vejo” também os trabalhadores das roças, “ouço” seus cantos de lamento... O visgo preso aos pés... O visgo preso à minha alma. Estamos nós ligados pelo cacau.

3.2.1 Lugar, memória e identidade

Podemos pensar também na relação entre memória, lugar e identidade já que para nós o lugar enquanto casa/lar é um acúmulo de experiências e as mais significativas estarão presentes em nossa memória, é parte de nós, da nossa identidade.

Bachelard (1993) afirma que é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa é um pouco mais complexa, se possui porão e

sótão, cantos e corredores, nossas lembranças possuem refúgios cada vez mais bem caracterizados, e,

Voltamos a eles durante toda a vida em nossos devaneios. [...] As vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços de estabilidade do ser. [...] Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso (BACHELARD, 1993, p. 26).

O espaço guarda o tempo e nesse sentido, o lugar, é, portanto, espaço de estabilidade do ser, onde nossa condição terrestre se realiza como afirma também Dardel (2015), e é também suporte para o acúmulo de nossas experiências enquanto seres humanos, e nele podemos acessar nossas memórias, pois, “as lembranças são imóveis e tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas” (BACHELARD, 1993, p. 27).

Trabalhando a relação entre memória, lugar e identidade, Marandola Jr. (2014) afirma que o tempo é vivido como memória e por essa razão memória e identidade adensam o lugar. Para o autor, a memória é a experiência vivida que lhe fornece significado, definindo-o enquanto tal.

Argumentando sobre a relação entre memória e identidade Candau (2016) afirma que existem laços fundamentais entre memória e identidade. A memória é anterior à identidade e é fonte de sua alimentação. Assim, “é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade” (p. 16).

Na narrativa amadiana uma forma de manter a memória coletiva por exemplo é a manutenção de eventos importantes contando-os de geração a geração, sempre referindo-se ao espaço. A memória de fatos importantes guardada pela coletividade adensam também o sentimento de pertencimento ao lugar, os sujeitos sentem-se parte dele e de sua história.

Como exemplo, Jorge Amado traz a narração do conflito pela mata do Sequeiro Grande, conflito em torno do qual gira todo o enredo do romance como vimos no capítulo 2.

Na construção da memória coletiva daquele lugar, o conflito se impõe, pois ficou vivendo através dos anos, as suas histórias passando de boca em boca, relatadas pelos

pais aos filhos, pelos mais velhos aos mais jovens dada a sua importância na vida da região.

Na narrativa amadiana é destacado o papel da cultura popular na construção e manutenção da memória coletiva. Amado traz para o romance *Terras do Sem Fim* a importância do cegos violeiros a recontarem os fatos da luta nas feiras livres dos povoados da região do cacau. Os fatos narrados pelos cegos violeiros tornam-se parte da experiência daquele povo (BENJAMIN, 1985, p. 114) e irão viver na memória e no imaginário social da região.

Os cegos são os poetas e os cronistas dessas terras. Pela sua voz esmoler, nas cordas das suas violas, perdura a tradição das histórias do cacau. A multidão das feiras, os homens que vêm para vender sua farinha, seu milho, suas bananas e laranjas, os homens que vêm para comprar, se reúnem em torno aos cegos para ouvirem as histórias do tempo do começo do cacau, quando era também o começo do século.

[...] Homens se acocoram no chão, o rosto sorridente, outros se apoiam nos bordões, os ouvidos atentos à narração do cego. A viola acompanha os versos, surgem diante dos homens aqueles outros homens que abriram a floresta no passado, que a derrubaram, que mataram e morreram, que plantaram cacau. [...] Antes aqui era a mata, fechada no seu mistério, hoje são roças de cacau, abertas no amarelo dos frutos parecendo de ouro. Os cegos cantam, são histórias de espantar:

Eu vou contar uma história,

Uma história de espantar. (AMADO, 2001, p. 230-231).

Para Halbwachs (2006) as narrativas de membros dos grupos sobre um fato ocorrido são importantes para a manutenção da memória coletiva. Para este autor, quando a memória de uma sequência de acontecimentos não possui mais o grupo enquanto suporte, o único meio de preservar essas lembranças é fixa-los por escrito em uma narrativa, pois “os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem” (HALBWACHS, 2006, p. 101). As narrativas e a escrita, formam um tecido memorial coletivo que irá alimentar o sentimento de identidade (CANDAU, 2016, p. 77).

Hoje, na ausência dos cegos violeiros nas feiras livres da região do cacau, podemos acessar esse passado também pela via da literatura. Optamos para este trabalho a literatura de Jorge Amado, um dos filhos ilustres da região, e, a partir da sua narrativa

podemos ver surgirem diante de nós, na nossa imaginação, as imagens daqueles homens que no passado adentraram a mata, que mataram e morreram plantando cacau, que construíram um mundo, o mundo do cacau.

Muitos são os poetas, romancistas, contistas que se debruçaram sobre esse tema. Muitos ainda se debruçam mesmo em uma época em que a cacaucultura está em baixa, vitimada pela doença da “Vassoura de Bruxa”, demonstrando a força do cacau no imaginário social da região. Isso permite-nos falar de uma literatura do cacau ainda nos dias de hoje. Um exemplo entre tantos outros que poderíamos citar é Euclides Neto, romancista e contista das terras do cacau. No conto “O tempo é chegado” ele percorre os caminhos do cacau no transcorrer do tempo, fornecendo-nos a sua ideia do percurso do cacau no sul da Bahia:

Antes, os índios, nas liberdades da criação. [...] Cacau chegando. Floração. Safras ainda de quilos. Suor dos homens escorrendo nos eitos. [...] Cruz nas encruzilhadas, testemunhando a despedida também dos que iniciaram a luta para tomar o trabalho do outro. A natureza sempre lutando contra o inimigo cruel, vingando-se com as forças telúricas, impiedosamente. Com a terra mais domesticada pela valentia dos primeiros, os bodegueiros bateram palmas de chegada. [...] Gerações deles trocando charque, barricas de bacalhau, bulgariana, pólvora, chumbo pelos pés de cacau que começavam a safrejar. Daí nasceram os fazendeiros cerzindo as roças umas nas outras (EUCLIDES NETO, 2013, p. 17).

A escrita pode ser considerada uma auxiliar da memória como aponta Candau (2016). A escrita pode, ao mesmo tempo, reforçar o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma cultura e reforçar a metamemória¹⁸. Dessa forma, “o escritor local, aquele que tem o poder de registrar os traços do passado, oferece ao grupo a possibilidade de reapropriar-se desse passado através dos traços transcritos” (CANDAU, 2016, p. 109).

É nesse sentido que entendemos aqui a literatura também enquanto geradora e guardadora de memória e por conseguinte, geradora de identidade. A narrativa amadiana, constitui-se assim, em uma metamemória, pois, revela-nos de forma ficcional, elementos pertencentes ao passado da região cacaueira, os códigos simbólicos que ligam os sujeitos ao lugar e ao mesmo tempo faz com que, no tempo presente, nós os grapiúnas, possamos acessar um passado que de certa forma, diz um pouco (ou muito!) de quem somos.

¹⁸ “A metamemória, é por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao ‘modo de afiliação de um indivíduo a seu passado’ e igualmente a construção explícita da identidade” (CANDAU, 2016, p. 23).

3.3 A região cultural e a identidade das TERRAS DO SEM FIM de Jorge Amado.

O conceito de região enquanto categoria de análise do espaço geográfico permite-nos apontar as similaridades espaciais ao mesmo tempo que permite evidenciar as diferenças, permitindo assim os recortes regionais que apresentam diferentes formas de organização espacial.

O conceito de região reflete as relações sociedade-natureza visto que cada comunidade social faz uso do espaço de acordo com suas necessidades e as técnicas disponíveis em cada período histórico. O espaço é, assim, apropriado e apreendido de formas diferenciadas por cada sociedade que dele faz uso.

Considerando o homem enquanto um ser portador de cultura, podemos assinalar que sua relação com a natureza se faz mediante diferentes códigos culturais¹⁹, transformando os espaços e imprimindo suas marcas nas paisagens. Assim, para fins deste trabalho, pretendemos abordar a região cacaueira da Bahia a partir da noção de região cultural, enfatizando-a enquanto geradora e mantenedora de identidade.

No entendimento de Corrêa (2008), as regiões culturais são áreas habitadas por comunidades humanas caracterizadas por culturas específicas. Elas podem ser identificadas com base na combinação de traços culturais, materiais e não-materiais que tendem a originar uma paisagem cultural. As regiões culturais são áreas apropriadas, vivenciadas e por vezes disputadas. Essas regiões costumam apresentar diversos geossímbolos, fixos, que, por serem dotados de significados identitários fortalecem a identidade dos grupos que nelas habitam. O autor ressalta que a importância das regiões culturais não está na identificação e descrição de diferenças regionais como um fim em si mesmo, mas “como um meio para a compreensão da diferenciada e desigual ação humana no espaço e no tempo” (p. 12).

¹⁹ “Os códigos constituem-se na simbologia responsável pela visibilidade da cultura e, também, pela sua transmissão. Encontram-se impressos nas diferentes paisagens, através do estilo das casas, vestuário típico, arte, gastronomia, música, religiosidade e festividades. Além desses, existem outros códigos que, embora não sejam visíveis, também são responsáveis pela materialização da cultura no espaço, como aportes culturais, com destaque para os valores, ideologias e convenções. Neste processo de codificação cultural, salienta-se a comunicação, oral e escrita, como um dos códigos essenciais para transmissão e projeção da cultura no tempo e no espaço” (BRUM NETO, 2007).

A concepção de Bezzi (2002) sobre as regiões culturais também se reporta às marcas culturais que determinados grupos sociais imprimem na paisagem no decorrer do tempo histórico, conferindo-lhe identidade. A região é enfocada a partir de processos simbólicos inerentes à cultura, a qual materializa no espaço as suas formas características, originando recortes espaciais com conotação cultural ou seja, as regiões culturais. Assim, a autora entende a região cultural como,

Um conjunto de relacionamentos culturais entre um grupo e um determinado lugar. A região é uma apropriação simbólica de uma porção do espaço por um determinado grupo, o qual também é um elemento constitutivo da identidade regional. A região sob enfoque da identidade regional, passa a ser entendida como um produto real, é concreta, existe. Ela é apropriada e vivida por seus habitantes, diferenciando-se das demais, principalmente pela identidade que lhe confere o grupo social (BEZZI, 2002, p. 17).

Concordando com as afirmações dos autores supracitados, estamos entendendo a região cacaueira da Bahia como uma região cultural, entendendo que em função do cultivo do cacau, a região sul-baiana foi sendo paulatinamente povoada por diferentes tipos sociais que trouxeram de onde vieram suas experiências, suas técnicas, seus dramas, seus hábitos, valores e costumes e se mesclaram formando a região cacaueira da Bahia. A partir do cultivo do cacau, cria-se uma cultura do cacau, ou aquilo que Adonias Filho e Jorge Amado costumaram chamar de “civilização do cacau”, ou seja, o valor econômico é extrapolado na medida em que o cacau torna-se um centro de valores e de sentimentos de pertença.

Essas mesclas culturais foram capazes de fornecer a essa região um perfil próprio e singularizá-la de tal forma que criou uma identidade regional, a identidade grapiúna. Para Oliveira (2013) a formação sociocultural da região cacaueira da Bahia pode ser classificada como uma formação híbrida, pois ela se originou a partir de estruturas socioculturais que antes existiam separadas, e se combinaram, formando uma nova estrutura sociocultural que é a “civilização grapiúna” (p. 35). Com isso, não queremos afirmar, entretanto, que antes do plantio do cacau o sul da Bahia se constituía em um vazio demográfico, sem nenhuma relação identitária, queremos afirmar que a configuração socioespacial e cultural denominada e reconhecida como região cacaueira da Bahia somente foi possível com a cultura do cacau.

Baseado em Norton (2000), Roberto Lobato Corrêa (2008) distingue três tipos de regiões culturais: regiões formais, funcionais e regiões vernaculares. Para Corrêa (2008) a região vernacular constitui-se em tipo de interesse específico da geografia

cultural, pois nela, diversos traços culturais são combinados. A região vernacular pode ser entendida como produto da percepção espacial dos habitantes da região e também fora dela, apresentando nítida identidade reconhecida pelo nome.

Em trabalho de 1952, Manuel Diégues Jr. aponta a região cacaueira da Bahia como uma das 12 regiões culturais mapeadas por ele. O estudo foi baseado no processo de ocupação humana, articulando-se aspectos do meio físico e da atividade econômica predominante. As regiões apresentavam “tipos humanos característicos, condições sociais específicas e situação representativa da atividade implantada” (DIÉGUES JR, 1977, apud CORRÊA, 2008, p. 31).

A região cacaueira da Bahia enfocada enquanto uma região cultural permite-nos identificar traços culturais característicos, ou seja, os códigos culturais originados e praticados por grupos sociais no início do século XX, de acordo com a narrativa ficcional de Jorge Amado, sobressaindo-se também os laços identitários do povo com a região.

Os grupos sociais constroem o espaço regional mediante seus valores e anseios, a partir dos quais se identificam o que permite desenvolver um sentimento de apego/pertença à sua base espacial, um sentimento de pertencimento, de vínculo ao espaço de vivência. Isso significa pertencer àquilo que os pertence. Assim, o espaço não é apenas o provedor de bens materiais necessários à sobrevivência, fornece-lhes também as bases simbólicas que são indispensáveis à existência enquanto seres humanos.

Assim, concordamos com Tuan (1980) para quem a cultura como mediadora entre o homem (enquanto ser produtor e consumidor de cultura) e o espaço, tem o poder de transformar a região em lugar através do meio simbólico da qual é portadora. Tomar a região enquanto lugar não se trata de uma confusão de conceitos mas de entender a geografia como o estudo da Terra como morada do homem no dizer do próprio Tuan. A região cacaueira neste trabalho é vista como espaço vivido, lugar da realização da vida dos grapiúnas.

Nesta linha de pensamento, o espaço regional passa a ser fonte de significados para o grupo social, através da materialização da sua identidade, mediado pelos códigos culturais visíveis e não visíveis, mas que são responsáveis pela caracterização da região. Parte-se então da premissa “que o homem, como agente reorganizador do espaço,

transforma a natureza de acordo com suas necessidades, imprimindo-lhe as características marcantes da sua cultura” e dessa forma, “tem-se então, uma configuração regional, onde um grupo social confere à sua base espacial a identidade, que irá diferenciá-la das demais” (BEZZI; BRUM NETO, 2009, p. 19).

No que concerne à identidade de um grupo social, Castells (1999) a entende como fonte de significado e experiência de um povo. Para ele, a identidade é “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado” (p. 22). Nesse sentido, para o autor, as identidades são fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação. Mesmo quando as identidades são construídas por instituições dominantes, é preciso que os atores as internalizem, construindo assim seu significado a partir dessa internalização.

No tocante à construção da identidade, Castells (1999) afirma que toda identidade é construída. Para ele, a principal questão diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê as identidades são construídas. Nesse processo de construção de identidades os grupos sociais valem-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas, pela memória coletiva. Entretanto, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que “reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço” (CASTELLS, 1999, p. 23).

Em Da Matta (2000) também encontramos essa noção de que cada sociedade ou grupo social se organiza de forma diferente, e diferente também é o modo como organizam a economia, as instituições sociais, a cultura, construindo, assim, suas identidades. Dessa forma, ele afirma que

Tanto os homens como as sociedades se definem por seus estilos, seus modos de fazer as coisas. Se a condição humana determina que todos os homens devem comer, dormir, trabalhar reproduzir-se e rezar, essa determinação não chega ao ponto de especificar também que comida ingerir, de que modo produzir com que mulher (ou homem) acasalar-se e para quantos deuses ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espécie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar, os “jeitos” de cada qual. [...] Trata-se, sempre, da questão da identidade. De saber

quem somos e como somos; de saber por que somos. Sobretudo quando nos damos conta que o homem se distingue dos animais por ter a capacidade de se identificar, justificar e singularizar: de saber quem ele é. [...] A construção de uma identidade social, então, como a construção de uma sociedade, é feita de afirmativas e negativas (DAMATTA, 2000, p. 15-17).

No caso da identidade grapiúna, mesmo o cacau sendo o ponto central do desenvolvimento econômico, social e cultural do sul da Bahia desde o final do século XIX, ele sozinho não explica a conformação dessa identidade. O cultivo do cacau desenvolveu-se também em outras partes do mundo como outros países da América Latina e países africanos. Mas a forma como os indivíduos e grupos sociais da região cacaueira da Bahia processaram os elementos naturais, a apropriação das terras para o cultivo, a adaptação e transformação do meio geográfico e mesclaram suas culturas e criaram novos códigos culturais com certeza foi diferente. Esta região resulta, assim, em uma diferenciação espacial e sociocultural com uma identidade própria, diferenciada.

É nesse sentido que concordamos com Adonias Filho (2007) quando o autor afirma que a uniformidade ecológica, flora, fauna e clima não bastam para justificar a civilização do cacau. Assim, “a estrutura social e a organização econômica – sempre resultantes do cacau – a completam como fornecedoras de normas, convivências e identidades e fins que asseguram regionalmente a integração” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 10). Segundo esse autor a saga do cacau fermentou matéria artística e ficcional e concorreu para configurar o que realmente é um complexo de cultura regional, pois “o cacau à proporção que altera a paisagem, a empurrar e diminuir a selva, a abrir fazendas, estabelecer um sistema de comércio conforma culturalmente uma região” (p.10).

O cacau aparece sempre como o agente estruturador tanto do espaço como da identidade. É a partir do seu plantio e comercialização que o processo migratório para o sul da Bahia se intensifica no final do século XIX e início do século XX, misturando diferentes tipos e contextos sociais conformando assim uma região cultural.

É a partir desse encontro de diferentes povos (sejam brasileiros ou estrangeiros) que a identidade grapiúna vai se constituindo a partir das bases naturais, e socioculturais aqui engendradas, pois, é na relação dialógica com o outro que a identidade se constrói. Dessa forma, é nesse encontro de diferentes culturas que o ser grapiúna se constitui, se reconhece e é reconhecido como tal.

Para Claval (1999) os grupos sociais definem a si mesmos por contraste e por exclusão. Dessa forma, “nós não temos outra possibilidade de dizer *nós* a não ser pelo fato de formarmos uma coletividade que se opõe a massa dos outros” (CLAVALL, 1999, p. 98).

Esse fato, evidencia a relação entre identidade e diferença que, embora não sejam a mesma coisa, caminham juntas. A esse respeito, Woodward (2014) chama a atenção para a questão da *diferença* na construção das identidades. Para a autora, as identidades são fabricadas a partir da diferença, e “essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*” (p. 40, grifos da autora). Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Silva (2014) assinala que a identidade depende da diferença e a diferença depende da identidade, sendo mutuamente determinadas. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam sempre em ações de incluir e excluir. Ou seja, ao dividir o mundo social em “nós” e “eles” estamos assim classificando. E a classificação é central na vida social e pode ser entendida como um ato de significação pelo qual dividimos o mundo em grupos, classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza as classificações do mundo social. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade.

3.3.1 A respeito do visgo do cacau: ideias de pertencimento e reconhecimento da identidade grapiúna

A partir do entendimento da relação entre identidade e diferença, podemos finalmente questionar: quem são os grapiúnas de acordo com a narrativa ficcional de Jorge Amado? Quais são os seus códigos culturais mais expressivos? De que forma expressam a sua topofilia?

Penna (1992), estudando a identidade nordestina, faz uso de quatro hipóteses na tentativa de responder à questão: o que faz ser nordestino? A autora elenca inicialmente três hipóteses que segundo ela tomam a identidade numa perspectiva empírica, diretamente decorrente de algum fato observável:

1. a naturalidade: a identidade nordestina é dada objetivamente pelo local de nascimento, ou seja, se este pertence à região Nordeste, automaticamente o indivíduo é nordestino;
2. a vivência: a experiência de vida dentro das fronteiras da região é que faz ser nordestino;
3. a cultura: as práticas culturais indicam a identidade nordestina (PENNA, 1992, p. 50-51).

A quarta hipótese que Penna (1992) cita é a autoatribuição, ou seja, uma hipótese a partir da qual o indivíduo se reconhece, se define, se classifica, identificando-se assim com determinado grupo social ao mesmo tempo em que diferencia-se de outros. Na hipótese da autoatribuição, “o indivíduo é nordestino se se reconhece como tal” (PENNA, 1992, p. 51).

Na tentativa avançar um pouco para respondermos os questionamentos que fizemos acima sobre a identidade grapiúna, tomamos o texto de Penna (1992) como recurso metodológico a fim de confrontar as hipóteses supracitadas com alguns trechos do romance *Terras do Sem Fim*.

No tocante à primeira hipótese, a naturalidade, constatamos que ela sozinha não responde pela identidade grapiúna, pois como já tratamos acima, no final do século XIX e início do século XX muitos migrantes se dirigiram para o sul da Bahia em busca do eldorado que o cacau representava. Como no romance em estudo, Amado (2001) se refere justamente a esse início da formação da região cacaeira da Bahia, ele nos esclarece também que a identidade dessa gente, a identidade grapiúna, é, portanto, o resultado, do encontro de diferentes sistemas socioculturais. Assim, quando se refere à cidade de Ilhéus, (a mais importante cidade do sul da Bahia no início do século XX), por exemplo, Jorge Amado afirma que “*existiam poucos ilheenses de nascimento que já tivessem importância na vida da cidade. Quase todos os fazendeiros, médicos, advogados, agrônomos, políticos, jornalistas, mestres de obra eram gente vinda de fora, de outros estados*” (AMADO, 2001, p. 200-201).

Embora nascidos em outros estados ou em outras regiões da Bahia, “*amavam estranhamente aquela terra venturosa e rica*” (AMADO, 2001, p. 201). Aqui, a vivência nos limites da região cacaeira da Bahia é um componente importante para sentir-se um grapiúna. Aquela terra representava uma nova vida, longe das prolongadas secas do sertão. Um sonho de alcançar a riqueza para muitos que se aventuravam por aquela terra próspera. E nessa vivência na região, adquirem também as práticas culturais

que encontram na nova terra, mesclando-as com aquelas que trouxeram de outros sistemas culturais.

Para Penna (1992), a análise da identidade não deve se valer apenas de dados objetivos, fatos observáveis ou da materialidade (local de nascimento, tempo de vivência, práticas culturais), “torna-se prioritário que o pesquisador busque captar o modo como a identidade é simbolicamente representada, em situações determinadas, ou, mais especificamente a forma de autorreconhecimento” (PENNA, 1992, p. 74). Essa última hipótese pode ser exemplificada, no romance *Terras do Sem Fim*, com o excerto a seguir:

Todos se diziam grapiúnas e, quando estavam na Bahia [Salvador], em toda parte eram facilmente reconhecíveis pelo orgulho com que falavam.

– Aquele é um ilheense... – diziam.

Nos cabarés e nas casas de negócios da capital eles arrotavam valentia e riqueza, gastando dinheiro, comprando do bom e do melhor, pagando sem discutir preços, topando barulhos sem discutir o porquê. Nas casas de rameiras, na Bahia [Salvador], eram respeitados, temidos e ansiosamente esperados (AMADO, 2001, p. 201).

No fragmento acima, além do autorreconhecimento, há, também, o reconhecimento externo a partir dos indicadores objetivos, observáveis. Para Penna (1992), na alter-atribuição da identidade, os hábitos, ações, bens de cada grupo ou indivíduo, são objetos de representações mentais dos outros. Servem a estes, portanto, como referenciais para situar socialmente, para designar certa classe, para identificar.

Sendo assim, nesta direção de reconhecimento que vem “de fora”, ganham grande importância as práticas sociais e culturais, enquanto manifestações que podem ser interpretadas e valoradas diferentemente pelo próprio grupo e pelos vários setores com que entra em contato, pois tais signos são apreendidos pelos outros conforme os esquemas de percepção e apreciação de que dispõem (PENNA, 1992, p. 75).

Os indicadores observáveis não respondem sozinhos pelo reconhecimento da identidade, porém, eles não podem ser subtraídos da análise do jogo de constituição das identidades, pois servem de base para a alter-atribuição. Por outro lado, não se pode tomar a identidade apenas pela autoatribuição, ou seja, a partir da subjetividade. Cruz (2007) e Penna (1992) concordam que, no estudo da identidade, é preciso apreender simultaneamente os níveis objetivo e subjetivo, para que um não se reduza ao outro.

Para Cruz (2007) é importante superar as posições dualistas como: material/simbólico, objetivo/subjetivo. Para este autor,

A identidade é construída subjetivamente, baseada nas representações, nos discursos, nos sistemas de classificações simbólicas, embora não seja algo puramente subjetivo e não se restrinja à “textualidade” e ao “simbólico”. Ela não é uma construção puramente imaginária que despreza a realidade material e objetiva das experiências e das práticas sociais como muitos afirmam, e nem tampouco é algo materialmente dado, objetivo, uma essência imutável, fixa e definitiva (CRUZ, 2007, p. 18).

É nesse jogo de se conhecer e no encontro com o outro (encontro esse que também permite (re) conhecer-nos) que a identidade é (re) construída.

O grapiúna no olhar de Jorge Amado é primeiramente um ser envolvido direta ou indiretamente com o cacau. Tem sua vida amarrada às cadeias deste cultivo, ou seja, possui o visgo do cacau. O grapiúna é, na visão amadiana, destemido e se orgulha de pertencer à região cacaueira da Bahia, região esta cuja identidade se construiu a partir da diferença haja vista que surge de diferentes contextos sociais, que ao se encontrarem misturaram-se configurando assim uma região cultural. O cacau surge assim como o seu principal fator de diferença, pois, de uma forma ou de outra todos os elementos socioculturais configuram-se a partir das roças de cacau, fruto responsável por todo o processo migratório no final do século XIX e início do século XX, conformando e diferenciando assim a região cacaueira da Bahia.

A relação identitária com a região cacaueira aparece na obra amadiana principalmente sob a metáfora do *visgo do cacau*. Ter o visgo do cacau preso aos pés, ao coração ou na alma significa uma relação forte com a terra, com a região cacaueira: “*seu sogro dizia que cacau tinha um visgo, prendia nos pés, ninguém podia nunca fugir, estava amarrado*” (AMADO, 2010, p. 318). Ter o visgo do cacau é ser gente do lugar, ou seja, é ser grapiúna. É prender-se e deixar-se estar preso às amarras do cacau e mesmo no tensionamento do cotidiano, deixar aflorar a topofilia.

Quando mudamos levamos a nossa casa/lar/lugar conosco não como o caracol que a carrega nas costas, mas a levamos na nossa alma, no nosso ser. O grapiúna longe da terra do cacau carrega-a na alma presa ao visgo do cacau.

Na narrativa de *São Jorge dos Ilhéus*, retirada a base direta da sua existência no mundo do cacau – a fazenda – o capitão João Magalhães e sua família deixam a região cacaueira e instala-se em Salvador. “*Foram para a Bahia [Salvador], compraram uma*

pensão perto do porto, onde hospedavam gente que ia e vinha de Ilhéus, cacau tinha visgo” (AMADO, 2010, p. 318-319, grifo nosso). Estavam distantes, sem ter aparentemente nada mais a ver com o cacau. *“No entanto, a primeira coisa que procurava ler nos jornais, cada manhã, era a cotação do cacau [...] Cacau tinha visgo, agarrava nos pés”*. (p. 319).

É, portanto, sob o signo do cacau que as relações identitárias com a região cacaueira se estabelecem e se fortalecem na visão de Jorge Amado. Estar fora fisicamente do lugar não significa portanto que as relações de pertencimento sejam obrigatoriamente rompidas ou esquecidas. Se os laços com o lugar são fortes, os levamos conosco para qualquer parte, colados na alma como um visgo de cacau.

PAUSA NO CAMINHAR

Ao percorrer os caminhos do cacau guiados pela narrativa amadiana, buscamos identificar e compreender os elementos geográficos presentes nas obras *O menino grapiúna* (1982); *Terras do Sem Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944). O olhar amadiano sobre a região cacaueira da Bahia é um olhar de dentro, de quem vivenciou esse espaço. É, portanto, um olhar íntimo que reflete suas vivências e aventuras que se desenvolve a partir da memória e da imaginação. As “histórias de espantar” que Jorge Amado desenvolve em sua obra ficcional são frutos, muitas vezes, de histórias vividas em sua infância nas “melhores terras do mundo para o plantio do cacau” como expomos no primeiro capítulo desta dissertação. O escritor ancora-se no seu espaço de vivência para, em grande parte, desenvolver as histórias de seus personagens.

Dessa forma, percorrer os caminhos do cacau a partir da narrativa de Jorge Amado me permitiu construir um diálogo entre a geografia e a literatura capaz de pensar a região cacaueira a partir de um olhar de dentro, e ao mesmo tempo, reconhecer o meu próprio olhar sobre essa minha região nessa literatura.

O espaço e a espacialidade da região cacaueira na narrativa amadiana trazem imagens de obscuridade, imagens sombrias que revelam a violência, o desmando, a injustiça e o derramamento de sangue que segundo ele, são as marcas do desbravamento das terras dessa porção do espaço baiano no final do século XIX e início do século XX. Essa escrita é, segundo o próprio autor, fruto da sua infância nas terras grapiúnas, vivenciando portanto as últimas lutas pela posse da terra.

A partir da obra amadiana foi possível perceber a importância do cacau na vida de toda a região cacaueira. Inicialmente, essa importância parece ser apenas econômica mas ao aprofundarmos a leitura, o cacau surge como também como um código cultural dando sentido ao viver dos sujeitos da região.

A narrativa amadiana sugere um grande fluxo migratório para o sul da Bahia no início do século XX em busca desse eldorado que representava o cacau. Homens e mulheres que fugiam principalmente da seca e da miséria do sertão nordestino, desembarcavam nas terras do cacau com sonho de conseguir um pedaço de terra e plantar o ouro que nasce do cacaueiro, e que valia mais do que o próprio ouro. Mas, em muitos casos, como mostrou a pesquisa, muitos desses migrantes não conseguiam

realizar esse sonho pois no início do século XX a procura por terras no sul da Bahia aumentou bastante o que fez com que houvesse uma valorização fundiária e as últimas terras disponíveis para o plantio do cacau eram disputadas com violência.

É nessa violência que centra-se a narrativa de *Terras do Sem Fim*. Nela, Jorge Amado traça um painel, de forma ficcional, das características socioeconômicas e cultural da região cacauzeira da Bahia no início do século XX, narrando a disputa pela mata do Sequeiro Grande entre duas poderosas famílias de cacauicultores. A narrativa denuncia dessa forma, a violência e o desmando que, na visão do romancista seriam as marcas do desbravamento dessas terras do cacau, as *Terras do Sem Fim*. Violência empreendida pelos grandes coronéis que sempre contavam com o jagunço enquanto seu braço armado tanto na disputa por terras entre os coronéis quanto entre estes e os pequenos produtores.

Violência também caracterizada nas péssimas condições de trabalho nas roças de cacau vivenciadas por aqueles cujo sonho de uma vida melhor esfumaçava-se diante dessas condições impostas.

Mas, ao mesmo tempo, emerge da narrativa sentidos de lugar, sempre relacionados ao cacau. O cacau é, portanto, a liga da relação sujeito-lugar.

Essas mesmas terras conquistadas na base da violência e desmando, são, posteriormente passadas para o capital externo representado à época pelas casas exportadoras de cacau. Esse novo tempo instalado no sul da Bahia, é visto pelo romancista como destruturador do espaço e das relações socioespaciais. Por isso, o capital externo é visto na narrativa de *São Jorge dos Ilhéus* como um monstro devorador que visa incorporar todas as estruturas presentes no espaço.

A narrativa de *São Jorge dos Ilhéus* apresenta-nos aqueles mesmos poderosos coronéis da narrativa anterior, *Terras do Sem Fim*, enredados numa teia de relações novas. Estavam eles envolvidos em uma tocaia diferente, uma tocaia moderna onde o jogo dos preços do cacau eram as novas armas. E é dessa forma que Jorge Amado narra a entrada do capital externo nas terras do cacau, e muitas fazendas passam das mãos dos agricultores locais para os exportadores de cacau.

Para Bachelard (1993), memória e imaginação são coisas distintas, embora possam, caminhar juntas. Em Jorge Amado, isso se constitui uma característica bem

particular da sua escrita pois o romancista se alimentou muitas vezes da sua memória, da sua vivência nas terras do cacau para compor parte da sua literatura.

Em *O menino grapiúna* percebemos o quanto suas memórias de infância foram importantes para a composição das suas tramas sobre o cacau. Nascido em 1912 na fazenda Auricídia, em Itabuna, Jorge Amado vivenciou as últimas lutas pelas “melhores terras do mundo para o plantio do cacau”. Vivenciou as lutas, aprendeu com os coronéis, os jagunços e os trabalhadores das roças e com esses fios condutores, teceu a partir do olhar ficcional, a trama de uma “história de espantar”.

Penso que percorrer os caminhos do cacau no sul da Bahia a partir da narrativa de Jorge Amado foi percorrer os caminhos da minha própria história. Foi uma oportunidade de reforçar também a minha identidade grapiúna. Me perceber enquanto uma pessoa ligada diretamente ao cacau. Aliás, o cacau, como pode-se observar no decorrer desta pesquisa, é o agente gerador de identidade. Estar ligada ao cacau é reconhecer os códigos culturais presentes no espaço da região cacaueira da Bahia.

As histórias de Amado fazem parte também da minha história de alguma forma. Visitá-las a partir dos seus livros torna-se portanto, uma visita familiar.

Com este trabalho, esperamos ter contribuído de alguma forma para a ampliação dos diálogos possíveis entre geografia e literatura, principalmente no que se refere ao diálogo entre geografia e a literatura de Jorge Amado da chamada fase “cacauísta”, literatura esta ambientada no sul da Bahia.

REFERÊNCIAS

ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia: chão de cacau**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

AMADO, Jorge. **O menino grapiúna**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. **Navegação de Cabotagem: Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. **Discursos**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

_____. **Cacau**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Terras do Sem Fim**. 68. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Mar Morto**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Carta a uma leitora sobre romance e personagens**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2003.

_____. **São Jorge dos Ilhéus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AMARO, Fernanda Ribeiro. **Escritos de viagem e a construção do espaço vivido por meio do deslocamento**. Rosa dos Ventos: UFU, 2013, 131 p. (Dissertação de Mestrado em Geografia).

ANTONELLO, Ideni Terezinha. As territorialidades amazônicas reluzem na narrativa literária de Peregrino Júnior. In: GRATÃO, Lúcia H. Batista e MARANDOLA JR., Eduardo. **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010. p. 169-190.

_____. **O olhar geográfico na interioridade do olhar sensível da obra literária**. Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e cognição do Meio Ambiente. Universidade de Londrina, 2005. Disponível em: <https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/ideni.pdf>. Acesso: 08-01-2017.

ANTONINO, Lucas Zenha. **Os lugares da memória de Carlos Drummond de Andrade: imagens poéticas de Belo Horizonte (MG)**. Geograficidade, v.5, n.1, Verão 2015, p. 60-72.

ARAÚJO, Danieli Barbosa de; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. **Identidade e lugaridades: a ontologia do ser migrante**. XI Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas: Humanidades, Estado e desafios didático-científicos. Londrina, 2016. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/identidade-e-lugaridades-a-ontologia-do-ser-migrante-23583>. Acesso: 16-02-2017.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAHIA, Ouvidoria do Estado da. **Hospital Costa do Cacau, em Ilhéus, será inaugurado em junho.** Salvador, 29 de junho de 2017, disponível em: <http://www.ouvidoria.ba.gov.br/2017/04/138620,20/Hospital-Costa-do-Cacau-em-Ilheus-sera-inaugurado-em-junho-.html>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra:** seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BEZZI, M. L. **Região como foco de identidade cultural.** *Geografia*, v. 27, n. 1, p. 5-19, 2002.

BEZZI, M. L.; BRUM NETO, H. **A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho.** *Ra'ega*, Curitiba, n. 17, p. 17-30, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Literatura, Música e Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 17-77.

_____. O romance: outro sujeito para a Geografia. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Literatura, Música e Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 79-121.

BRUM NETO, H. **Regiões Culturais:** a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. 328 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2016.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e terra, 1999. p. 21-92.

CHALHOUB, S. **Machado de Assis Historiador.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CLAVAL, P. *A Geografia Cultural.* Tradução de PIMENTAL, L. F.; PIMENTA, M.A. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CORREA, R. L. Região cultural: um tema fundamental. In: _____.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Espaço e cultura**: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 11-43.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma Geografia Cultural radical: problemas da teoria. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Niteroi: Eduff, 1986.

CRUZ, V. C. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In: BEZERRA, A. C. A. et. al. (Orgs.). **Itinerários geográficos**. Niteroi: EdUFF, 2007, p. 13-35.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 09-20.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DARTIGUES, André. **O que é a Fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2008.

EUCLIDES NETO. **O tempo é chegado**. Salvador: Edufba, 2013.

FALCÓN, Gustavo. **Os Coronéis do Cacau**. Salvador: Solisluna, 2010.

FERNANDES, Márcio Luis. **Um outro horizonte em busca da humanização da Geografia**. Revista Geograficidade, v. 4, n. 1, verão 2014, p. 78-87.

FRANCESCHI, Antônio Fernando de. **Cadernos de literatura brasileira**: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. **Os Donos dos Frutos de Ouro**. Salvador: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, 1979.

GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. **Mecanismos de Formação da Propriedade Cacaueira no Eixo Itabuna/Ilhéus - 1890-1930**: Um Estudo de História Agrária. Salvador: UFBA, 1977, 216 p. (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1977).

GOMES, Paulo C. da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de. et al. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 49-74.

_____. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. **O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista**: um lugar chamado Avenida Paulista. USP, 2010, 267 p. (Dissertação de Mestrado em Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010).

GRATÃO, Lúcia H. Batista e MARANDOLA JR., Eduardo. Geograficidade, poética e imaginação. In: GRATÃO, Lúcia H. Batista e MARANDOLA JR., Eduardo. **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010. p. 7-15.

GRATÃO, Lúcia H. Batista. Por entre becos e versos – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. In: GRATÃO, Lúcia H. Batista e MARANDOLA JR., Eduardo. **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010. p. 297-328.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. **Memória e autobiografia: uma abordagem do gênero textual no filme no filme O espalho**, de Andrei Tarkovski. Revista Comunicação e Sociedade, ano 31, n. 53, p. 167-189, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-Global: Dilemas da Região e da regionalização na Geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. **O gênero romance e sua especificidade moderna: diálogos entre história e literatura a partir de *A la recherche du temps perdu***. Revista Fênix, ano 9, n. 3, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HEINE, Maria Luiza. **Jorge Amado e os coronéis do cacau**. Ilhéus: Editus, 2004.

HISSA, Cássio E. V. **A mobilidade das fronteiras: inserções da Geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. In: Revista Território. Rio de Janeiro, ano 2, nº 3, jul/dez, 1997.

_____. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: HOLZER, Werther; MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. P. 281-304.

_____. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Eduel, 2016.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny (orgs.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.157-179.

LIMA, S.T. de. **Geografia e Literatura**: alguns pontos sobre a percepção da Paisagem. In: **Geosul**. Florianópolis, 15, nº 30, jul/dez, 2000.

LIMA, Isis Penna. **O legado do cacau**: reinvenção e refuncionalização do patrimônio cultural e arquitetônico do centro histórico da cidade de Ilhéus-BA. UNICAMP, 2012. Dissertação de Mestrado em Geografia.

LIMA, Angelita Pereira de. **Romancidade**: sujeito e existência em leituras geográfico-literárias nos romances *A centopeia de neon* e *Os cordeiros do abismo*. UFG, 2013. Tese. Doutorado em Geografia.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: *In*: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

MACHADO, Ana Maria. **Romântico, sedutor e anarquista**: como e por que ler Jorge Amado hoje. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

MATTOS, Cyro de. **O mar na rua Chile e outras crônicas**. Ilhéus: Editus, 1999.

_____. **Um grapiúna em Frankfurt**. Itabuna: Academia de Letras de Itabuna. Disponível em: <http://www.academiadeletrasdeitabuna.com.br/2013/03/um-grapiuna-em-frankfurt-cyro-de-mattos.html>. Acesso em: 02 de agosto de 2017.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia, século XIX**: uma Província do Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **Valores em Geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttmer**. In: Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, nº 19-20, jan/dez 2005, p. 33-40.

_____. Geografia Humanística: A Perspectiva da Experiência Vivida e Uma Crítica Radical ao Positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-115, 1990.

MONTEIRO, Carlos A. de F. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra da Brasil**. São Paulo: EdUSP, 2003. p. 75.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 1-27, 1993.

NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. Uma odisseia no espaço: a geografia na literatura. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 73-113.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: HOLZER, Werther; MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. P. 3-16.

OLIVEIRA, Rita Lírio de. **A palavra e o tempo de Euclides Neto**: um garimpeiro da identidade cultural grapiúna. Ilhéus: Editus, 2013.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Rumo às entranhas – um percurso pelo rio até o coração da treva. In: GRATÃO, Lúcia H. Batista e MARANDOLA JR., Eduardo. **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Edel, 2010. p. 99-119.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

PINHEIRO, Délio J. Ferraz; SILVA Maria A. da. **Visões imaginárias da cidade da Bahia**: diálogos entre a geografia e a literatura. Salvador: Edufba, 2004.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: HOLZER, Werther; MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. P. 17-32.

RIBEIRO, André Luiz Rosa.; SACRAMENTO, Sandra. **Morte e gênero**: estudos sobre a obra de Jorge Amado. Ilhéus: Mondrongo, 2012.

RISÉRIO, Antônio. A Bahia com “H” – uma leitura da cultura baiana. In: REIS, João José (Org.). **Escravidão e invenção da liberdade**. Estudos sobre o negro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 144-165.

ROCHA, Lurdes Bertol. **A região cacauzeira da Bahia**: dos coronéis à Vassoura - de - Bruxa. Saga, percepção, representação. Ilhéus: Editus, 2008.

RODRIGUES, Adyr A. Balastrieri. **Espaços de turismo e de lazer urbano** – uma leitura geográfica. Revista Aportes Y Transferências, v. 1, p. 22-42, 2007.

SANTOS, Milton. **Zona do cacau**. Introdução ao Estudo Geográfico. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 07-72.

SILVEIRA, A. K. Entrevista. **A Região**, Itabuna, ano XVIII, n. 859, p. 6. 17 abr. 2004.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. O que é uma Geografia de lugar nenhum? In: GRATÃO, Lúcia H. Batista e MARANDOLA JR., Eduardo. **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Edue, 2010. p. 191-206.

SOUSA, Antônio Pereira. **Tensões do Tempo: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado**. Ilhéus: Editus, 2001.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

_____. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Espaço, Tempo, Lugar**: um arcabouço Humanista. Revista Geograficidade v.01, n.01, Inverno 2011. p. 04-15.

VIEIRA, J. H. de C. **O amigo do cacau**. Baú de recordações. São Paulo: Edições GRD, 1999.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 07-72.